UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Marcelo Augusto Miyahiro

O Brasil de Élisée Reclus:
território e sociedade em fins de século XIX

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Marcelo Augusto Miyahiro

O Brasil de Élisée Reclus:
território e sociedade em fins de século XIX

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana
Orientador: Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto

São Paulo
2011

Dedico este trabalho a Rosa Nagamine Miyahiro, minha mãe e a José Miyahiro, meu pai que sempre me apoiaram, cada um a seu modo, para que o autor dessas palavras atingisse seus projetos e sonhos...

AGRADECIMENTOS

Necessito agradecer a algumas pessoas que, de modos diferentes, participaram direta ou indiretamente na elaboração desse trabalho.

Agradeço ao Professor Doutor Manoel Fernandes de Sousa Neto pela orientação e por entender as minhas limitações e erros de aprendiz nesse mundo da pós-graduação e da pesquisa.

Ao Professor Doutor Antonio Carlos Robert Moraes e a Professora Doutora Maria Amélia Mascarenhas Dantes pelas críticas e sugestões apresentadas no exame de qualificação.

Ao David Alejandro Ramírez Palácios pelo diálogo e troca de materiais sobre Élisée Reclus e ao Adriano Gonçalves Skoda pelas conversas e ajudas oportunas.

As jovens amigas veteranas de pós-graduação Elisângela Couto e Aline Lima Santos que colaboraram em um momento central na elaboração desse trabalho.

Aos amigos do tempo de graduação e companheiros de ofício Adriano de Siqueira, Carlos Santos Machado Filho, Lúcio Cazuza e Marcio Henrique de Mello Pereira que de formas diferentes acompanharam minha caminhada nessa jornada.

Ao José Josberto Montenegro Sousa, Adriana Lourenço Lopes e Clarissa Moreira dos Santos Schmidt que sempre me incentivaram a continuar meus estudos em nível de pós-graduação.

A Miley Antonia Almeida Guimarães pela correção e tradução do resumo e do *abstract*.

A Daniele Carolina Jacinto agradeço seu amor, companheirismo e alegria durante nossos primeiros passos juntos, como também a compreensão da natureza do trabalho intelectual, e, por fim, a paciência de que um dia o mestrado acaba...

Finalmente, agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) pela concessão do Afastamento para Participação em Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* no País.

“He dicho Escuela del Sur; porque en realidad *nuestro norte es el Sur*.
No debe de haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur.
Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo.
La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte.”

Joaquín Torres García

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa na área de história da geografia, baseada no estudo da obra *Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatistica* (1900), de Élisée Reclus. Originalmente, esta obra constitui-se como o capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle (NGU)*, publicada em 1894, em que o geógrafo francês estudou as regiões Amazônica e do Prata: Guianas, Brasil, Paraguai, Uruguai e a Argentina. Para tanto, Reclus realizou, em 1893, a sua última grande viagem ao redor do mundo – seu destino foi, pela segunda vez, a América do Sul, especificamente, Argentina, Brasil, Chile e Uruguai – patrocinada pela editora Hachette para subsidiar a produção do último número da *NGU*. Esta obra alinhava-se ao espírito das enciclopédias geográficas universais que marcaram o século XIX por também ser resultado da sistematização do conhecimento das diferentes latitudes e longitudes da Terra. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é descrever e analisar uma visão de Brasil no contexto do final do século XIX. Para isso, são apresentadas algumas palavras sobre a viagem científica de Reclus ao Brasil. A seguir, é estudada a representação do Brasil na *Nouvelle Géographie Universelle*. Por fim, a tradução de Ramiz Galvão para o Brasil de Reclus é estudada, verificando o contexto de sua publicação e as contestações do tradutor acerca da idéia de Brasil produzida pelo geógrafo francês.

Palavras-chave
Geografia; História da Geografia; Brasil; Élisée Reclus; Ramiz Galvão.

ABSTRACT

This dissertation is the result of research in the area of History of Geography, based on the analysis of the body of work *Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatistica* (1900), by Élisée Reclus. This work was originally published in the chapter *États-Unis du Brésil* contained in tome XIX of *Nouvelle Géographie Universelle (NGU)*, published in 1894, in which the French Geographer studied the Amazonian and Prata regions: Guyanas, Brazil, Paraguay,

LISTA DE DESENHOS E GRAVURAS

Entrada da Bahia do Rio de Janeiro.
Desenho de Taylor, segundo photographia.....87

Interior d'uma choça dos Ticunas.
Desenho de J. Lavée, por uma photographia emprestada pela Biblioteca do Museu.....88

Choças de indios orejones do Içá.
Desenho de Riou, segundo uma photographia de J. Crevaux.....89

Indios Carajás.
Gravura de Thiriat, segundo photographia emprestada pelo sñr. Coudrau.....90

O Cafezal.
Desenho de G. Vuillier, segundo photographia.....91

Grupo de Araucarias, em S. Paulo.
Desenho de Boudier, segundo photographia.....92

Porto de Santos, Vista Tomada em 1891.
Grav. de Bocher, segundo photographia.....93

Paizagem de Matto-Grosso. – As Margens do Aquidauana.
Desenho de A. Slom, segundo esboço offerecido pelo Snr. Taunay.....94

Mulas transportando minereo.
Desenho de A. Paris, segundo photographia.....95

Porto do Recife. – Vista tomada do Recife.
Desenho de Th. Weber, segundo photographia.....96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfis dos sócios presentes a 8ª sessão ordinária de 30 de junho de 1893 do IHGB.....37

Tabela 2. Perfis dos sócios presentes a sessão extraordinária de 18 de julho de 1893 da SGRJ.....45

Tabela 3. Perfis dos sócios presentes à sessão de 25 de outubro de 1898 da ABL.....103

Tabela 4. Número de citações das principais referências tropicais presentes em *EUB*.....109

Tabela 5. Número de obras citadas entre as principais referências tropicais presentes em *EUB*.....110

Tabela 6. Estatística das notas do tradutor em *EUB*.....114

Tabela 7. Total de páginas por capítulo e as notas do tradutor em *EUB*.....115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL - Academia Brasileira de Letras
AGB - Associação de Geógrafos Brasileiros
BN - Fundação Biblioteca Nacional
BnF - Biblioteca Nacional de França
DG - Departamento de Geografia
EUB - Estados Unidos do Brasil
FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
IEB - Instituto de Estudos Brasileiros
IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica (Brasil)
IN - Imprensa Nacional
INEGI - Instituto Nacional de Estatística e Geografia (México)
MN - Museu Nacional
MRE - Ministério das Relações Exteriores
NGU - Nouvelle Géographie Universalle
SAIN - Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional
SGRJ - Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro
SBG - Sociedade Brasileira de Geografia
UFF - Universidade Federal Fluminense
UGI - União Geográfica Internacional
UNAM - Universidade Nacional Autonoma de México
UNB - Universidade Nova de Bruxelas
UNESP - Universidade Estadual Paulista
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....04

INTRODUÇÃO.....14

CAPÍTULO 1. A VIAGEM CIENTÍFICA DE ÉLISÉE RECLUS AO BRASIL
O Brasil que Reclus encontra em sua viagem.....19
As sociedades geográficas com quem dialoga Reclus.....33
Dos percursos tropicais aos brasileiros com quem trabalha Reclus.....47
As cartas tropicais de Reclus.....55

CAPÍTULO 2. O BRASIL DA NOVA GEOGRAFIA UNIVERSAL DE RECLUS
Os fundamentos científicos e filosóficos de Reclus.....59
O contexto de uma obra que se pretende universal.....63
A partir do sumário: modos de olhar um país.....69
A cartografia do Brasil da *NGU* por Charles Perron.....79
Algumas iconografias do Brasil da *NGU*.....85

CAPÍTULO 3. O BRASIL DE RECLUS TRADUZIDO POR RAMIZ GALVÃO
O contexto de uma tradução: a publicação de *EUB*.....97
As referências tropicais do Brasil de Reclus: um exame bibliométrico.....106
Uma tradução, várias dissensões.....112
Um apêndice para explicar polêmicas:
a controvérsia França / Brasil em torno da fronteira Guiana / Amapá.....117

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....132

REFERÊNCIAS.....135

INTRODUÇÃO

André Meynier inicia seu livro[1] com uma pergunta. O que representa o hiato entre os anos da morte de Humboldt e Ritter em 1859 e a publicação das obras de Vidal em 1900? (MEYNIER, 1969) O próprio autor responde a pergunta no capítulo sugestivamente intitulado *Le temps de l'éclosion (1872-1905)*. Na segunda seção do capítulo do tempo da eclosão, Meynier escreveu sobre *Le bouillonnement créateur*, e apresentou Élisée Reclus, entre outros geógrafos franceses que viveram o *fin de siècle* XIX como intelectuais do período e, portanto, viveram entre o hiato dos geógrafos alemães e Vidal.

Por sua vez, Manoel Fernandes de Sousa Neto em seu artigo nos apresenta reflexões provocantes e propositivas acerca da história da ciência e da história da geografia, em suas palavras:

> E se faz necessário que não apenas saibamos quais são as fontes, mas onde encontrá-las e os modos de fazê-lo. É preciso, portanto, uma sólida política de pesquisa na área, para que a história da ciência, entre nós, não continue a ser obra de aventuras pessoais. [...]
> Essa dificuldade com as fontes, deriva em muito, ainda, de muitos acharem que fazer uma história da ciência é fazer uma história das instituições, pessoas, escolas, e idéias que, digamos assim, deram certo, foram adiante, fizeram sucesso. Quase ninguém parece querer contas *as histórias* que foram colocadas fora da História, digamos assim, não é importante saber quem foram os carpinteiros do cavalo de Tróia mas, cá entre nós, aqueles carpinteiros eram geniais.[2]

Este trabalho teve como u532 Tf 0.99946164.037(d)0.883431(e)11.1634( )-164.037(s)-3.71

a produção da *Nouvelle Géographie Universelle* o geógrafo francês firmou um contrato com a Hachette que expressava claramente que a editora estava contratando o geógrafo e não o anarquista (LACOSTE, 1981; GIBLIN, 1981; ANDRADE, 1985; RAMÍREZ Palácios, 2006).

Contudo, consideramos necessária e válida a interpretação de que a censura que a editora impôs a Reclus na abordagem de aspectos políticos e religiosos em seus estudos, não pôde ser cumprida em sua totalidade, uma vez que ambos eram inseparáveis (GIBLIN, 1976; ANDRADE, 1985; RAMÍREZ Palácios, 2006).

Outrossim, em nossa aproximação com o capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle* e sua tradução *Estados Unidos do Brasil* confirmam o fato de que a censura posta a Reclus pela editora efetivamente o limitou no aprofundundamento de determinados temas e em suas descrições e análises da geografia universal.

No entanto, a qualidade do trabalho de Reclus se evidenciava, tanto que os elogios que a obra recebeu do Marques de Paranaguá manifestados na ocasião de sua recepção na instituição a que ele presidia não podem ser interpretados como gratuitos pelo peso de suas palavras na conclusão de seu discurso: a Nova "Geographia Universal, obra de subito valor scientifico – *monumentum aere perennius*"[7].

Apesar disso, a obra de Reclus passou por um segundo *hiato* de negligencia – das primeiras décadas aos anos de 1970 – assim sua obra foi reabilitada por um grupo de geógrafos franceses liderados por Yves Lacoste e Béatrice Giblin agrupados na revista *Hérodote*[8].

Essa dissertação inscreve-se como um breve esforço no resgate da obra produzida pelo geógrafo francês dedicada ao estudo do Brasil em uma perspectiva de diálogo com a história da geografia. E para sua realização buscamos

---

[7] SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Marquez de Paranaguá, presidente da Sociedade"**. t. 11, n. 1-4, 1895.

[8] GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus : géographie, anarchisme. **Hérodote**, n. 2, Paris : François Maspero, avril-juin 1976, p. 30-49 ; Elisée Reclus: Un géographe libertaire. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981.

Neste contexto de mudanças, o Brasil setentrional antigo centro da economia colonial brasileira, vivia o declínio da agricultura da cana-de-açúcar produzida nas *plantations* com a força de trabalho dos escravizados. Já o Brasil meridional, assumia a função de novo centro da economia nacional, se destacando neste processo a Província do Rio de Janeiro como área pioneira da agricultura monocultora e exportadora de café produzido com a força de trabalho dos escravizados e dos novos imigrantes. O pioneirismo e a hegemonia da província fluminense na cafeicultura brasileira foram efêmeros, sendo desde cedo alvos da cobiça da ascendente aristocracia paulista, conforme Schwartzmann escreveu: "por volta de 1860, cerca de 80% da produção brasileira de café vinha da província do Rio de Janeiro; no fim do século, São Paulo representava mais de 60% de uma produção muito maior. [...]"[20]

Vale destacar que a mudança da localização do motor da economia brasileira – do Norte para o Sul – principalmente resultado do crescimento da produção cafeeira em comparação com a estagnação da produção canavieira, possibilitou as instituições científicas fundadas acerca das regiões produtoras do café se beneficiarem mais dos resultados da produção da nova riqueza nacional em detrimento das demais instituições localizadas em regiões mais distantes do novo centro da economia nacional[21].

Dentre as instituições científicas fundadas neste período podemos identificar, principalmente, as faculdades de medicina e de direito, os institutos históricos e geográficos e os museus. Com as fundações destas instituições científicas de diferentes áreas do conhecimento – a formação, o perfil e os interesses de seus membros[22] também iniciaram uma ampliação de horizontes em

---

[20] SCHWARTZMANN, Simon. **Um espaço para a ciência**: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001, p. 95.

[21] "Aqui se torna necessário registrar que dentro da lógica dos grandes ciclos econômicos brasileiros deliberadamente saltamos o papel e a importância da mineração para a formação territorial do Brasil em razão deste ciclo ter tido seu auge principalmente no século XVIII e início do século XIX." Cf. PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 45ª reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1998.

[22] "Na verdade pouco se sabe sobre a origem social desses intelectuais. Enquanto alguns analistas destacam os estreitos liames entre tais grupos, a aristocracia agrária e o Estado monárquico [...], outros encontram nesses profissionais representantes de "novos segmentos urbanos bastante opostos à burguesia tradicional proprietária de terra" [...]. Talvez a única maneira de defini-los seja seguir de perto sua atuação, como sugeriu Mariza Corrêa [...]. Isto é, se essa elite ilustrada não

razão dos contatos estabelecidos no velho mundo e da entrada das novas idéias em terras tropicais, que, principalmente nas últimas três décadas do século XIX, passaram a estar presentes como jamais estiveram ao longo da história do Brasil, entretanto, *idéias novas* e pensamentos:

> [...] fortemente marcados por um viés político etnocêntrico e colonialista. Este viés conduziu à formação de teorias que visualizavam os outros povos tendo como centro a sociedade européia, portadora das verdades da ciência, do progresso e da civilização, frente às quais as demais culturas parecem sempre deficitárias. Devemos compreender o sentido destas idéias, sua importância histórica e como se tornaram vetores de um pensamento sobre o problema nacional brasileiro. [...][23]

No entanto, no Atlântico Norte, especificamente na Europa, na longínqua

contemporâneos, Mill foi novamente nas palavras de Taine, o homem que “abriu o velho caminho certo da indução e do experimento”. Contudo essa perspectiva estava explicitamente baseada em Comte e Spencer, numa visão histórica do progresso

> os animais, mas também o homem para o esquema evolucionista.[25]

Em geografia, conhecimento que neste período buscava afirmar-se como ciência moderna e para tal tarefa se apropriava da missão de oferecer um entendimento da Terra em sua dimensão natural e social, a influência das idéias de Darwin também estiveram presentes e com grande impacto na redefinição das clássicas concepções científicas vigentes.

O poder da ciência de Darwin ultrapassou todos os limites entre as áreas científicas, inclusive estendendo o uso do método das ciências naturais para as ciências humanas, a partir principalmente do modelo explicativo da biologia. Assim sendo, o homem e a sociedade seriam analisados sob o viés das ciências naturais, resultando na aplicação da lógica da análise das sociedades não-humanas para as sociedades humanas.

Regressando ao Atlântico Sul, especificamente no Brasil, os *homens de sciencia* brasileiros praticavam indiscriminadamente a importação e a transferência de idéias, filosofias e pensamentos do velho mundo, criando uma "ebulição intelectual" em terras tropicais conforme as palavras de Fernando de Azevedo. Já nas palavras de Silvio Romero, a partir destas práticas "um bando de idéias novas esvoaçava sobre nós de todos os pontos do horizonte".

E entre essas *idéias novas* que adentravam no território brasileiro neste período se difundiram principalmente: o evolucionismo, o darwinismo, o neolamarckismo, o positivismo e o materialismo filosófico e político (HOBSBAWM, 1996; LOPES, 1997; MACHADO, 1995; SCHWARCZ, 1993, SCHWARTZMANN, 2001).

No entanto, por que necessitávamos da razão e da ciência européia? Era exagerado afirmar que "no Brasil respira-se sciencia"[26] neste período? Um entendimento possível poderia ser que os *homens de sciencia* brasileiros pensavam que somente com a atividade científica ganhariam a confiança e o respeito da sociedade. Dessa forma, "[...] ficar fora do escopo do que possa

---

[25] HOBSBAWM, Eric J. **A era do capital**, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 358-359.

[26] Revista Academica da Faculdade de Direito do Recife, 1893.

merecer esse adjetivo é cingir-se ao passado, à crendice, à falta de rigor e à impossibilidade de progredir."[27]

Entretanto, tais considerações sobre a atividade científica são tributárias do contexto intelectual influenciado por uma visão analítica do mundo ou são derivadas do cientificismo do final do século XIX?

Um caminho para se pensar está questão pode ser que para estes *homens de sciencia* brasileiros para entender a sociedade e o território nacional através um olhar analítico, metódico e rigoroso necessitavam aproximar-se de uma visão que:

> [...] mobilizava uma das idéias-força de seu tempo: a evolução, marcha ascendente das sociedades em direção ao incremento das forças produtivas, à generalização das inovações tecnológicas, a uma crescente racionalização, a um maior controle sobre as forças naturais. Marcado pelo credo evolucionista, [...] acerca da questão nacional, que desde o início do século se difundia entre a elite do país. [...] Com o processo de modernização institucional iniciado por volta de 1870, criou-se um novo pensamento sobre a nação brasileira, que para uma parcela significativa desta elite caracterizou-se sobretudo pela assimilação de princípios científicos ao debate sobre a nacionalidade. Os chamados "núcleos de modernização", instituições de ensino humanístico e técnico formadoras da elite brasileira, tornaram-se espaços privilegiados de criação e difusão destas novas idéias.[28]

Contudo, apresentamos como porta de saída deste breve exercício de pensar o período imperial do/no Brasil a seguinte consideração:

> O Segundo Reinado no Brasil é um período de paradoxos, com definições pouco ortodoxas e engendradas em meio a um rebuliço fantástico nas idéias, nas instituições sociais, nas projeções políticas. Tempo de um pensamento fora de centro [...], ao sul dos lugares em que as ideações se originaram. O que desembarca aqui sofre metamorfoses, transfigura-se para aparentar o oposto do legítimo e desta forma legitimar, para nós, o uso feito de certos

[27] ASSIS, Jesus de Paula. Kuhn e as ciências sociais. **Estudos Avançados**. n° 19, vol. 7, set./dez., 1993, p. 133-164.
[28] MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica**: ciência e nacionalidade no país D'os Sertões. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2007, p. 28-29.

> expedientes originados nesta América Lusitana, que fala Português, consome em Inglês e pensa *afrancesadamente*. [29]

Para melhor compreendermos o Brasil que Reclus conheceu – uma vez que a viagem do geógrafo francês por nosso país se deu em 1893 – vamos concentrar a descrição e análise nos acontecimentos dos anos iniciais do período republicano, ou seja, no período da República da Espada.

Os republicanos não se dividiam somente por ideologias ou por suas condições de civis e militares, eles também representavam grupos econômicos, políticos e sociais distintos. Outra diferença era ligada a representações regionais distintas e por vezes conflitantes que buscavam apropriar-se do comando da nova ordem republicana que caminhava para a consolidação e estabilização. Entre os republicanos civis destacaram-se os cariocas que majoritariamente eram constituídos por advogados, médicos, engenheiros e jornalistas, ou seja, profissionais liberais e alguns intelectuais que quiçá defenderam, principalmente, a Abolição da Escravidão e uma transição pacífica da monarquia para a república, de preferência com a morte do Imperador. Entre republicanos civis paulistas, as bases econômicas e sociais eram outras, elas estavam vinculadas em sua maioria à aristocracia latifundiária e cafeicultora, que após o fim da República da Espada, passaram a ser os novos *donos do poder* inaugurando a República das Oligarquias, a partir da eleição de Prudente de Morais e de Campos Sales como os primeiros brasileiros civis no cargo de Presidente da República.

Interessante a visão de um intelectual como Euclides da Cunha sobre a entrada das idéias e filosofias no contexto da transição do Império à República nos apresentando assim um outro olhar deste fato histórico onde busca compreender a mentalidade do/no Brasil naquele presente:

> Porque na realidade, o que houve foi a transfiguração de uma sociedade em que penetrava pela primeira vez o impulso tonificador da filosofia contemporânea [...]. As novas correntes, forças conjugadas de todos os princípios e de todas as escolas – do comtismo ortodoxo ao positivismo desafogado de Littré, das conclusões restritas de Darwin às generalizações ousadas de Spencer – o que nos trouxeram, de fato, não foram os seus princípios abstratos, ou leis incompreensíveis à grande maioria, mas as grandes conquistas liberais do nosso século, e estas compondo-se com uma aspiração antiga e não encontrando entre nós arraigadas tradições monárquicas, removeram, naturalmente sem ruído – no espaço de uma manhã – um trono que encontraram [...] Foi o que se viu a 15 de novembro de 1889: uma parada repentina e uma sublevação, um movimento refreado de golpe e transformando-se, por um princípio universal, em força; e o desfecho feliz de uma revolta. Porque a revolução já estava feita.
> Euclides da Cunha (1909 apud MURARI, 2007, p. 33)

No entanto, voltemos alguns anos, ainda durante o governo provisório[32] de Deodoro da Fonseca dentre os primeiros atos do governo republicano que introduziram mudanças institucionais na organização do Estado brasileiro podemos destacar: a forma de governo republicana, a divisão e independência entre os poderes – Legislativo, Executivo e Judiciário –, o sistema de governo presidencialista, a organização federativa do Estado, a convocação de eleições para a Assembléia Constituinte, a separação dos interesses do Estado e da Igreja, entre outras medidas de caráter republicano que foram confirmadas a partir da promulgação da Constituição Federal de 1891.

Mapa 1. República dos Estados Unidos do Brazil (1889)

fonte: Ministério da Agricultura, Industria e Commercio. Directoria Geral de Estatistica. Estudos da Commissão da Carta Geographica do Brazil. **Republica dos Estados Unidos do Brazil**, 1889.

[32] O governo provisório iniciou-se em novembro de 1889 e terminou em fevereiro de 1891.

Após a promulgação da Constituição Federal em fevereiro de 1891 ocorreu a eleição[33] presidencial indireta pelo Congresso Nacional de Deodoro da Fonseca como Presidente da República e de Floriano Peixoto como Vice-Presidente da República. O governo constitucional de Deodoro da Fonseca começou enfraquecido, uma vez que não possuía o apoio da maioria dos políticos do Congresso Nacional, como também não possuía o necessário apoio das Armas.

Na economia uma das primeiras e principais medidas de Rui Barbosa, Ministro da Fazenda ainda durante o governo provisório de Deodoro da Fonseca foi o estabelecimento de uma política econômica inflacionista, que concedia autorizações aos bancos para emitirem meio circulante lastreado somente por bônus governamentais e não por fundos de reserva. Esta medida tinha o objetivo de atender a demanda crescente de um equivalente universal para movimentar o mercado nacional aquecido com a inserção dos ex-escravos na condição de trabalhadores livres e assalariados e a entrada dos trabalhadores imigrantes. Além disso, estas medidas também incentivavam a criação de sociedades anônimas que muitas vezes eram empresas fantasmas que emitiam ações, resultando em um aumento do crédito no mercado, entretanto, sem a necessária garantia para a proteção do sistema, que por ausência de controle e fiscalização do Estado, resultaram em uma especulação sem limites que acabou conduzindo o país a uma crise econômica que foi batizada pelo povo como Encilhamento, em referência direta ao procedimento de preparação dos cavalos antes da largada em um hipódromo.

---

[33] "[...] a eleição pela Assembléia Constituinte do 1.° Presidente eleito mostrou as primeiras fissuras sérias no poder: Prudente foi candidato contra Deodoro e seu vice, Floriano, logrou três vezes mais votos que o vice [de Deodoro]. Por certo, a imposição militar impediria que outro, e não Deodoro, fosse o eleito. Mas o novo Presidente assumiu diante de uma Câmara indócil. Esta se constituíra, inclusive, como prolongamento da Assembléia Constituinte que, dessa forma, evitava dissolução e o risco de novas eleições sob controle do Executivo. Os civis, com discreto mas crescente apoio militar, especialmente de Floriano, vão jogar-se pelos 'princípios'. Assim a votação da lei de responsabilidades, que o presidente evita a custo, quase devolve à Câmara a força de um regime parlamentarista. E os comandos políticos do Senado ficaram nas mãos da oposição: Prudente de Morais fora eleito vice-presidente e, como Floriano, que exercia constitucionalmente a presidência do Senado a ele não comparecia, passou a controlar aquela casa. Campos Sales é eleito líder da oposição e Bernardino de Campos mais tarde (a 31 de outubro de 91), depois da renúncia do presidente da Câmara, o substitui." Cf. CARDOSO, Fernando Henrique. Dos governos militares a Prudente – Campos Sales. In: FAUSTO, Boris (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III O Brasil Republicano. 1° Volume Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: DIFEL, 1977, p. 40.

Os atos de Rui Barbosa foram tomados visando à consolidação da República para romper o imobilismo da política econômica imperial em benefício

comum a não ser a decisão de derrotar o governo florianista, que justificando o rótulo de Marechal de Ferro venceu a queda-de-braço com seus opositores.

Floriano Peixoto concluiu o primeiro e último mandato presidencial exercido por um militar do Exército brasileiro no período da República da Espada, com o apoio de seus futuros sucessores na Presidência da República: os republicanos paulistas. Por fim, novamente nos utilizamos das considerações de Fernando Henrique Cardoso sobre o tema:

> Não espanta portanto que os aliados de Floriano dotados de recursos políticos mais estáveis – os republicanos paulistas – tivessem sido os beneficiários com a sucessão. Bastavam-lhes duas condições: que o Marechal ganhasse as lutas contra os revoltosos (para garantir a "situação" para ambos os lados da aliança) e que sua ascensão não se fizesse como um desafio ao César vitorioso. Floriano ganhou com emprenho. Os paulistas construíram um partido – o Partido Republicano Federal –, deram a presidência dele a um homem simpático ao Marechal, Francisco Glicério, e não polemizaram, na fase sucessória, com o Presidente. Aceitaram, inclusive, sucessivas postergações – justificáveis pelas circunstâncias – das eleições para deputados e para a presidência.
> O nome indicado, Prudente de Morais, não gozava das preferências do Marechal (que tentou indicar outro paulista, Rangel Pestana e o fiel governador do Pará, Lauro Sodré), mas não lhe era hostil. Fora vice-presidente do Senado sob Deodoro, exercera a presidência da casa sob o Marechal e respaldara, como os demais paulistas, a sua política. Apesar da frieza da transmissão de mando – também compreensível da parte de quem, sendo senhor todo poderoso da tropa, entregava o poder a um sucessor que não fora feito diretamente por si e de quem temia perseguições a seus mais chegados amigos – o Marechal deixou o poder sem tentativas sérias de retorno.[39]

As sociedades geográficas com quem dialoga Reclus

A primeira instituição científica brasileira visitada por Reclus no Rio de Janeiro foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). O Instituto foi

[39] CARDOSO, Fernando Henrique. Dos governos militares a Prudente – Campos Sales. In: FAUSTO, Boris (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III O Brasil Republicano. 1° Volume Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: DIFEL, 1977, p. 43-44.

fundado em 21 de outubro de 1838[40], durante o governo regencial de Araújo Lima. A fundação do IHGB se deu dentro do ventre da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), a partir da proposta do Cônego Januário da Cunha Barbosa e do Marechal Raimundo José da Cunha Matos. O IHGB possuía como patrono o Imperador D. Pedro II, a quem também foi concedido o título de Protetor. Os perfis de seus sócios eram distintos e estes possuíam principalmente ocupações ligadas à ciência, a política, as artes, as letras e as carreiras das armas. Seus integrantes aspiravam um uso pragmático dos conhecimentos históricos, geográficos e etnológicos do território nacional com o objetivo de atender as crescentes demandas do Estado brasileiro, independente desde 1822 e que possuía poucas e incipientes informações sobre as características nacionais.

Entre os objetivos do IHGB estava o de construir uma visão científica do território brasileiro, e para se atingir tal fim não se desprezava a colaboração e o intercâmbio de cientistas brasileiros e estrangeiros que continuamente eram recepcionados com admiração e respeito pela instituição. Entre os inúmeros cientistas estrangeiros que faziam parte dos quadros do instituto, podemos citar o naturalista dinamarquês Peter Lund, o naturalista alemão Maximiliano de Wied-Neuwiede e o geógrafo francês Emile Levasseur, entre outros cientistas e estudiosos. Tais atores e as redes científicas e institucionais que se estabeleciam durante as atividades do instituto facilitavam as trocas de experiências e permitiam a permuta das publicações do IHGB por publicações de instituições científicas estrangeiras, uma vez que os cientistas estrangeiros participavam de instituições

interesses existiu na concessão, ocorreu no plano institucional, porque no plano pessoal, provavelmente os atores envolvidos não viam impedimentos para tal acerto.

Em continuação com as atividades do instituto, uma contenda foi levantada pelo Dr. Cesar Marques que pediu esclarecimentos sobre o crânio fóssil de Lagoa Santa doado ao IHGB por Peter Lund, e que havia sido levado ao Museu Nacional (MN) para estudos e não retornou mais. O primeiro secretário, Henrique Raffard respondeu ao pedido de esclarecimentos de Marques informando que a comissão nomeada para tratar de receber a doação havia enviado ofício ao então diretor do MN, o Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond, entretanto, até aquele momento o ofício permanecia sem resposta. Diante do impasse apresentado foi proposto que se recorresse à intervenção do Ministro do Interior para mediar a restituição do objeto em questão[44].

A terceira e última demanda do instituto foi lembrada por Henrique Raffard tratava-se da reintegração dos livros sobre assuntos americanos que haviam sido indevidamente removidos da Biblioteca Imperial da Quinta da Boa Vista para a Biblioteca Nacional (BN). E diante do novo impasse, a direção do instituto decidiu novamente recorrer ao Ministro de Estado competente[45].

Como forma de mapearmos a formação da rede científica e institucional tropical de Reclus junto aos sócios presentes na sessão do IHGB em que o geógrafo francês foi recepcionado, produzimos uma tabela com os alguns dados como: nome, naturalidade, escolaridade, formação, ocupação, titulação e origem social dos sócios[46].

---

[44] INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **ATA DA 8ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 30 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

[45] INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **ATA DA 8ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 30 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

[46] Nos apropriamos da metodologia usada por Lúcia Maria Paschoal Guimarães, a saber:
"1. quanto a escolarização:
a) além dos egressos das Faculdades de Direito, Medicina e de Engenharia registramos no item formação superior os egressos das escolas militares.
2. quanto à formação profissional:
a) anotou-se a modalidade do curso concluído;
b) escreveu-se, em seguida, o local onde o sócio integralizou sua formação de nível superior.

Tabela 1. Perfis dos sócios presentes a 8ª sessão ordinária de 30 de junho de 1893 do IHGB.

Nome	Naturalidade	Escolaridade	Formação	Ocupação	Titulação	Origem social
Olegario Herculano d'Aquino e Castro	SP	Superior	Direito	Político	Conselheiro de Estado Extraordinário	Pai: Militar
Júlio Henrique Raffard	RJ	S./Inf.	S./Inf.	Empresário	***	Pai: Cônsul suíço
Tristão de Alencar Araripe	CE	Superior	Direito	Político	Conselheiro de Estado Extraordinário	Pai: Militar
Gomes Brandão	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	Comendador	S./Inf.

3. quanto à ocupação exercida:
a) codificou-se somente a principal atividade desempenhada no âmbito nacional, no período em estudo;
b) quando o indivíduo, além de uma profissão específica, estava ligado às atividades políticas, optou-se pelo seu registro como tal;
c) figuras tradicionalmente ligadas ao meio político, foram, também classificadas nessa categoria, embora não estivessem exercendo mandato, naquela ocasião;
4. quanto à titulação:
a) caso o sócio-fundador fosse agraciado com alguma honra nobiliárquica, anotou-se a sua titulação;
5. quanto à origem social:
a) registrou-se a vinculação do 'sócio' e/ou de seu pai à propriedade da terra, ao comércio, ao funcionalismo público ou à carreira das armas;
b) os mesmos critérios foram utilizados na classificação dos 'sócios' nascidos em terras estrangeiras."
Cf. GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 156 (388), jul./set. 1995, p. 473-487.

José Luiz Alves	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	Comendador	S./Inf.
César Augusto Marques	MA	Superior	Matemática e Filosofia	Servidor Público	***	S./Inf.
José Lustosa da Cunha Paranaguá	PI	Superior	Direito	Político	Marquês de Paranaguá	Pai: Militar
Liberato de Castro Carreira	CE	Superior	Medicina	Político	Senador	S./Inf.

Para não nos limitarmos ao mapeamento dos sócios presentes a 8ª sessão ordinária de 30 de junho de 1893 do IHGB em que Reclus foi recebido, realizamos uma comparação dos nomes da tabela acima com as referências brasileiras presentes nas notas de rodapé de *EUB*. Apresentaremos algumas palavras sobre essa comparação mais adiante na seção *As referências tropicais do Brasil ne*

Janeiro em 25 de fevereiro de 1883[47], durante o governo do Imperador D. Pedro II, por iniciativa do Senador Manuel Francisco Correia inspirada a partir das sociedades de geografia européias, especialmente a de Paris, que foi a instituição precursora nesta tradição, sendo fundada em 1821[48]. Os sócios da SGRJ eram formados principalmente por "intelectuais diletantes, cientistas/naturalistas, engenheiros, militares, empresários, políticos e funcionários da alta burocracia governamental"[49] A sociedade se diferenciava pouco do IHGB quanto aos objetivos de ser um instrumento na busca de se construir uma visão científica do território e da sociedade brasileira, entretanto, t

Conselheiro Joaquim Piza, Dr. F. Portugal, Dr. Pires Ferreira, Conselheiro Nascentes Pinto, Monsenhor Vicente Lustosa, Alipio Calasans, José Nery, Dr. Carlos Novaes e Frederico Nogueira. Depois dos expedientes da ordem do dia, o Marquez de Paranaguá apresentou aos sócios da sociedade o "sabio geographo francez[50]" expressando a honra e a simpatia do grêmio à visita do ilustre visitante estrangeiro, autor da "Geographia Universal, obra de subito valor scientifico – *monumentum aere perennius*[51]", sendo agraciado com o diploma de sócio honorário que "sómente poderão ser as notabilidades scientificas, que, pelos seus conhecimentos theoricos e praticos em geographia e sciencias connexas, se tornarem dignas de uma demonstração de subito apreço da Sociedade[52]". E depois da homenagem recebeu ainda uma coleção das publicações do grêmio – a *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro,* o relatório da Exposição de geographia sul-americana, o catalogo da bibliotheca e archivo e o relatório sobre o Meteorito de Bendegó, entre outros impressos. Reclus agradeceu a recepção e a homenagem da SGRJ e ofereceu uma coleção de sua *Nouvelle Géographie Universelle* ao grêmio.

Depois das palavras de agradecimentos de Reclus a sociedade, o *sabio geographo francez* pronunciou um discurso em que apresentou suas observações iniciais de sua viagem pelo Brasil. Primeiramente falou da impressão agradável que os estrangeiros produzem quando chegam ao Rio de Janeiro, um olhar do qual Reclus também partilhou. Destacou a natureza do lugar e a construção de uma cidade ao seu redor, que rivaliza "em progresso com muitas das mais importantes cidades europeas.[53]" Elogiou o sistema de viação do Rio de Janeiro afirmando que em nenhuma cidade do mundo se encontra tal desenvolvimento.

---

[50] SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Sessão extraordinaria da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro em honra ao sabio geographo francez"**. t. 11, n. 1-4, 1895.

[51] SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Marquez de Paranaguá, presidente da Sociedade"**. t. 11, n. 1-4, 1895.

[52] SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Marquez de Paranaguá, presidente da Sociedade"**. t. 11, n. 1-4, 1895.

[53] SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez"**. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

Elogiou ainda o clima e a beleza de suas paisagens, comparando-a com as mais encantadoras capitais mundiais.

Afirmou ainda que a prosperidade não se encontrava somente no "ponto principal do paiz[54]" e para isso citou sua viagem ao interior do Estado de São Paulo, mais especificamente a região de "Mogy-Guassú", destacando a sua riqueza natural e a agricultura do café, essa "immensa riqueza do Brazil [...] que abastece o mercado do mundo em mais de metade de seu consumo total[55]."

Fez um prognóstico em relação à população brasileira afirmando que quando se atingir a densidade demográfica semelhante à Alemanha ou à Bélgica e um crescimento vegetativo mais intenso, o progresso acompanhará esses movimentos. Com estas palavras Reclus expressou uma visão de mundo do período em que a civilização européia era tida como a referência em termos de prosperidade e o Brasil, por sua vez, era visto ainda como um "país do futuro".

O *sabio geographo francez* continuou seu discurso afirmando que "geralmente os brazileiros não tem consciencia de sua força e de seu valor. Elles possuem elementos para um desenvolvimento muito mais rapido do que aquelle que se nota nos mais adiantados paizes do velho mundo[56]".

Porque nos países do velho mundo:

> [...] existe um duplo trabalho para qualquer progresso: primeiro, desfazer hábitos arraigados[57]; e, depois, marchar para o futuro. [...] No Brazil a primeira dessas difficuldades não existe: como nação nova não possue um passado retardatario e póde assentar suas

[54] SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez"**. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

[55] SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez"**. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

[56] SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez"**. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

[57] O exemplo que Reclus dá refere-se "[...] as estradas de ferro, que vieram encontrar o velho costume das gondolas e diligencias, ligando as cidades entre si; foi necessario destruir esse habito invetererado para abrir espaço ás rapidas locomotivas que hoje cortam os continentes. [...]" Cf. SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez"**. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

> tendas de trabalho no caminho do progresso e com as vistas no porvir.[58]

Lembrou da questão do trabalho servil, destacando que o Brasil foi:

> [...] a ultima [nação] a resolver o ingente problema da escravidão, [entretanto] foi a que o fez mais completo, e mais humanitario do que mesmo a grande república do Norte: nesta a primitiva differença das raças perdura sempre, ao passo que neste paiz [Brasil] a grandiosa idéa civilisadora irmanou os homens. [...][59]

Acreditamos que quando Reclus comparou o fim da escravidão no Brasil e nos Estados Unidos afirmando que na sociedade brasileira este processo foi mais completo e mais humanitário do que na sociedade norte-americana, o geógrafo francês estava se referindo a miscigenação das raças.

Por fim o *sabio geographo francez* concluiu seu breve discurso afirmando que "com taes elementos uma nação tende forçosamente a trilhar a senda do progresso; e não será em um futuro muito remoto, que o Brazil verá seu nome inscripto entre os das primeiras nações do mundo[60]."

Após as palavras de Reclus, se iniciou o discurso do Barão Homem de Mello, *orador nomeado para a recepção do illustre geographo*, que em suas palavras iniciais fez referências às obras *A historia de uma montanha*, "[um] primoroso livro de sciencia[61]" e *História de um rio*, "[um] modelo de observação[62]". O Barão Homem de Mello finalizou seus elogios aos trabalhos de Reclus de maneira contundente, com as seguintes palavras:

---

58 HIA, SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elée Réclus, distincto geographo francez"**, APHIA DO RIO DE JAIoIRO. Resta

58 HIA, SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elée Réclus, distincto geographo francez"**

Tabela 2. Perfis dos sócios presentes a sessão extraordinária de 18 de julho de 1893 da SGRJ.

Nome	Naturalidade	Escolaridade	Formação	Ocupação	Titulação	Origem social
José Lustosa da Cunha Paranaguá	PI	Superior	Direito	Político	Marquês de Paranaguá	Pai: Militar
Tristão de Alencar Araripe	CE	Superior	Direito	Político	Conselheiro de Estado Extraordinário	Pai: Militar
Francisco Calheiros da Graça	AL	S./Inf.	S./Inf.	Militar	Capitão de Fragata	S./Inf.
Torquato Tapajós	AM	S./Inf.	Engenheiro Geógrafo	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.
Oliveira Catramby	S./Inf.	S./Inf.	Advogado	Militar	Oficial da Marinha portuguesa e Comendador	S./Inf.
Paula Freitas	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.
Homem de Mello	SP	Superior	Advogado	Político e Militar	Barão	Pai: Visconde

Guilherme Capanema	MG	Superior	Engenheiro militar	Político e Militar	Barão	S./Inf.
Luís Antônio Pereira Franco	BA	Superior	Advogado	Político	Barão	S./Inf.
Mauricio de Barros	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	Conselheiro	S./Inf.
Joaquim Piza	SP	Superior	Advogado	Magistrado	Conselheiro	S./Inf.
F. Portugal	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.
Pires Ferreira	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.
Nascentes Pinto	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	Conselheiro	S./Inf.
Vicente Lustosa	PB	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	Monsenhor	S./Inf.
Alipio Calasans	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.

José Nery	AM	S./Inf.	Engenheiro militar	Político e Militar	***	S./Inf.
Carlos Novaes	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.
Frederico Nogueira	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.

Conforme encaminhamento realizado com o IHGB em relação à comparação dos nomes dos sócios presentes à sessão ordinária em que Reclus foi recepcionado e sua comparação com os nomes das referências brasileiras presentes nas notas de rodapé de *EUB.* Apresentaremos algumas palavras sobre a comparação dos nomes dos sócios da tabela acima com os nomes das notas de rodapé de *EUB* mais adiante na seção *As referências tropicais do Brasil de Reclus: um exame bibliométrico* do Capítulo 3.

Dos percursos tropicais aos brasileiros com quem trabalha Reclus

Como escrevemos algumas páginas atrás, entre a visita de Reclus ao IHGB e a SGRJ, o geógrafo francês realizou uma breve viagem ao interior do Estado de São Paulo. Nesta seção apresentaremos algumas palavras sobre esta viagem e uma breve descrição e análise do capítulo *Vertente do Paraná e contravertente oceânica* de *EUB*.

Primeiramente necessitamos informar que o Estado de São Paulo está localizado na proposta de divisão regional do Brasil de Reclus, como pertencente à Bacia do Paraná e a Costa Atlântica juntamente com os Estados do Paraná e Santa Catarina. O geógrafo francês se referia a estes três Estados como “Estados

paranaenses”[66], uma alusão ao principal rio da bacia hidrográfica da região, evidenciando o uso do conceito de região natural.

No Estado de São Paulo, o “geógrafo experimentador”[67] identificou primeiramente as cidades do “valle do Parahyba”[68] que ficam no trajeto da linha férrea que liga o Rio de Janeiro a São Paulo, destacando a cidade de Taubaté e um possível porto para o escoamento da produção de cafés, localizado na cidade de Ubatuba. Uma outra cidade destacada foi “Mogy-das-Cruzes”[69] beneficiada por localizar-se em um ponto de cruzamento de uma estrada de ferro com destino ao porto de São Sebastião.

Reclus também descreveu a cidade de São Paulo, a “capital do Estado mais commercial e mais industrioso da Republica”[70] e a cidade de Santos “–

estrada entre São Paulo “e os Estados occidentaes de Goyaz e Matto-Grosso”[74]. Em outra estrada identifica Limeira, Araras, Pirassununga e “Mogy-Guassú”[75], destacando a cidade de Rio Claro a “Princeza do Oeste”[76].

Reclus observou em sua “exploração instrutiva”[77] a região de “Mogy-Guassú”[78]

Contudo, quando o geógrafo francês descreve a situação agrícola de um país, a posse da terra funciona como um fator explicativo, seja como um freio ao aumento dos rendimentos, em suas palavras:

> A estatistica da producção do café, levantada por casas exportadoras rivaes, carece de precisão, e alguns dados parciaes que existem são contradictorios. É certo todavia que a safra total augmentou notavelmente nos ultimos annos, apezar da abolição da escravatura. O augmento das colheitas fez-se quasi todo em proveito dos grandes proprietarios : a pequena lavoura tem fraquissima parte nesta producção. Na região da « terra roxa » de S. Paulo ha propriedades de 10 000 e 20 000 hectares, tendo sido fundadas algumas importantes estações de estrada de ferro só para servirem a certa e determinada fazenda. Uma fazenda de café, pertencente a uma companhia que dispõe do capital de 8 500 contos [...] comprehende, segundo se lê no relatorio official, cêrca de seis milhões de pés e emprega 4 200 individiuos quasi todos de origem italiana, distribuidos em 26 grupos ou povoados : nos bons annos, estes cafezaes podem produzir até 6 000 toneladas de café. [...][81]

A situação agrícola nacional também pode ser fundamental para se entender as contradições do crescimento da produção econômica em detrimento do crescente empobrecimento dos trabalhadores. Conforme Reclus escreveu:

> [...] Certamente a industria do café no Brasil, e notavelmente no Estado de S. Paulo, onde se conta mais de um bilhão de pés, é maravilha da agricultura e faz a admiração dos economistas ; é porém licito perguntar, sem preconceito contra o regimen da grande propriedade, si não ha perigo em sacrificar todas as culturas a uma só, por muito rendosa que ella seja : a população, que augmenta rapidamente, ficaria exposta a uma penuria repentina si qualquer phenomeno economico ou um desastre natural viesse a seccar de subito a fonte d'esta espantosa riqueza.[82]

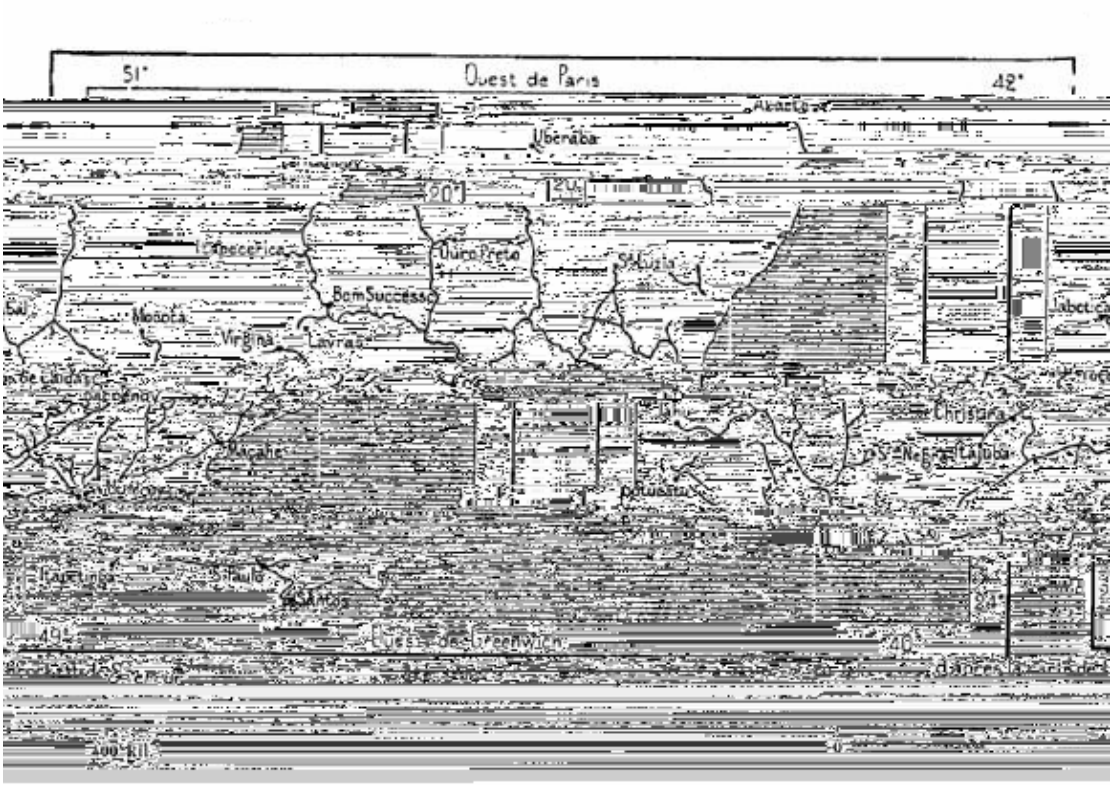
Portanto, como pudermos verificar a geografia agrícola de Reclus não se satisfaz com as estatísticas da produção dos grandes proprietários; preocupa-se

[81] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 423.424.
[82] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 424.

em explicar a questão da propriedade da terra, as condições de trabalho dos pequenos agricultores, dos camponeses e as práticas produtivas da agricultura (GIBLIN, 1976).

Em outra região paulista descreveu algumas cidades próximas ao “valle do Tieté”[83] – Itú a “fidelissima”[84], Sorocaba e “numa região montanhosa limitada pelo Tieté pelo lado do Norte”[85] a cidade de Botucatu. E, por fim, na última região do Estado de São Paulo estudada, o vale do Ribeira, apresentou algumas palavras sobre as cidades da “parte meridional do Estado”[86]: Cananéa e Iguape.

Mapa 2. Rede das Vias Ferreas do Rio, Minas e S. Paulo.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 451.

[83] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 336.
[84] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 336.
[85] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 338.
[86] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 341.

Verificou a expansão das atividades comerciais e industriais da região central da cidade para a periferia e o crescimento do número de armazéns e docas do porto para impulsionar o transporte naval. Constatou também a dependência das exportações brasileiras ao café, "o producto do Brasil por excellencia"[91], e a significativa importação de produtos agropecuários e industrializados do exterior que atendiam as necessidades do Rio de Janeiro e também dos "Estados do interior"[92], além de servir "de entreposto a outros portos brasileiros que vem aqui abastecer-se por meio da cabotagem"[93]. Apontou a Grã-Bretanha, Estados Unidos, França e Alemanha como os principais parceiros comerciais do Brasil. E no comércio com os *Estados do interior* identificou as estradas de ferro como uma das principais vias de transportes concentradas nas:

> [...] duas linhas principaes do interior, as de S. Paulo e Minas, [que] só têm um tronco, de 108 kilometros de extensão, que se bifurca no valle do Parahyba, na Barra do Pirahy, e a estrada de ferro circular que deve reunir em torno da bahia todas as linhas divergentes não está nem em via de conclusão.[94]

Em contraponto, os transportes urbanos do Rio de Janeiro foram avaliados como de uma "cidade modelo quanto á facilidade de communicações entre o centro da cidade e os seus arrabaldes"[95] destacando os *bonds* de tração animal e elétrico. "Da mesma sorte, as barcas a vapor que fazem a communicação maritima do Rio de Janeiro com Nicteroi são sempre designadas pelo nome inglez de *ferry*, que se emprega no singular."[96]

Destacou ainda instituições científicas que se esperava encontrar em uma capital da República como – a Faculdade de Medicina, o Hospital da Misericórdia,

---

[91] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 420.
[92] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 275.
[93] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 275.
[94] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 276.
[95] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 276.
[96] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 277.

a Escola Politécnica, a Escola Nacional de Belas-Artes, o Instituto Nacional de Música, a Escola Naval, o Ginásio Nacional, o Colégio Militar, a Escola Militar da Praia Vermelha, o Instituto Profissional, o Liceu de Artes e Ofícios, a Escola Normal, o Museu de História Natural e a Biblioteca Nacional.

Todavia, identificou o Observatório Astronômico e o Jardim Botânico, além das associações e sociedades científicas e literárias como – o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro –, os grêmios que apresentamos algumas palavras na seção *As sociedades geográficas com quem dialoga Reclus* desse capítulo.

E para finalizarmos está seção apresentamos as palavras de Reclus em agradecimento aos brasileiros que colaboraram direta ou indiretamente com subsídios para a elaboração do capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle*:

> Para este 19 e último volume da *Nouvelle Géographie Universelle* eu tive a felicidade de ter, como nos precedentes, muitos colaboradores. [...] Os elementos utilizados para o capítulo sobre o Brasil me foram fornecidos com essa gentileza e esse charme que parecem ser o privilégio de todos os cidadãos pertencentes a esse maravilhoso país. Eu citaria sobretudo: o senhor Eduardo Prado, que teve a graciosidade de me dirigir em minha viagem sobre o Mogy-Guassú e nos *cafezales* de São Paulo; o senhor Botelho, que nos acompanhou nessa exploração instrutiva; o senhor Francisco Leite Guimarães, que nos fez estudar a sua plantação em detalhe e me passou ensinamentos muito preciosos; Senhor Taunay, que me acolheu com muita cordialidade, e me abriu os tesouros de sua experiência sobre os homens e as coisas, e me permitiu consultar suas memórias pessoais; o senhor Charles Morel, editor da l' *Étoile du Sud* que conhece admiravelmente sua nova pátria e me colocou em relação com outras pessoas de saber. Um dos meus amigos pessoais, o senhor Fleuret, me fez estudar de perto a vida do Rio. Eu devo um reconhecimento especial ao botânico veterano, o senhor Glaziou, assim como aos membros da Sociedade de Geografia e do Instituto Histórico, especialmente ao senhor Marques de Paranaguá, Homem de Mello, Raffard, Barbosa Rodriguez. Em Paris, o senhor Rio Branco que colocou a minha disposição os mapas, os documentos, os álbuns que ele possuía. [...][97]

[97] RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universalle**. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX; 1894, p. 797.

As cartas tropicais de Reclus

Entre a visita de Reclus em 30 de junho de 1893 à primeira instituição científica brasileira, o IHGB, localizado no Rio de Janeiro e a recepção na SGRJ realizada no dia 18 de julho de 1893, encontramos c

Juiz de Fora, 19. VII. 93

Meu caro senhor,

Sua carta do dia 10 de junho chegou um pouco tarde, mas me escreveram de Paris dizendo que o necessário foi feito para lhe responder. Eu espero que o senhor esteja satisfeito.
Eu não lhe surpreenderei dizendo que fui acolhido muito cordialmente e acrescentaria pomposamente demais, pelos brasileiros do Rio e entre aqueles com quem pude conversar [...] vários me deram informações das mais preciosas. Entretanto ainda não tive a sorte de ver o senhor Capistrano de Abreu. Conto consegui-lo antes da minha partida, já próxima. Espero não trair a confiança que todos esses senhores colocaram em mim. Ai! Como será difícil falar de improviso de um país tão grande quanto à sua extensão, tão grande quanto ao seu futuro.

Sinceramente e respeitosamente,
Élisée Reclus[101]

A última carta escrita por Reclus em território brasileiro foi redigida após a sua viagem por Minas Gerais. Mais especificamente, esta carta foi escrita já na travessia do Atlântico entre o Brasil e o Senegal. Como nas anteriores, o geógrafo francês externou suas impressões da viagem, contudo, nessa última carta expressou certa simpatia pelo Brasil, novamente no sentido de "país do futuro":

A Paul Régnier.

5 août 1893. Entre Pernanbuco et Dakar.

Meu amigo, filhos e caro,

Ei-nos aqui há 8 dias em viagem tendo começado mal essa primeira metade: o mar estava áspero, o vento rude e ontem no momento de passar pelo Equador quase tivemos frio. Hoje o vento e as ondas nos são amigáveis e eu aproveito para escrever algumas palavras, na conversa que eu mantenho com você.
Eu te enviei do Rio uma espiga de milho de pipoca, que eu creio – segundo a afirmação de botânicos competentes – ser a pipoca da qual teu irmão havia falado e você me pediu para enviar. Prevendo que essa espiga não chegue a você em razão da legislação sobre o *phylloxéra* eu guardei outras coisas que você poderia ter encontrado nesse incomparável Brasil para suas tentativas de aclimatação! Mas a riqueza sem limites faz com que nós não

[101] A transcrição desta carta foi gentilmente realizada pelo Professor Doutor Herve Thery, a quem direcionamos nossos sinceros agradecimentos.

tentemos desenvolver nada: raros são aqueles que trabalham; [...] A última propriedade que eu vi no estado de Minas Geraes compreende 300 hectares, quase todos de terra excelente. Mas em cinco anos, ele oferece uma trama na cultura avaliados por mim a 15 metros de cada lado. Com este canal de rega 6 km de comprimento e 600 cavalos de potência! É verdade que só cuida de recolher o ouro dessa propriedade. Lucro para o ano: 200.000 francos. Desembolsos anuais: idem, idem.

Você sabe que eu voltei um pouco doente desses imensos cafezais de São Paulo onde a gente não faz outra coisa que não se abaixar para recolher o dinheiro dos outros. Mas há tanto o que fazer nesse país que eu certamente usaria meu crédito para enviar trabalhadores e pessoas com ideias, se a ocasião se apresentar e isso não é impossível.

Seu amigo,

Elisée.[102]

[102] RECLUS, Élisée. **Correspondance**, Tome III et dernier. Septembre 1889 - Juillet 1905. Paris : Alfred Costes, 1925, p. 142-144.

CAPÍTULO 2 - O BRASIL DA NOVA GEOGRAFIA UNIVERSAL DE RECLUS

Os fundamentos filosóficos e científicos de Reclus

Para iniciarmos este capítulo acreditamos ser necessário e interessante apresentarmos algumas palavras acerca dos fundamentos filosóficos e científicos do pensamento de Élisée Reclus. Em nossas leituras verificamos que os estudiosos da obra de Reclus apontam a influência de Karl Ritter no pensamento do geógrafo francês, entretanto, raros foram aqueles que se dedicaram a examinar cuidadosamente este fato (RAMÍREZ Palácios, 2010).

Como forma de identificar, descrever e analisar o quadro de referências de Reclus, buscamos encontrar em nossas leituras a influência do geógrafo alemão e de outros filósofos e cientistas na geografia produzida por Reclus. De início, torna-se oportuno expressar que nossa empresa será no sentido de reconstituir sua formação filosófica e científica, ou, em outras palavras, de confirmar sua formação intelectual como um "geógrafo ritteriano"[103] além de mapear as demais influências e referências.

Portanto, em nosso mapeamento trabalhamos com um pressuposto encontrado de modo unânime no conjunto de nossas leituras no que se refere à influência ritteriana na geografia de Reclus (DUNBAR, 1978; BERDOULAY, 1981; CAPEL, 1981; KORINMAN, 1981; MORAES, 1983; ANDRADE, 1985; CODELLO, 2007; LACOSTE, 2005; MOREIRA, 2008; RAMÍREZ Palacios, 2010).

E entre os comentadores que estudamos, o trabalho de Gary Dunbar se destacou por ser um dos poucos que se dedicaram exclusivamente a pesquisar a vida e a obra de Reclus. Dunbar escreveu palavras interessantes em sua análise de um dos períodos parisienses de Reclus, onde destacou que desde os primeiros trabalhos de juventude já estavam presentes as observações inteligentes dos fenômenos naturais e sociais. Não obstante, a essa qualidade Reclus fazia uso das obras de seus contemporâneos para produzir seus estudos que enfatizavam

[103] RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. **Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia**: cartografia de uma interseção. 2010. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 148.

não somente os efeitos negativos da ação do homem sobre o meio, identificando também efeitos positivos desse processo (DUNBAR, 1978). Nesse sentido, acreditamos que a questão do finalismo[104] presente na obra de Ritter – um dos

método vinculava-se aos ensinamentos ritterianos e a busca de caminhar como "un continuador de la obra del geógrafo alemán"[108].

Yves Lacoste escreveu em sua análise da influência da geografia alemã sobre Reclus uma concepção das mais importantes no sentido de aproximar as influências de Ritter como um dos elementos centrais dos fundamentos científicos e filosóficos do geógrafo francês e que simultaneamente nos ajudou a elucidar a questão do método usado por Reclus para pensar a *NGU*:

> [...] En 1850-1851, Élisée Reclus est allé suivre à Berlin les cours de Ritter, c'est d'ailleurs semble-t-il le seul enseignement universitaire qu'il ait reçu et il y a porté un grand intérêt. À telle enseigne que Reclus traduit en français et publie en 1859 un large extrait de l'oeuvre de Ritter, *Configuration des continents*. Cette comparaison des grandes formes de relief des continents et des grandes lignes du tracé de leurs côtes est reprise, tout en faisant moins référence aux volontés que Ritter prête à Dieu, dans différents tomes de la *Nouvelle Géographie universelle* et dans le tome I de *L'Homme el la Terre*.[109]

Por sua vez, Ruy Moreira em seu estudo do mapeamento das matrizes clássicas originárias do pensamento geográfico brasileiro elegeu Reclus entre os geógrafos franceses que participaram da formação da matriz originária da geografia brasileira e apresentou a influência de Ritter quanto ao método geográfico do geógrafo francês para produzir a *NGU*:

> A *Nova geografia universal (Nouvelle géographie universelle)*, obra em 19 volumes, publicada em Paris entre 1875 e 1894, dá prosseguimento a *A Terra*, trazendo o olhar libertário da natureza e do homem de Reclus para o plano agora da organização espacial das ações humanas. Com seus 19 volumes, a *Nova geografia universal* está na tradição do *Erdkunde*, obra de mesmo perfil e publicada em Berlim, também em 19 volumes, por Ritter, de quem Reclus foi aluno, entre 1822 e 1859, e do *Cosmos*, que Humboldt publica em Paris entre 1855 e 1859, em 4 volumes. As paisagens e países do mundo são postos a desfilar nessa obra de Reclus,

---

[108] CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofia en la geografia contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981, p. 301.

[109] LACOSTE, Yves. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicité et une bienveillante géopolitique. **Hérodote**, n. 117, Paris : Éditions La Découverte, oct.- déc. 2005, p. 41.

> associando na leitura o recorte e o todo, numa abordagem também aqui sem dicotomia.[110]

Além da influência de Ritter, presente desde a preparação de sua primeira grande obra em geografia *La Terre. Description des phénomènes de la vie du Globe (1868)*, outro contemporâneo que também o influenciou foi Charles Darwin, com suas idéias que passaram a ter alcance das ciências naturais e sociais à geografia de Reclus:

> Aunque seguramente partió para ella de ideas ritterianas alumbradas en los cursos de Berlín, la larga elaboración le permitió, sin embargo, asimilar plenamente la biología darwinista, de tal manera que en el momento de su publicación se convirtió en la primera gran obra que refleja el impacto de Darwin en la geografía. La idea de evolución y de cambio aparece claramente en ella, a la vez que se hacen referencias explícitas al biólogo inglés. Reclus traza primeramente un cuadro de la geografía física del planeta [...] para estudiar después los fenómenos de la vida, dentro de los cuales incluye al hombre, y plantear el problema de las adaptaciones a las condiciones del medio natural. [...][111]

Uma outra consideração que a maior parte dos estudiosos da obra de Reclus concordam que além do evolucionismo, do darwinismo e dos ensinamentos ritterianos influenciaram a visão harmoniosa do geógrafo francês o pensamento dos românticos que:

> [...] se refuerza y modifica en Reclus con las influencias del pensamiento roussoniano sobre la naturaleza armoniosa y la necessidad de que el hombre obedezca a las leyes naturales; con las nociones anarquistas de armonía y fraternidad universales; y con el impacto de la ecología darwinista.[112]

---

[110] MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**, v. 1: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 25.
[111] CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofia en la geografia contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981, p. 301-302.
[112] CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofia en la geografia contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981, p. 303.

Béatrice Giblin também apontou a influência de J.-J. Rousseau e da idéia de "natureza paradisíaca"[113] na obra do geógrafo francês. Contudo, essas visões harmoniosas, românticas e paradisíacas em Reclus não foram resultado de apropriações mecânicas e a-críticas, tornando sua obra ímpar entre a geografia de seu período.

> [...] Reclus [buscaba] en la naturaleza un ejemplo y un modelo para la organización anarquista de la sociedad, aunque para ello ha de destacar las dimensiones de armonía, cooperación y simbiosis, en lugar de las típicamente darwinistas de competencia, selección y lucha por la vida. [...][114]

O contexto de uma obra que se pretende universal

O contexto histórico do qual devemos apresentar algumas palavras se aproxima em muito do período histórico que Horacio Capel estudou para analisar a fundação, expansão e organização das sociedades geográficas européias e latino-americanas. Este contexto é o do século XIX que conheceu de modo único uma grande aspiração para o aproveitamento dos conhecimentos para compreensão de todos os domínios da natureza e da sociedade.

Por sua vez, Sergio Luiz Nunes Pereira iniciou seu trabalho com um panorama mundial da formação e expansão das sociedades geográficas e destacou que o século XIX deve ser reconhecido "como a etapa decisiva do conhecimento geográfico da Terra."[115] As crescentes necessidades de matérias-primas e mercados consumidores para a manutenção da revolução industrial em marcha no velho mundo, além do abastecimento das demandas nacionais

---

[113] GIBLIN, Béatrice. **Élisée Reclus** : géographie, anarchisme. Hérodote, n. 2, Paris : François Maspero, avril-juin 1976, p. 34.
[114] CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofia en la geografia contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981, p. 304.
[115] PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. **Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**: origens,

produziram um contexto fértil para uma transformação pragmática[116] da geografia em um saber “a serviço dos interesses imperialistas

Para atender o desejo de conhecer o mundo, as casas editoriais européias tiveram uma função central para satisfazer essa curiosidade geográfica com o fornecimento de uma nova visão do mundo. Podemos dizer que estas casas criaram um público para a geografia (BERDOULAY, 1981).

Uma das principais casas editoriais européias de língua latina, sem dúvida, foi à livraria francesa Hachette[120]. De fato, esta editora produziu diversas publicações que contribuíram para atender o interesse do curioso público, e entre uma das publicações mais conhecidas está *Les Guides Joanne*[121] organizada por Adolphe Joanne, com a ajuda de alguns colaboradores. E entre estes colaboradores, estava Élisée Reclus que havia retornado à Paris em 1857 após suas viagens à Inglaterra, Irlanda, Estados Unidos e Nova Granada[122]. Neste volta a Paris o geógrafo francês trabalhou como escritor e tradutor, principalmente, para a Hachette. E com o reconhecimento de seus trabalhos ingressou na Sociedade Geográfica de Paris (ANDRADE, 1985).

Contudo, no contexto da Guerra Franco-Prussiana onde as tropas francesas foram derrotas em Sedan pelas tropas prussianas, resultando na anexação da Alsace e da Lorraine pela Prússia e a composição de um governo francês subserviente que inaugurou a Terceira República, fatos estes suficientes

---

[120] « la maison d'édition Hachette fut une initiatrice. En 1860, Louis Hachette (défenseur de l'expansion coloniale avant que celle-ci ne devienne une option populaire) fonda un périodique, *Le Tour du Monde*, qui devait toucher un vaste public et susciter la curiosité géographique du lecteur. On y retrouvait surtout des récits de voyages et d'explorations présentés d'une façon littéraire et romancée. *Le Tour du Monde* est né principalement du souci de Louis Hachette de faire une propagande géographique qu'il croyait nécessaire tant pour l'expansion du commerce national que pour l'éducation des Français [...]. Une trentaine d'annés plus tard, la maison d'édition s'attribua l'honneur d'avoir diffusé la connaissanse géographique grâce à ce périodique : « On peut dire que, pour augmenter et répandre la connaissance *pratique* de la surface de la terre, aucune oeuvre n'aura été plus efficace que celle-là ». » Cf. BERDOULAY, Vincent**. La Formation de L'École Française de Géographie (1870-1914)**. Paris : Bibliothèque Nationale, 1981, p. 143.

[121] « En fait, Hachette édita d'autres publications qui ont également contribué à cette cause. Parmi les plus connues, on peut citer *Les Guides Joanne* (composés par Adolphe Joanne, avec quatre ou cinq collaborateurs). Un neveu de Hachette, Emile Templier, qui devint par la suite un de ses principaux associés et successeurs, contribua également à la propagation de la géographie. Il travailla en collaboration avec Joanne, et ils « lancèrent » tous les deux Elisée Reclus en lui facilitant la publication de son ouvrage *La Terre* (1867) ainsi que des premiers fascicules de la *Nouvelle géographie universelle. La Terre et les hommes* (1874-1894). » BERDOULAY, Vincent. **La Formation de L'École Française de Géographie (1870-1914)**. Paris : Bibliothèque Nationale, 1981, p. 143-144.

[122] Sobre a viagem de Élisée Reclus a Nova Granada ver: RAMÍREZ PALACIOS, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara**: itinerario de una red. 2006. Monografía (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006.

para motivarem os parisienses a levantar as armas e lutar organizando a Comuna de Paris. No início desta batalha, Reclus alistou-se como soldado junto a Guarda Nacional, que foi vencida pelas tropas francesas e prussianas. Com a derrota dos *communards*, o geógrafo francês tornou-se prisioneiro por quase um ano, passou pela prisão de Châtillon, depois foi transferido para a Ilha de Trébéron, e acabou por submeter-se a um julgamento em Saint-Germain-en-Laye, por um conselho de guerra que julgou seus atos e posições políticas, que o condenou a prisão perpétua na colônia penal francesa da Nouvelle-Calédonie na Oceania. A condenação significava o rompimento de suas relações científicas e institucionais. Entretanto, a comunidade científica e intelectual iniciou um movimento que pressionou o governo francês a comutação da pena por um exílio de dez anos[123].

Seu destino no exílio foi à vizinha Suíça, lugar onde permaneceu por um longo período. Em 1872 retomou suas atividades profissionais assinando um novo contrato com a Hachette para escrever a *Nouvelle Géographie Universelle*[124] *(NGU)*, entretanto, no contrato firmado entre as partes, Reclus estava proibido de abordar temas políticos e religiosos, uma vez que a casa editorial enfatizava que havia contratado o geógrafo e não o anarquista, exigência esta que não pôde ser cumprida em sua totalidade, uma vez que as naturezas de Reclus – a geográfica e a anarquista eram indissociáveis (GIBLIN, 1976; ANDRADE, 1985; RAMÍREZ Palacios, 2006). Em seu "período suíço" Reclus conheceu o russo Piotr Kropotkin (1842-1921), que *a posteriori* contribuiria na *NGU* com estudos da Sibéria e do Extremo Oriente. A *NGU* representa o resultado de vinte dois anos de trabalho, 17.873 páginas, 4.290 mapas e mais de 1.000 gravuras divididas em dezenove volumes editadas e publicadas pela casa editorial francesa com regularidade entre

---

[123] DUNBAR, Gary. **Élisée Reclus**: Historian of nature. Hamden: Archon Books, 1978; ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985; RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara**: itinerario de una red. 2006. Monografía (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006.

[124] « Le succès de la *Géographie Universelle* a prouvé que cette oeuvre répondait à un besoin du public français, et même du public étranger puisqu'elle a dépassé nos frontières ; mais ne peut-on pas dire que, durant le cours de sa publication, elle a développé, transformé et agrandi le sentiment auquel elle était destinée à répondre ? La notion même de géographie s'est modifiée, la Terre a pris un autre aspect aux yeux de la génération moderne, les méthodes d'enseignement se sont élevées et s'élèvent chaque jour. Peut-on oublier que c'est dans le cabinet de M. Emile Templier que ce mouvement a pris naissance ?. » SCHRADER, Franz. **Monsieur Emile Templier (1821-1891)**, (extrait du *Tour du monde*), Paris : D. Dumoulin, 1891.

1876 e 1894[125]. Para a realização deste grande projeto, Reclus pesquisou arduamente em diversas bibliotecas, como também viajou a diversos países – em 1884, à Argélia, Tunísia e Egito; em 1885, à Hungria, Turquia e Ásia Menor; em 1886, à Itália; em 1889, aos Estados Unidos e Canadá; em 1890, novamente aos Estados Unidos, África do Sul, Portugal e Eapanha (

A partir do sumário: modos de olhar um país

Como vimos no capítulo anterior Reclus realizou em 1893 a sua última grande viagem ao redor do mundo para conhecer a América do Sul. Nesse mesmo ano o geógrafo francês publicou o tomo XVIII da *NGU* em que descreveu e analisou as Regiões Andinas[127]. Portanto, essa segunda viagem a América do Sul, tinha o objetivo de subsidiar a produção do último tomo da *NGU* que seria dedicada a Amazônia e a Prata[128].

Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatística[129] é a tradução do capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *NGU*[130]. Esta obra foi traduzida do francês para o português por Benjamin Franklin Ramiz Galvão[131], o Barão de Ramiz, cidadão ilustre da sociedade carioca e brasileira de seu período que, *a posteriori*, foi o primeiro Reitor da Universidade do Brasil.

---

[127] RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. Les Régions Andines: Trinidad, Vénézuela, Colombie, Écuador, Pérou, Bolivie et Chili. Paris : Hachette, Tome XIX, 1893.

[128] RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894.

[129] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

[130] RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894.

[131] "Benjamin Franklin Ramiz Galvão – Barão de Ramiz.
Foi o primeiro Reitor da Universidade do Brasil, ocupando o cargo de 1921 a 1925.
Nasceu em Rio Pardo, RS, em 16 de junho de 1846, e faleceu em 9 de março de 1938, no Rio de Janeiro.
Atividades: Médico, professor, filólogo, biógrafo e orador. Bacharel em Ciências e Letras, pelo Colégio Pedro II e Doutor em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Trabalhou inicialmente no Hospital Militar da Ponta da Armação, passando, depois, ao magistério. Foi professor de grego no colégio Pedro II e de química orgânica, zoologia e botânica na Escola de Medicina do Rio de Janeiro.
Por sua amizade com o Imperador D. Pedro II, ocupou vários cargos importantes, além de lecionar para os descendentes da família imperial. Dirigiu a Biblioteca Nacional por doze anos e foi, por duas vezes, Diretor-Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Organizou o Asilo Gonçalves de Araújo, para educar crianças pobres. Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1928, aos 82 anos, sendo seu Presidente em 1934. Foi sócio grande benemérito do Instituto Histórico e

Também integra a tradução de Estados Unidos do Brasil as Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco, entretanto, vale destacar que na publicação original este Appendice compõe a seção V. – Territoire contesté franco-brésilien do capítulo I Les Guyanes do tomo XVIII da Nouvelle Géographie Universalle e na tradução Estados Unidos do Brasil

Como vimos o capítulo II. *États-Unis du Brésil* da *NGU* de Reclus foi traduzido por Ramiz Galvão e publicado em 1900 com o título *Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatística*. Seus conteúdos se dividem por sua vez da seguinte forma:

INDICE

I. – Vista geral.....1
II. – Amazonia.
Estados do Amazonas e do Pará.....32
III. – Vertente do Tocantins.
Estado de Goyaz.....132
IV. – Costa equatorial.
Estado do Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte,
Parahyba, Pernambuco, Alagôas.....149
V. – Bacia do Rio S. Francisco e vertente oriental dos planaltos.
Estados de Minas Geraes, Bahia, Sergipe e Espirito Santo.....187
VI. – Bacia do Parahyba.
Estado do Rio de Janeiro e Districto Federal.....241
VII. – Vertente do Paraná e contravertente oceânica.....287
VIII. – Vertente do Uruguay e littoral adjacente.
Estado de São Pedro do Rio Grande do Sul.....354
IX. – Matto Grosso.....377
X. – Estado social e material da sociedade brasileira.....408
XI. – Governo e Administração.....458

Em termos de iconografia a obra *EUB* possui 93 cartas, 27 gravuras de vistas e 3 de tipos humanos. Todas as cartas com autoria foram assinadas por Charles Perron, entretanto, duas cartas não possuem assinaturas na tradução, contudo, na original possuem a assinatura de Perron. Portanto, podemos deduzir que a ausência das assinaturas ocorreu por problemas gráficos. Ainda sobre as imagens, a tradução possui três cartas em folha duplas – *Manáos e o cruzamento dos Rios Amazonicos*, *Boccas do L'Amazonas e do Tocantins* e *Rio-de-Janeiro e seus arrabaldes* –, todas estas cartas duplas possuem autoria de Perron.

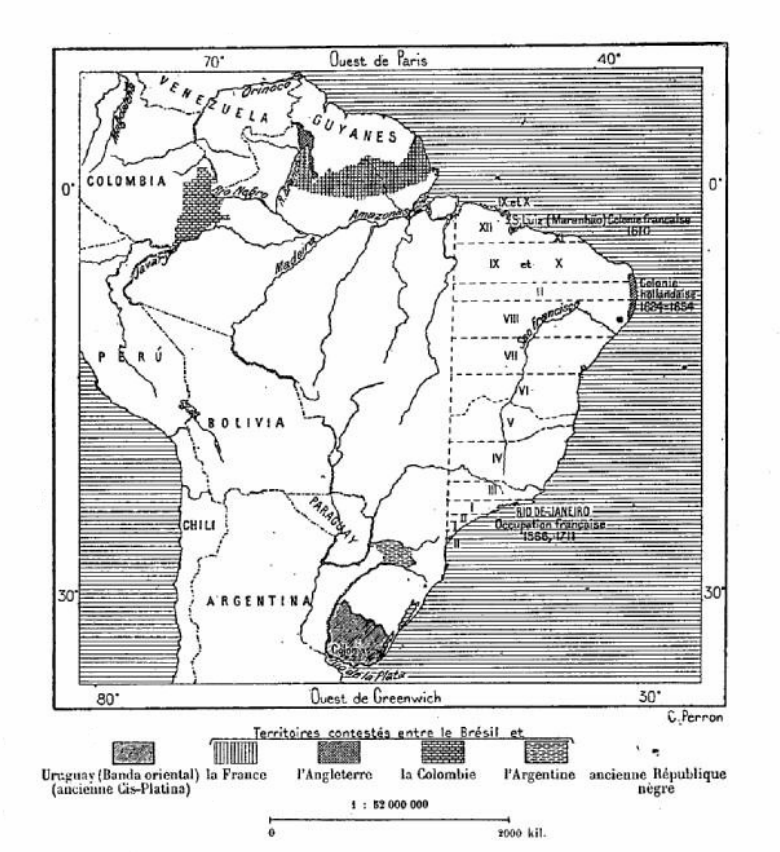
E entre os desenhistas identificamos oito colaboradores. Já entre os principais responsáveis pelas gravuras foram identificados dois colaboradores. Contudo, como as cartas encontramos também duas gravuras sem assinatura. O primeiro desenho sem identificação de autoria intitulado *Belém do Pará* não foi

encontrado no original, portanto, deve ter sido inserido pelo tradutor. Já o segundo desenho *Palacete da Ilha Fiscal, dependencia da Alfandega do Rio de Janeiro* não possui assinatura na tradução, porém, no original, Boudier assinou a autoria. E neste último caso também podemos deduzir que ocorreu um problema gráfico. Apresentaremos algumas palavras sobre a cartografia mais adiante na seção *A cartografia do Brasil da NGU por Charles Perron* e sobre a iconografia na seção *Algumas iconografias do Brasil da NGU* do Capítulo 3.

No entanto, ainda sobre a cartografia antecipamos uma questão interessante presente em todas às cartas elaboradas por Perron que representam o Brasil na *NGU* e em *EUB* que fazem jus a algumas palavras, são elas: "Oeste de Paris" presente na parte superior das cartas e a "Oeste de Greenwich", por sua vez, presente na inferior das cartas, conforme podemos ver no exemplo da carta *Antigas divisões politicas e fronteiras do Brasil* apresentada a seguir.

Não obstante, no mesmo período da produção da *NGU* por Reclus e de suas cartas por Perron ocorreu a Conferência de Washington em 1884 reunindo 27 países para decidirem qual seria o meridiano referencial. Entre as razões para a escolha do Meridiano de Greenwich como meridiano referencial duas devem ser destacadas – a hegemonia britânica no mundo e a segunda que grande parte das cartas do período eram produzidas pelos britânicos que destacavam este meridiano. Entretanto, nem todos os países aceitaram Greenwich como o meridiano central, a França liderando essa resistência. Depois das negociações entre a França e o Reino Unido acertou-se o impasse com a universalização do uso do sistema métrico adotado pelos franceses e à adoção do meridiano de Greenwich como meridiano inicial, acordo este oficializado no Congresso Internacional de Geografia de Londres de 1895.

Mapa 4. Antigas divisões políticas e fronteiras do Brasil.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 10.

O "geógrafo-historiador"[132] Reclus iniciou a sua descrição e análise do Brasil com o capítulo Vista geral em que apresentou a situação geográfica do Brasil em relação as maiores nações do mundo, a seguir expôs uma visão panorâmica dos aspectos naturais brasileiros e prosseguiu com a expansão marítima européia, a colonização portuguesa, a diferença da colonização ibérica na América, analisou a independência brasileira, a escravidão negra, a proclamação da República, a questão dos limites fronteiriços com as nações vizinhas, a guerra do Paraguai, as revoltas internas e a imigração européia principalmente.

[132] ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. **Civilização e Barbárie, História e Cultura**: representações culturais e projeções da "Guerra do Paraguai" nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 121.

Em um segundo momento do capítulo Reclus descreveu a natureza e os recursos naturais brasileiros. E propôs as "grandes divisões do Brasil", uma vez que:

> Tão vasto é o Brasil, que naturalmente se divide em grandes regiões distinctas, não obstante a unidade geographica do todo, characterizado por um massiço quasi insular de montanhas de formação primitiva, com o grande espinhaço de Norte a Sul, de declives rapidos para o lado do mar e de largos chapadões de separação entre as nascentes fluviaes. [...][133]

E *a posteriori* descreveu brevemente as regiões brasileiras conforme sua proposta, a saber: a Amazonia; o Araguaya e o Tocantins; a Costa equatorial; o São Francisco; o Parahyba; o Matto Grosso, onde se ergue o *divortium aquarum*; e por fim o Uruguay e o Paraná.

Pelos elementos descritos e destacados anteriormente verificamos o método geográfico de Reclus baseado em regiões naturais com destaque para a hidrografia e o relevo enquanto elementos norteadores para sua divisão.

Esta leitura de mundo em que a natureza serve de atributo primeiro de orientação do seu olhar, pensamento e ação com foco em seus *objetos* de estudo, ao que tudo indica é tributário, principalmente, dos pensamentos de Karl Ritter, proporcionados, a partir de sua breve aprendizagem nas aulas do mestre alemão na Universidade de Berlim, e de seu trabalho como tradutor das obras do geógrafo alemão para a língua francesa[134].

No caso da geografia da Colômbia David Alejandro Ramírez Palácios em seu estudo *Las Geografías de Reclus Y Vergara* constatou que:

> En virtud del sistema de «regiones naturales» adoptado por Reclus, Colombia queda en su obra repartida en dos volúmenes: Panamá aparece en el tomo XVII, publicado en 1891 y dedicado a México, las Antillas y los istmos americanos, y el resto del país en

[133] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 28.

[134] Como exemplo citamos: RITTER, Carl. De la configuration des continents sur la surface du globe, et leurs fonctions dans l'histoire. **Revue germanique**, v. 8, n. 11, 1859, p. 241-267.

el XVIII, referido a las regiones andinas de América del Sur y publicado dos años después. [...][135]

Mapa 5. A divisão regional do Brasil, a partir da *Nouvelle Geographie Universelle* (1894) de Élisée Reclus.

fonte: SILVA, Moacir M. F. Geografia dos Transportes no Brasil. Revista Brasileira de Geografia, Ano I, Nº 2, Abril de 1939, p. 92.

A proposta de divisão regional do Brasil de Reclus, a partir do tomo XIX da *NGU* e de *EUB* se aproxima à divisão do território brasileiro presente no livro *Navegação Interior do Brasil* (1869) de Eduardo José de Moraes. Contudo objetivo principal do autor que era engenheiro geógrafo foi apresentar uma proposta de um

[135] RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara**: itinerario de una red. 2006. Monografía (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006, p. 24.

Mapa 6. Plano de Viação de Eduardo José de Moraes.

fonte: SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Planos para o Império**: os Planos de Viação do Segundo Reinado (1869-1889). 2004. 192 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 81.

Nos capítulos seguintes de *EUB* Reclus descreveu e analisou as oito grandes regiões do Brasil, e em seu desenvolvimento um *modus operandi* se reproduziu como uma espécie de modelo ou padrão na estruturação das partes da obra onde iniciou respectivamente com a hidrografia, o relevo, a rocha, o solo, o clima, a flora e a fauna; enquanto elementos do domínio da geografia da natureza. E entre os elementos do domínio da geografia da sociedade apresentou palavras sobre os nativos, a população negra e branca, o extrativismo mineral, vegetal e animal, a agricultura, a pecuária, o artesanato, a manufatura, o comércio, as comunicações, os transportes e, por fim, a urbanização, em suas palavras:

> [...] Cumpre portanto dividir a descripção do Brasil em capitulos distinctos, nos quaes resumuniremos os traços characteristicos assignalados pelos viajantes e geographos sobre o relevo, a ramificação fluvial, a flora, a fauna e os habitantes de cada districto. [...][137]

A cartografia do Brasil da *NGU* por Charles Perron

Nesta seção se buscou levantar e analisar a contribuição dos "cartógrafos, desenhistas, gravadores, compositores, corretores e gráficos"[138] na produção das imagens do Brasil da *NGU* de Reclus. Acreditamos que a riqueza cartográfica e iconográfica da obra necessita ser compreendida como resultado de um esforço coletivo que envolveu uma ampla rede de colaboradores e "por supuesto, y a pesar de los resultados del proceso de atribución del conocimiento, una obra como esta no es y no puede ser trabajo de un solo hombre."[139]

Nos dezenove tomos da *NGU* constam 4 290 cartas[140]. Desse total no

---

[137] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 28.

[138] RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universalle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894, p. 797.

[139] RAMÍREZ PALACIOS, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara**: itinerario de una red. 2006. Monografía (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006, p. 22.

[140] ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985, p. 18.

capítulo dedicado ao Brasil no tomo XIX da obra, se apresentam 91 cartas e todas elas foram assinadas por Charles Perron e por essa razão acreditamos que este cartógrafo se destacou entre os colaboradores da rede científica e institucional do geógrafo francês.

Nesse sentido, acreditamos ser necessário apresentar algumas palavras sobre esse colaborador. Charles Perron nasceu em 1837 na cidade suíça de Genebra. Realizou seus primeiros estudos na escola de artes da mesma cidade que nasceu, onde foi aluno do pintor Barthélémy Benn. Quando tinha aproximadamente 20 anos foi trabalhar na Rússia, aonde permaneceu por cinco anos. Retornando a Suíça, para ganhar a vida trabalhou como pintor e fotógrafo. Em 1869, fundou e dirigiu o jornal *L'Egalité*, neste mesmo ano, em uma viagem a Paris conheceu o geógrafo francês Élisée Reclus que já havia realizado viagens a alguns países da Europa e da América, além de ter ingressado na Hachette e na Sociedade Geográfica de Paris. Depois de alguns anos, em 1872, Perron novamente deixou a Suíça para trabalhar durante três anos como cartógrafo. Provavelmente a partir do encontro em Paris com Reclus se estabeleceram as primeiras aproximações visando à colaboração na produção da cartografia da *NGU* e também em outras empresas. Quando Perron retornou a terra natal estabeleceu-se em Genebra, aonde trabalhou na Biblioteca Pública e na Universidade de Genebra, mais tarde, se tornou o curador do Depósito de Plantas de Genebra.

A posteriori das publicações da *NGU*, em 1898, quando Reclus já trabalhava como professor de Geografia comparada na Universidade Nova de Bruxelas (UNB), o geógrafo francês convidou Perron para trabalhar no Instituto de Geografia da UNB, porém o convite para o cartógrafo suíço ministrar suas aulas de construção de relevos não foi efetivado por restrições econômicas[141].

[141] [...] Los problemas financieros de la UNB recortaron la presencia de profesores invitados ante la escasez de recursos. Fue el caso del cartógrafo suizo Charles Perron – autor de los mapas de la *Nueva Geografía Universal* de Reclus – al que la UNB no pudo ofrecer las condiciones económicas mínimas para las clases de construcción de relieves. [...] Cf. MOSQUETE, Teresa Vicente. Geografia y educación. Eliseo Reclus y su labor geográfica en la Universidad Nueva de Bruselas. In: BERDOULAY, Vincent; VARGAS, Héctor Mendoza (ed.). **Unidad y diversidad del pensamiento geográfico en el mundo**. Retos y perspectivas. México: UNAM; INEGI; UGI, 2003, p. 258.

Outrossim, após dois anos, o cartógrafo suíço ganhou a medalha de ouro da Exposição Universal de Paris[142] de 1900 com a apresentação de uma maquete em gesso com o relevo da Suíça que foi produzida a partir de fotografias aéreas.

Para mapearmos as redes de colaboradores de Reclus para produzir esta obra colossal, nos concentramos unicamente na descrição e análise do capítulo dedicado ao Brasil da *NGU* onde observamos que as imagens do Brasil foram produzidas por Perron e por outros colaboradores e parceiros do geógrafo francês. Em nossa perspectiva de estudo buscamos atender de algum modo o convite de Sousa Neto quanto à afirmação de que: "se faz necessário que não apenas saibamos quais são as fontes, mas onde encontrá-las e os modos de fazê-lo"[143]. Entendemos que a busca de outros autores deste grande projeto é uma forma interessante de confirmarmos a afirmação de que existiu um esforço coletivo para a produção da cartografia e a iconografia do Brasil da *NGU*. Acreditamos que nesta obra colossal Reclus foi o seu idealizador e escritor; contudo, verificamos que o cartógrafo suíço foi o responsável por um sem número de cartas e mapas, portanto, Perron foi seu "principal cartógrafo"[144].

A colaboração e parceria entre o geógrafo Reclus e o cartógrafo Perron para a produção desta grande obra possibilitou uma frutífera parceria que criou inovações técnicas para a cartografia, conforme assinalou Federico Ferreti:

> Les premières collaborations de Charles Perron avec Elisée Reclus, depuis le deuxième volume, coïncident avec une importante innovation technique pour la production des cartes : l'emploi du procédé Gillot, qui permet de les envoyer directement à l'imprimeur, sans passer par le graveur à Paris. Pour Elisée Reclus, cela signifie garder le plein contrôle de l'iconographie malgré son éloignement.[145]

---

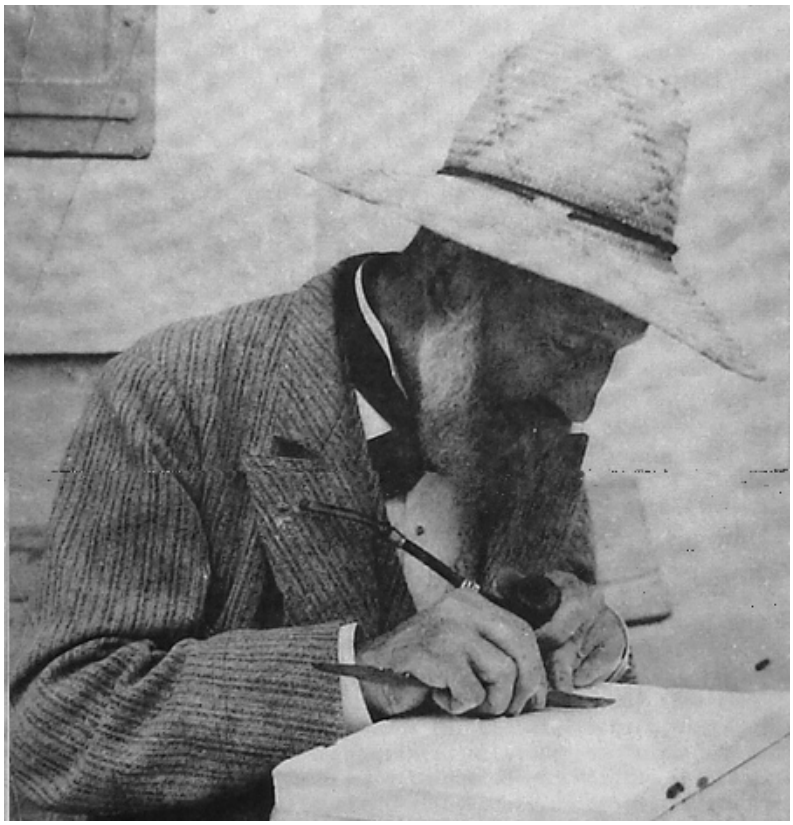
[142] FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010, *Open Access*. Disponível em: <http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>. Acesso em: 31 mar. 2010.

[143] SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. As Outras Histórias ou da Necessidade Delas. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, n. 2, 2000a, p. 140.

[144] FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010, *Open Access*. Disponível em: <http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>. Acesso em: 31 mar. 2010.

[145] FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010, *Open Access*. Disponível em: <http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>. Acesso em: 31 mar. 2010.

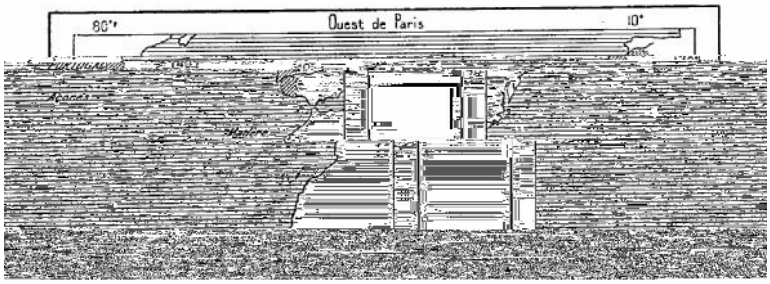
Charles Perron em seu trabalho.



fonte: FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. Disponível em: <http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>. Acesso em: 31 mar. 2010.

Entretanto, verificamos que não foi a única parceria que se estabeleceu para a realização deste grande projeto. Em nossos levantamentos, constatamos que as cartas e os mapas foram realizados exclusivamente por Perron. Contudo, identificamos um grande número de colaboradores e parceiros na produção dos desenhos e das gravuras do Brasil da *NGU* que foram elaboradas, principalmente, a partir de fotografias da Sociedade de Geografia de Paris e de fotografias de viajantes estrangeiros em passagem pelo Brasil.

Mapa 7. Brasil e Portugal.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 13.

As representações cartográficas e iconográficas que representam o Brasil da *NGU* mesmo não sendo elaboradas por Reclus apresentam uma grande complementaridade e harmonia entre o texto e a imagem e vice-versa que potencializam o poder explicativo da obra. Conforme Federico Ferreti escreveu:

> [...] Elisée Reclus est l'un des premiers géographes, sinon le premier, qui pense et conçoit l'iconographie en parfaite symbiose du texte comme en témoigne sa correspondance de travail. Il demande à ses cartographes de suivre des indications très précises : les cartes doivent être simples, les toponymes clairs et

> peu nombreux, il faut éviter toutes les formules abrégées et les symboles obscurs non compréhensibles.[146]

Entretanto, o geógrafo francês foi extremamente crítico com os resultados alcançados pela cartografia de seu tempo, principalmente, em relação às limitações na representação exata do mundo. Conforme verificamos em uma carta de 17 de abril de 1894 que Reclus enviou a Perron:

> [...] Nous-mêmes qui nous occupons plus ou moins de géographie, nous sommes toujours trompés par les fausses représentations graphiques, quoique nous sachions en théorie la forme vraie de la courbure et du relief. A plus forte raison ceux qui ne savent pas encore et qui apprennent avec confiance, sont-ils exposés à se faire les plus fausses idées de la géographie. Ils n'ont jamais dans l'esprit que des proportions inexactes. Ah ! que de cartes à détruire, y compris les miennes !.[147]

A partir de nosso estudo das cartas e mapas do Brasil da *NGU* corroboramos a afirmação de que Charles Perron pode ser considerado como um dos primeiros cartógrafos a produzir uma cartografia temática no sentido moderno do termo. Conforme oportunamente apontou Federico Ferreti:

> Les cartes de Charles Perron ont peu à voir avec la « géographie mathématique », c'est-à-dire que la localisation géodésique et l'uniformité topographique ne sont pas leurs premiers soucis : elles sont un soutien au texte et se présentent souvent sous la forme de ce qu'aujourd'hui on appellerait une « carte thématique ». Cartes physiques, statistiques, historiques, cartes de la population sont alors employés pour accompagner l'exposé des thématiques sociales. [...][148]

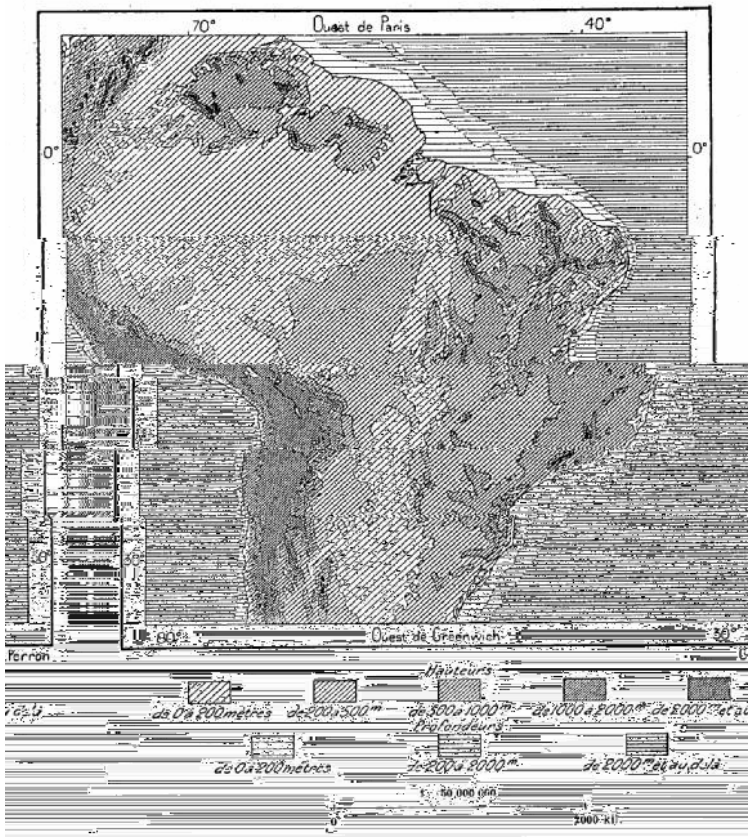
---

[146] FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010, *Open Access*. Disponível em: <http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>. Acesso em: 31 mar. 2010.

[147] RECLUS, Élisée. **Correspondance**, Tome III et dernier. Septembre 1889 - Juillet 1905. Paris : Alfred Costes, 1925, p. 162.

[148] FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010, *Open Access*. Disponível em: <http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>. Acesso em: 31 mar. 2010.

Mapa 8. Relevo do Territorio Brasileiro.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 27.

Algumas iconografias do Brasil da *NGU*

Nesta parte da seção apresentamos os trabalhos dos desenhistas e gravadores das imagens do Brasil na *NGU* de Reclus. Com essa apresentação se torna possível verificar o talento destes profissionais da rede de colaboradores do geógrafo francês que trabalharam com técnicas tradicionais, contudo, atingiram resultados de se admirar. Entre os principais colaboradores de Reclus que participaram da produção dos desenhos do Brasil da *NGU* identificamos e apresentamos a seguir os trabalhos de T. Taylor, J. Lavée, Riou, G. Vuillier, Boudier, A. Slom, A. Paris e Th. Weber. Já entre os principais responsáveis pelas gravuras identificamos e apresentamos os trabalhos de Thiriat e Bocher.

No entanto, para não nos limitarmos somente à ilustração das iconografias do Brasil da *NGU*, buscamos dialogar e nos apropriamos a nosso modo do estudo[149] de Heliana Angotti-Salgueiro em que analisou os desenhos de Percy Lau e outras "visões iconográficas" do Brasil moderno.

Nesse sentido, vale expressar que as iconografias dos colaboradores de Reclus antecedem em alguns anos os trabalhos de Percy Lau, uma vez que, este último produziu suas iconografias do Brasil no século XX, já os desenhistas e gravadores do Brasil da *NGU* retrataram a nação tropical em fins do século XIX.

Outrosssim, uma primeira consideração que nos apropriamos de Heliana Angotti-Salgueiro diz respeito à identificação das bases das representações em que constatamos que quase todas as iconografias selecionadas para ilustrar essa seção possuem uma base comum para composição dos desenhos e gravuras que foram a partir de fotografias. A única iconografia produzida por outra base foi a de A. Slom que usou um esboço.

Outro elemento interpretativo chave para pensarmos estes trabalhos, inserem-se no sentido de que essas representações traduzem a riqueza do universo da cultura visual que buscou representar o "pensamento imagético da época"[150], no sentido de serem elaborados como "miniaturas da realidade"[151].

Nesse sentido, acreditamos ser interessante nos apoiarmos primordialmente nas construções textuais do "geógrafo experimentador"[152] que mais se aproximam de nos apresentar o *genius loci*, ou seja, as palavras mais representativas das descrições e análises da sociedade e do território nacional que dialogam com as construções iconográficas dos colaboradores de Reclus.

---

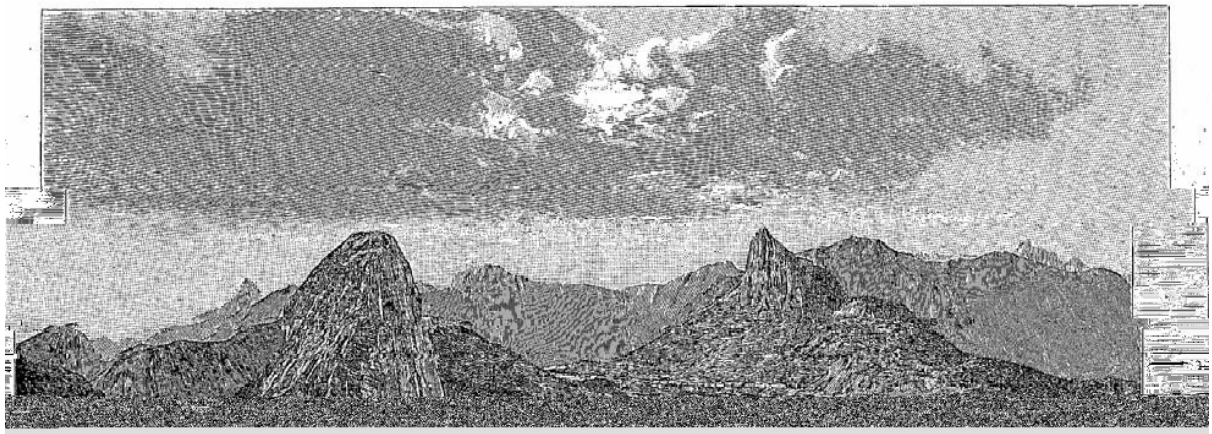
[149] ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas" do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 21-72, jul.-dez. 2005.

[150] ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas" do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, jul.-dez. 2005, p. 21.

[151] ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas" do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, jul.-dez. 2005, p. 31.

[152] ALAMBERT Jr., Francisco Cabral**. Civilização e Barbárie, História e Cultura**: representações culturais e projeções da "Guerra do Paraguai" nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 121.

Entrada da Bahia do Rio de Janeiro.
Desenho de Taylor, segundo photographia.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 23.

> A maravilhosa bahia que deu seu nome á cidade principal do Brasil, Rio de Janeiro, e que outr'ora era com mais razão denominada pelos Tupis – Nictheroy – « Agua escondida », ou Guanabara (palavra de etymologia incerta), pertence pela sua extremidade septentrional ao typo das lagôas fluviaes; é ao mesmo tempo um golfo e uma lagôa.[153]

[153] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 251.

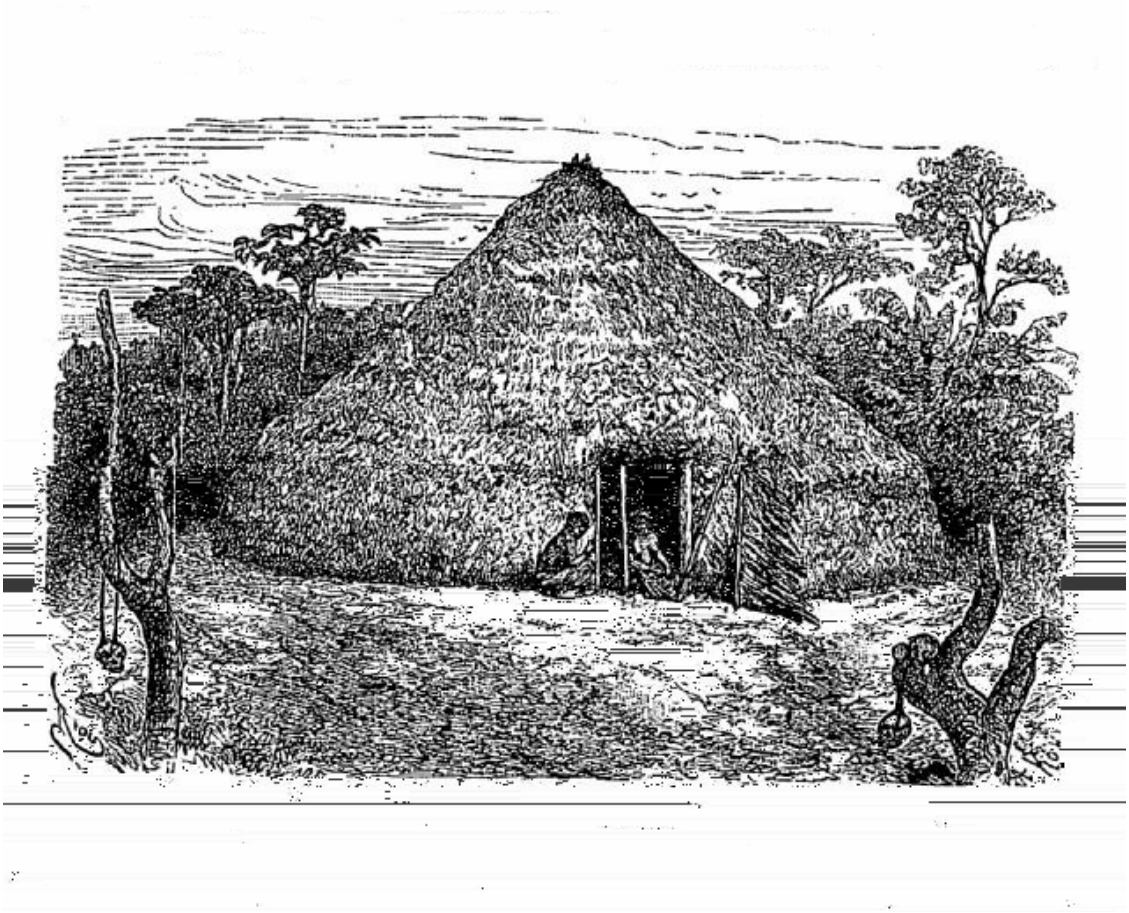
Interior d'uma choça dos Ticunas.
Desenho de J. Lavée, por uma photographia emprestada pela Biblioteca do Museu.

fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 91.

> Os habitantes do alto Solimões, quando este sae do territorio peruano, são já muito mixturados, si bem que não hajam ainda perdido de todo a sua divisão em tribus e não se tenham confundido em uma massa de origem incerta [...] Reconhecem-se alguns Omaguas pelo rosto redondo e flacido, os Yahuas pelo seu andar altivo, os Ticunas circumcisos pelos seus vestuarios pinctados. [...][154]

[154] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 89.

Choças de indios orejones do Içá.
Desenho de Riou, segundo uma photographia de J. Crevaux.



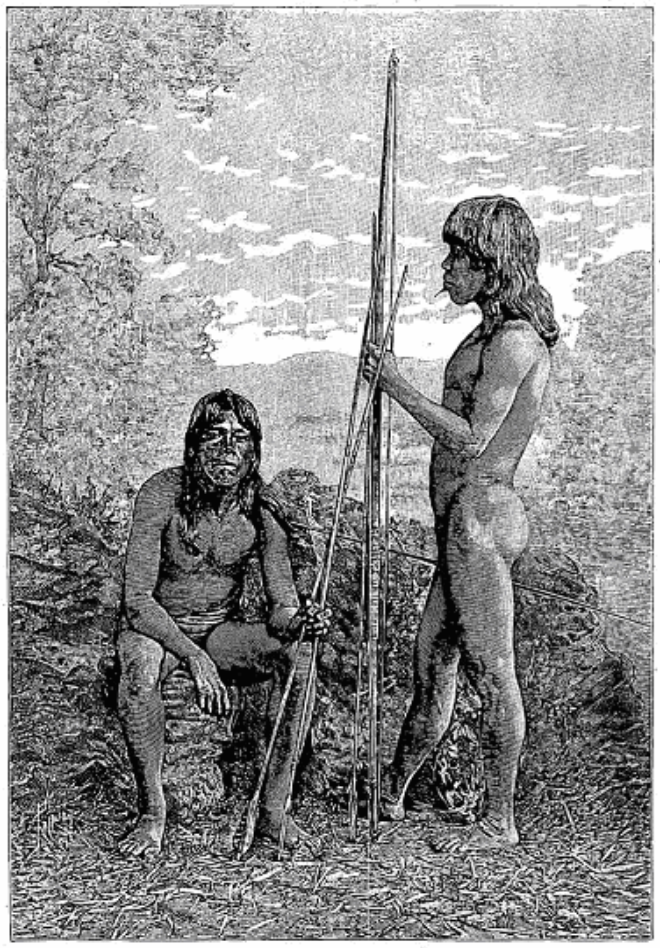
fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 108.

Os Orejones vivem na parte do médio curso do rio Içá,

> [...] estes orejones furam os labios, as orelhas e as alas do nariz; têm por vestimenta uma fita de vime, usam ainda do machado de pedra e fabricam bonita louça. O indigena porém abandona cada vez mais o grande rio e refugia-se no curso superior á margem dos affluentes, onde a caça e a pesca são mais faceis, e onde elle está mais abrigado das contendas e usurpações dos brancos.[155]

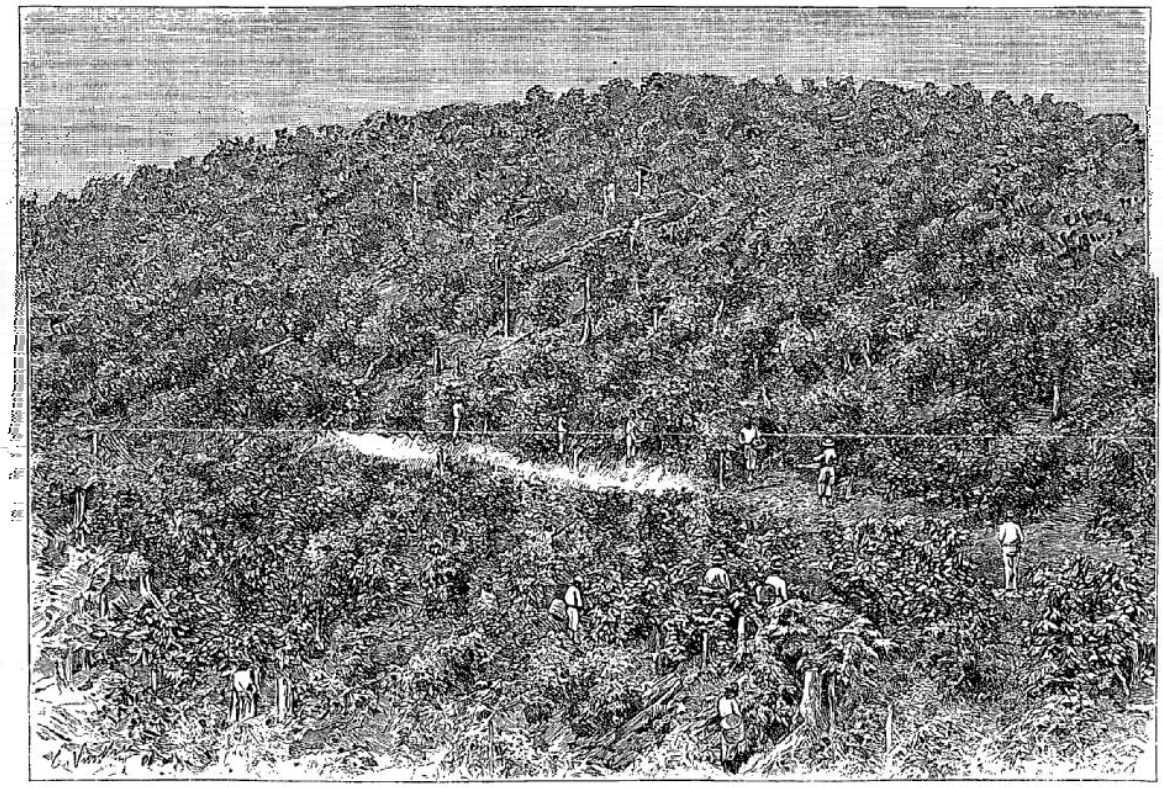
[155] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 107.

Indios Carajás.
Gravura de Thiriat, segundo photographia emprestada pelo sñr. Coudrau.



fonte: RECLUS, Élisée.

O Cafezal.
Desenho de G. Vuillier, segundo photographia.

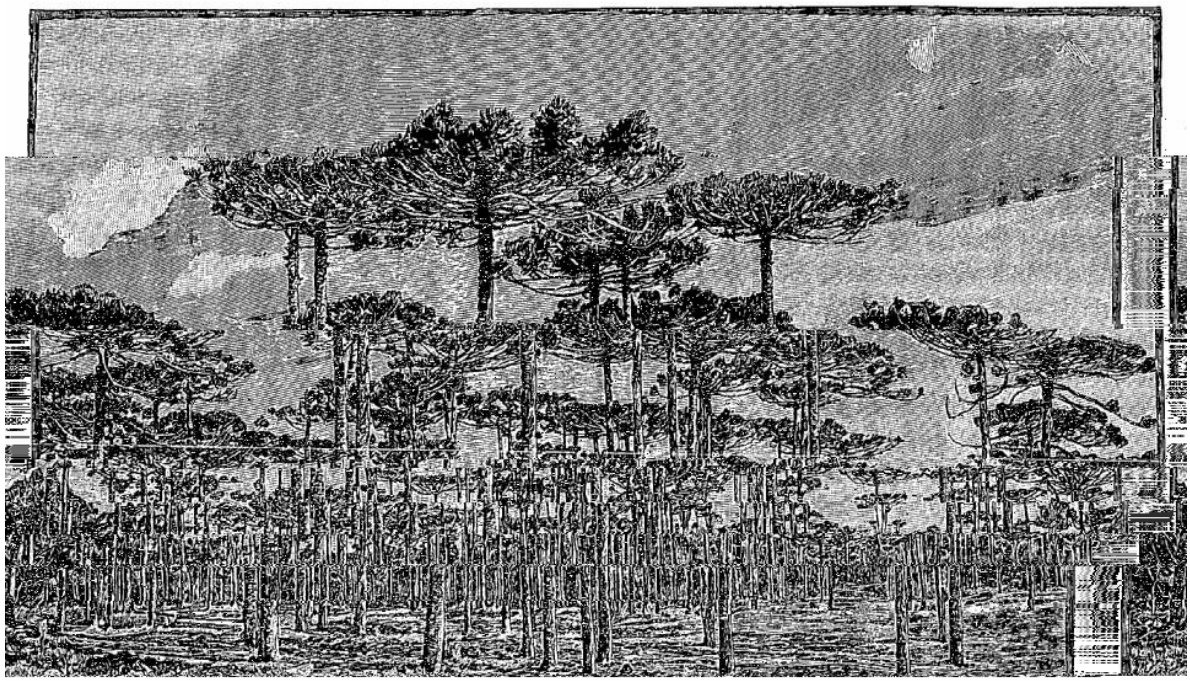


fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 259.

> Os grandes *cafezaes* completam-se com um grande machinismo industrial para a limpa, a despolpação e secca do café. Não longe da casa de residencia, em terrenos de pequeno declive, preparam-se terreiros, onde trazida em vagonetes a colheita é depositada e espalhada ao sol. Regos d'agua ramificados na superficie do terreiro recebem as bagas; com a humidade apodrece o envoltorio, e depois os grãos são levados para um moinho, onde pela fricção se despolpam. Entregues ao apparelho, as bagas attritadas, polidas, acabam por entrar num grande tambor de peneiras circulares, que as classifica, segundo suas fórmas diversas em « moka », « martinica », « guayra », e outras especies commerciaes, caindo por fim nos saccos promptos para o trem que espera á porta da usina.[157]

[157] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 422.

Grupo de Araucarias, em S. Paulo.
Desenho de Boudier, segundo photographia.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 293.

> No Estado de S. Paulo, a serra da Mantiqueira continúa como no Rio de Janeiro e desenvolve-se pelo interior parallelamente á serra do Mar, mas não offerece saliencias tão notaveis. Depois de haver formado o massico do Itatiaya, o mais alto do Brasil, abaixa-se de mais de mil metros; todavia ao Norte de Pindamonhangaba o vasto taboleiro dos Campos do Jordão apresenta picos de altitudes diversas entre 1 500 e 1 800 metros; um d'esses cumes tem 1 782 metros de altura. [...][158]

[158] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 292.

Porto de Santos, Vista Tomada em 1891.
Grav. de Bocher, segundo photographia.

fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 329.

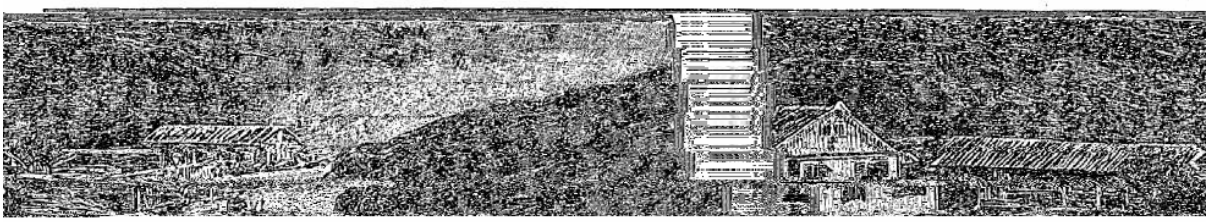
> [...] Este porto exterior, situado como Santos numa ilha separada do continente por estreito canal, transmitia seus productos para a terra firme pelo portosinho do Cubatão situado juncto á montanha por traz de Santos ; um molhe, gradualmente transformado em isthmo, tornou inutil este segundo porto, e de então em deante os navios passaram a ancorar no profundo golfo á cuja margem se ergueu Santos. [...][159]

[159] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 328.

Paizagem de Matto-Grosso. – As Margens do Aquidauana.
Desenho de A. Slom, segundo esboço offerecido pelo Snr. Taunay.

fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 391.

Mulas transportando minereo.
Desenho de A. Paris, segundo photographia.

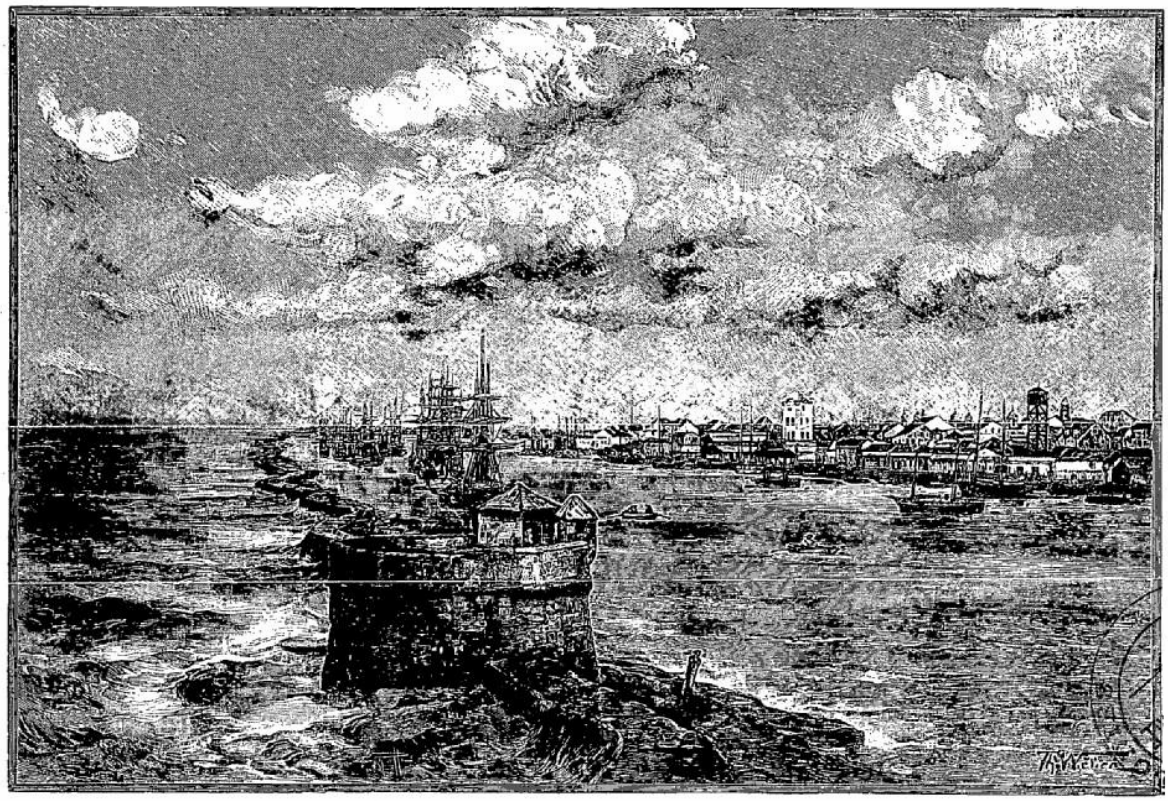


fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 435.

> [...] Esburacaram quasi por toda a parte o solo n'uma extensão de 450 kilometros e na largura de 220, dos dous lados da serra do Espinhaço e nos valles triburarios do rio das Velhas. Do massico do Ouro-Branco até a cidade do Serro, caminha-se sempre sobre montões de cascalhos que passaram, e alguns mais de vez, pela bateia do faiscador. Da estrada, entre Ouro-Preto e Sabará, avista-se nas collinas um esbarrancado que tem muitos kilometros de extensão : dir-se-hia uma parede feito pelo esboroamento das rochas, mas é uma excavação descoberta e feita pelos mineiros a mais de 40 metros de profundidade. [...][161]

[161] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 434.

Porto do Recife. – Vista tomada do Recife.
Desenho de Th. Weber, segundo photographia.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 449.

> A capital do Estado de Pernambuco, ordinariamente designada com o mesmo nome pelos navegantes extrangeiros, mas chamada officialmente Recife por causa do quebra-mar natural que lhe protege o porto, é uma das cidades historicas do Novo-Mundo e um dos emporios commerciaes que parecem destinados ao maior futuro. [...][162]

[162] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 176.

Capítulo 3 - O Brasil de Reclus traduzido por Ramiz Galvão

O contexto de uma tradução: a publicação de *EUB*

Dez anos antes da tradução e da publicação do capítulo II. *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle* de Reclus havia sido publicado em Paris a primeira edição de *Le Brésil*[163] por Émile Levasseur (1828-1911) com a colaboração do Barão de Rio Branco, Eduardo Prado, Visconde de Ourém, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart e Zaborowski, com o objetivo de ser apresentada na Exposição Universal de Paris em 1889. Em razão do esgotamento dessa obra antes mesmo do encerramento da exposição o Sindicato Franco-Brasileiro na Exposição Universal de Paris custeou uma segunda edição de *Le Bresil* que foi revista e corrigida por Levassuer e pelo Barão de Rio Branco, nesta nova edição foi adicionado um *Appendice* por *** e E. Glasson e um *Album de vues du Brésil* executado sob a direção do Barão de Rio Branco.

Le Bresil se constitui como parte integrante da *La Grande Encyclopédia*. Levasseur procurou com a ajuda de colaboradores brasileiros e estrangeiros produzir uma síntese das principais características da geografia física, política, econômica, da história e dos progressos humanos conquistados pela jovem nação dos trópicos com o objetivo de divulgá-los para o mundo e em especial para a França na Exposição Universal de Paris.

E com o êxito de *Le Bresil* no velho mundo, alguns intelectuais brasileiros como Capistrano de Abreu publicaram artigos apontando a necessidade de se traduzir *Le Bresil* no Brasil, em suas palavras: "seria preciso traduzir e publicar este trabalho [Le Brésil]. Os próprios especialistas terão o que aprender nele, e muito."[164]

Por sua vez, Rui Barbosa publicou no *Diário de Notícias* em 14 de outubro de 1889:

---

[163] LEVASSEUR, Émile et al. **Le Brésil**. Paris : H. Lamirault, 1889.
[164] ABREU, Capistrano de. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1889.

> Quem doravante quiser conhecer o Brasil, seu passado, sua evolução, seu estado atual, encontrará todos os elementos de uma completa iniciação nesta monografia que deve ocupar por direito um lugar de honra na biblioteca de todos os brasileiros que souberem traduzir o francês até o dia em que, graças a uma boa tradução de nossa língua, venha a figurar sobre a mesa de trabalho de todos aqueles que souberem ler.[165]

E como resposta ao artigo de Rui Barbosa, o Barão do Rio Branco escreveu as seguintes palavras:

> Ao eminente brasileiro Ruy Barbosa, autor do magistral estudo tão cheio de benevolencias publicado no Diario de Notícias de 14 de outubro de 1889, offereço este exemplar do *Brésil*, em sinal de eterna gratidão ao compatriota e muito admirador.
>
> Rio Branco[166]

Brasileiros ilustres como Capistrano de Abreu e Rui Barbosa reivindicavam a tradução de *Le Brésil* para a língua portuguesa para que os brasileiros pudessem aprender um pouco ou muito sobre o Brasil a partir desta importante obra que teve a sua primeira edição esgotada antes do final de sua vitrine em Paris.

Conforme se pode verificar com o esgotamento da primeira edição de *Le Brésil* foi publicada uma segunda edição revista, corrigida e ampliada no idioma da primeira edição. Mesmo com a "acolhida benévola que o público e a imprensa brasileira e estrangeira deram a essa edição [primeira] animou os autores e o Sindicato [Franco-Brasileiro na Exposição Universal de Paris] a publicar esta [segunda edição]."[167] ainda em francês.

A partir das palavras expostas algumas questões podem ser colocadas. Por que a tradução de *Le Brésil* para a língua portuguesa não ocorreu conforme a acolhida do público e da imprensa nacional e internacional nos oitocentos? Por

---

[165] BARBOSA, Rui. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1889.
[166] LEVASSEUR, Émile. **O Brasil** por E. Levasseur; com a colaboração de Barão do Rio Branco et al.; Apêndice por E. Glasson. Rio de Janeiro: Bom Texto: Letras & Expressões, 2000.
[167] LEVASSEUR, Émile. **O Brasil** por E. Levasseur; com a colaboração de Barão do Rio Branco et al.; Apêndice por E. Glasson. Rio de Janeiro: Bom Texto: Letras & Expressões, 2000, p. 10.

que as reivindicações de nossos "mosqueteiros intelectuais"[168] não foram atendidas?

Para a realização de uma breve analogia entre *o Brasil de Reclus e o Brasil de Levasseur* e assim continuar nossa aproximação com um olhar *por dentro da obra* apresentamos nesta seção o sumário do Brasil de Levasseur:

SUMÁRIO

Prefácio da 1ª edição 10
Prefácio da 1ª edição 10
Prefácio desta edição 11

PRIMEIRA PARTE – Geografia Física

Capítulo I A Situação e a Superfície, por E. Levasseur 12
Capítulo II Os Limites: Fronteiras, Costas e Ilhas, por E. Levasseur 14
§1. Território contestado entre a França e o Brasil 14
§2. As fronteiras do império 15
§3. Costas e ilhas 19
Capítulo III Relevo do Solo, por E. Levasseur 20
Capítulo IV A Geologia, por Henri Gorceix 25
Capítulo V O Regime das Águas, por E. Levasseur 26
Capítulo VI O Clima, por E. Levasseur 35
Capítulo VII A Flora, por Paul Maury 37
Capítulo VIII A Fauna, por E. Trouessart 41
Capítulo IX A Paleontologia, por E. Trouessart 42
Capítulo X A Antropologia, pelo Barão do Rio Branco e Zaborowski 43
Capítulo XI As Explorações Científicas, pelo Barão do Rio Branco 51

SEGUNDA PARTE – Geografia Política
História, Administração, População

Capítulo I A História, pelo Barão do Rio Branco 52
§1. Descoberta do Brasil 52
§2. Primeiras explorações e começo da colonização 54
§3. Holandeses 57
§4. Colonização e guerras nos séculos XVII e XVIII 57
§5. Reino do Brasil 62
§6. Independência e reinado do imperador D. Pedro I 62
§7. Reinado do imperador D. Pedro II 64
Capítulo II A Emancipação dos Escravos, por E. Levasseur 68
Capítulo III O Governo e a Administração,
por E. Levasseur, o Visconde de Ourém
e o Barão do Rio Branco 71

[168] SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 96-97.

§1. Governo, por E. Levasseur, o visconde de Ourém
e o barão do Rio Branco 71
§2. Divisões políticas, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco 72
§3. Cidades principais, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco 73
§4. Justiça, pelo visconde de Ourém 100
§5. Religião, por E. Levasseur 101
§6. Forças militares, pelo barão do Rio Branco 101
§7. Finanças, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco 103
Capítulo IV A Legislação, pelo Visconde de Ourém 106
Capítulo V A População, por E. Levasseur 109
Capítulo VI A Imigração,
por E. Levasseur e o barão do Rio Branco 111
Capítulo VII A Instrução,
por E. Levasseur e o barão do Rio Branco 114
Capítulo VIII A Imprensa, pelo barão do Rio Branco,
Ex-jornalista no Rio de Janeiro 117
Capítulo IX A Língua e a Literatura,
por Eduardo Prado 126
Capitulo X As Belas Artes,
pelo Barão do Rio Branco 130
Capítulo XI A Música, por Eduardo Prado 140

TERCEIRA PARTE – Geografia Econômica

Capítulo I As Regiões Agrícolas, por E. Levasseur 142
Capítulo II Os Produtos do Reino Vegetal,
por E. Levasseur 145
Capítulo III Os Produtos do Reino Animal,
por E. Levasseur 148
Capítulo IV Os Produtos do Reino Mineral,
por E. Levasseur 149
Capítulo V A Indústria, por E. Levasseur
e o barão do Rio Branco 151
Capítulo VI As Vias e Meios de Comunicação,
por E. Levasseur e o barão do Rio Branco 152
§1. Navegação sobre os cursos d'água 152
§2. Estradas de terra 154
§3. Estradas de ferro 154
§4. Navegação marítima e portos 161
§5. Linhas telegráficas 162
Capítulo VII As Instituições de Previdência
e de Assistência Pública,
por E. Levasseur e o barão do Rio Branco 162
Capítulo VII As Medidas, Moedas
e outros Instrumentos de Câmbio,
por E. Levasseur, o visconde de Ourém
e o barão do Rio Branco 164
§1. Medidas 164
§2. Moedas 164
§3. Bancos e moedas fiduciária 164
Capítulo IX O Comércio, por E. Levasseur 166

§1. Comercio exterior do Brasil e comércio interprovincial 166
§2. Comércio do Brasil com a França 168
Capítulo Final Resumo do Estado do Brasil,
por E. Levasseur 168

APÊNDICE

A Casa Imperial do Brasil,
pelo Barão do Rio Branco 172
Algumas Notas Sobre a Língua Tupi, por *** 172
As Instituições Primitivas do Brasil,
por E. Glasson 175

BIBLIOGRAFIA

1. Obras Gerais e Viagens 180
2. Geografia Física e Política 180
3. História 181
4. Literatura e Belas-Artes 182
5. Literatura Jurídica 182
6. Flora 183
7. Fauna 183
8. Paleontologia 183
9. Antropologia 184
10. Lingüística 184

Em nossas pesquisas por fontes primárias de informações encontramos um dado curioso. Após cinco anos da viagem de Reclus ao Brasil, a Academia Brasileira de Letras (ABL) elegeu o *sabio geographo francez* como sócio correspondente estrangeiro.

A ABL foi instalada no Rio de Janeiro em 28 de janeiro de 1897[169] sob a inspiração da Academia Francesa por um grupo de escritores próximos a *Revista Brasileira* liderada por José Veríssimo[170]. Contudo, este grupo de escritores da

[169] "[...] [instalaram] a Academia: Araripe Júnior, Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay. Também Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luís Murat e Valentim Magalhães, que haviam comparecido às sessões anteriores. Ainda Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, conselheiro Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sílvio Romero e Urbano Duarte, que aceitaram o convite e a honra." Cf. http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=2

[170] As palavras de José Veríssimo podem ser entendidas como uma síntese das transformações sociais que o Brasil e os brasileiros estavam vivendo: "O movimento de idéias que antes de acabar a primeira metade do século XIX se começara a operar na Europa com o positivismo comtista, o transformismo darwinista e o evolucionismo spenceriano, o intelectualismo de Taine e Renan e quejandas correntes de pensamento, que, influindo na literatura, deviam pôr um termo ao domínio

revista era *somente* de trinta membros. Diante disso, eles necessitavam completar o número de quarenta membros efetivos como na Academia Francesa.

Assim sendo, os dezesseis membros efetivos e perpétuos presentes à sessão de instalação da ABL elegeram dez nomes[171] para se completar o quadro da instituição. A Academia tem em sua composição brasileira quarenta membros efetivos e perpétuos, eleitos em votação secreta e completa seu quadro vinte sócios correspondentes estrangeiros. O principal objetivo da instituição consistiu no estímulo e o estudo da língua e da literatura brasileira.

Depois de constituída a composição brasileira da Academia, nas sessões seguintes necessitava-se eleger os sócios correspondentes estrangeiros. Sem embargo, na sessão de 25 de outubro de 1898, com a presença de Machado de Assis, Rodrigo Octavio, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Visconde de Taunay, Graça Aranha, Lucio de Mendonça, Filinto de Almeida, Araripe Junior, Inglez de Souza e Teixeira de Mello, sob a presidência de Machado de Assis, foram eleitos dezesseis sócios correspondentes estrangeiros: Guerra Junqueiro, Teophilo Braga, Eça de Queiroz, Eugenio de Castro, D. José Echegeray, Herbert Spencer, Conde Leão Tolstoi, Paul Groussac, Bartholomeu Mitre, Garcia Merou, Guilherme Blest Gana, Giosuè Carducci, Theodor Mommsen, Henrik Ibsen, Rafael Obligado e Élisée Reclus[172].

A "Casa de Machado de Assis" elegeu o *sabio geographo francez* como sócio correspondente estrangeiro na posição de 1º ocupante da Cadeira 3 em que o Patrono é Botelho de Oliveira. A título de informação, é oportuno destacar que

---

exclusivo do romantismo, só se entrou a sentir no Brasil, pelo menos, vinte anos depois de verificada a sua influência ali. Sucessos de ordem política e social, e ainda de ordem geral, determinaram-lhe ou facilitaram-lhe a manifestação aqui (...) Atuando, simultaneamente sobre o nosso entendimento e a nossa consciência, pela comoção causada nos espíritos aptos para lhes sofrer o abalo, estes diferentes sucessos produziram um salutar alvoroço (...) A novidade que tinham, ou que lhe enxergávamos, foi principalíssima parte no alvoroço com que as abraçávamos." José Veríssimo (1916 apud MURARI, 2007, p. 34)

[171] Sob a presidência de Machado de Assis se anunciou a eleição dos seguintes membros: "[...] Magalhães de Azeredo, Raymundo Corrêa, Aluizio Azevedo, Salvador de Mendonça, Domicio da Gama, Luiz Guimarães, Eduardo Prado, Barão de Loreto, Clovis Bevilacqua e Oliveira Lima." Cf. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Acta da sessão de 28 de janeiro de 1897**. Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br>. Acesso em: 31 jul. 2009.

[172] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Ata da sessão de 25 de outubro de 1898**. Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br>. Acesso em: 31 jul. 2009.

Reclus foi o único ocupante francês desta cadeira, todos os demais ocupantes até hoje são escritores de nacionalidade portuguesa.

Assim como o encaminhamento descritivo e analítico utilizado com as sociedades geográficas que recepcionaram Reclus em sua viagem ao Brasil, produzimos a seguir um mapeamento dos membros presentes na sessão da ABL em que o *sabio geographo francez* foi eleito como sócio correspondente estrangeiro.

Tabela 3. Perfis dos sócios presentes à sessão de 25 de outubro de 1898 da ABL.

Nome	Naturalidade	Escolaridade	Formação	Ocupação	Titulação	Origem social
Machado de Assis	RJ	S./Inf.	S./Inf.	Servidor público	***	Pai: Operário
Rodrigo Octavio	SP	Superior	Direito	Magistrado	***	S./Inf.
Joaquim Nabuco	PE	Superior	Direito	Diplomata	***	Pai: Senador
José Veríssimo	PA	S./Inf.	S./Inf.	Professor	***	S./Inf.
A. Maria Adriano d'Escragnolle T.	RJ	Superior	Engenheiro militar	Militar e político	Visconde de Taunay	Pai: Barão

Graça Aranha	MA	Superior	Direito	Diplomata	***	S./Inf.
Lucio de Mendonça	RJ	Superior	Direito	Advogado e magistrado	***	S./Inf.
Filinto de Almeida	Portugal	S./Inf.	S./Inf.	Jornalista	***	S./Inf.
Araripe Junior	CE	Superior	Direito	Advogado e servidor público	***	Pai: Conselheiro
Inglez de Souza	PA	Superior	Direito	Advogado e político	***	S./Inf.
Teixeira de Melo	RJ	Superior	Medicina	Jornalista	***	S./Inf.

Acreditamos que a tradução da obra de Reclus no Brasil efetivou-se, principalmente, em razão do reconhecimento internacional e brasileiro sobre a qualidade do trabalho do geógrafo francês, atestado pelo recebimento de duas medalhas de ouro – uma pela Sociedade Geográfica de Paris em 1892 e no ano seguinte pela Real Sociedade Geográfica de Londres[173]. Some-se a estes fatos, que em sua breve viagem pelo Brasil, Reclus foi recebido no IHGB, aonde teve seu nome proposto como sócio honorário; como também, foi recebido na SGRJ, aonde recebeu o título de sócio honorário. Outrossim, após cinco anos de sua

[173] ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985, p. 14.

passagem pelo Brasil o geógrafo francês foi eleito sócio correspondente estrangeiro pela ABL.

O que escrevemos anteriormente pode ser entendido como um conjunto de fatores que possibilitaram a publicação da tradução de parte da obra de Reclus em que descreveu e analisou o Brasil em uma importante e famosa casa editorial brasileira: a Livraria Garnier[174]. O historiador Nicolau Sevcenko estudou dois importantes escritores brasileiros – Euclides da Cunha e Lima Barreto – em *Literatura como Missão*[175], onde confirma nossa leitura da importância da casa editorial que deu luz a tradução da obra de Reclus, em suas palavras: "A Garnier era o reduto dos consagrados"[176].

Após um ano da eleição de Reclus pela "Casa de Machado de Assis", Ramiz Galvão trabalhava na tradução de *EUB*, e segundo as suas próprias palavras: essa "excelente obra" [...] "prestará bons serviços e merece o favor do público brasileiro". Acreditamos ser interessante apresentar as palavras dirigidas *ao leitor*, como forma de uma aproximação integral de nosso leitor as palavras do tradutor:

> ***AO LEITOR***
>
> *Traduzindo esta excellente obra de Elisée Reclus, não nos julgamos auctorizados a modifica-la em pontos substanciaes, ainda que nem sempre concordassemos com a opinião do auctor. Corrigimos apenas alguns lapsos do texto, particularmente no que respeita a nomes proprios e datas; aponctamos por vezes em nota os equivocos em que o eminente geographo caiu, e substituimos por dados estatisticos recentes os que ocorrem no original francez que foi dado á estampa em 1893, como se sabe.*
> *As largas annotações e a grande ampliação do texto dariam ao livro dimensões que se não quiz attingir.*
> *Ainda assim parece-nos que a obra prestará bons serviços e merece o favor do público brasileiro.*
>
> ***RAMIZ GALVÃO.***

[174] MOLLIER, Jean-Yves. Les mutations de l'espace éditorial français du XXIIIe au XXe siècle. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, v. 126-127, mars 1999, p. 31.
[175] SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
[176] SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 141.

Rio, 24 de Maio de 1899.[177]

Por fim, como pudermos verificar o reconhecimento de Reclus no Brasil e na Europa[178] era expressivo. Acreditamos que estes fatos podem ter motivado Rio Branco a traduzir e anotar o texto *Território contestado franco-brasileiro* e inseri-lo como *Appendice* a *EUB*. Acreditamos nisso porque a tradução, anotações e a publicação aconteceram a aproximadamente um ano *a priori* da publicação do Laudo Arbitral na Questão do Amapá[179]. Ou seja, a tradução e notas de Rio Branco foram elaboradas no mesmo período do Tratado de Arbitramento de 10 de abril de 1897 que foi assinado em Berna entre o governo brasileiro e o governo francês em que as partes em litígio submeteram a fixação da fronteira da Guiana Francesa e do Brasil a decisão do governo suíço. Apresentaremos algumas palavras sobre este tema mais adiante na seção *Um apêndice para explicitar polêmicas: a controvérsia França / Brasil em torno da fronteira Guiana / Amapá* desse capítulo.

As referências tropicais do Brasil de Reclus: um exame bibliométrico

Nesta seção produzimos um estudo bibliométrico de *EUB* de Reclus com o objetivo de examinar as fontes de informações coletadas em sua viagem científica ao Brasil como forma de subsidiar a produção do último tomo da *NGU* (DUNBAR, 1978; ANDRADE, 1985; CARDOSO, 2006; LOPES, 2009; RAMÍREZ Palacios, 2010).

Em sua passagem pela nação tropical o geógrafo francês foi recebido no IHGB e na SGRJ, e nestas ocasiões estabeleceram-se as práticas oitocentistas

[177] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

[178] Élisée Reclus recebeu duas medalhas de ouro, uma da Sociedade Geográfica de Paris em 1892 e no ano seguinte da Real Sociedade Geográfica de Londres. Cf. ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985, p. 14.

[179] O Laudo Arbitral na Questão do Amapá foi publicado em 1° de dezembro de 1900. Cf. GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 344.

institucionais tradicionais – a recepção, os encaminhamentos ordinários e as palestras –, como também ocorreu a permuta de periódicos e outros materiais entre as instituições e Reclus.

Nesse sentido, fizemos um levantamento das fontes tropicais coletadas e citadas por Reclus no capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *NGU* e em sua tradução *EUB* a partir de sua identificação nas notas de rodapé presentes ao longo das obras.

Torna-se necessário esclarecer que para atingirmos nosso objetivo com o mapeamento das referências tropicais de Reclus estabelecemos duas escolhas. Uma de ordem de método, em que usamos a bibliometria como forma de estudo das fontes tropicais do geógrafo francês na produção das obras. A segunda escolha se deu na identificação das referências brasileiras de *EUB* em que consistiu no uso da língua da citação para o estabelecimento de sua origem, ou seja, a língua portuguesa foi o critério para as escolhas das referências intituladas *tropicais*.

Com o exame bibliométrico das referências tropicais de *EUB* buscamos nos aproximar de alguma forma das palavras de Horário Capel:

> [...] A partir del inventario de los textos es posible realizar análisis bibliométricos simples que, en una primera aproximación permiten conocer los centros editoriales, los autores más productivos e influyentes, la importancia de la traducciones, o el número de ediciones y el período de circulación de las obras, que en algún caso, según un estudio que hemos realizado, pueden extenderse más de medio siglo.[180]

Reclus usou inúmeras referências em *EUB*. Deste total 72 obras citadas estão em língua portuguesa. Localizamos nas obras em português que 63 possuem identificação dos autores e 9 não possuem identificação dos autores, ou seja, somente existe o nome do trabalho nas notas de rodapé. Das 63 obras com

[180] CAPEL, Horacio. Historia de la Ciencia e Historia de las Disciplinas Científicas. Objetivos y bifurcaciones de un programa de investigación sobre historia da geografía. **Cuadernos Críticos de Geografía Humana**, Barcelona, año XII, n. 84, dic. 1989, *Open Access*. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/geo84c.htm>. Acesso em: 31 Jul. 2011.

identificação dos autores 60 são obras de autoria individual; 2 obras possuem 2 autores e 1 obra foi produzida por mais de 3 autores.

Para identificarmos o número total de citações das obras analisadas, desconsideramos as referências sem identificação dos autores em razão de que um de nossos objetivos no exame bibliométrico de *EUB* é saber quais foram os autores mais usados em sua produção.

Nesse sentido, nosso universo de obras em exame é o das obras com a identificação de autoria, ou seja, 63 obras. Estas obras foram escritas por 45 autores que por sua vez foram citados 79 vezes em *EUB*. Contabilizamos que nestas citações foram 14 os autores com o maior número de referências e para estes autores mais citados organizamos duas tabelas.

Porém antes de quantificarmos as informações dos 14 autores com o maior número de referências em *EUB* identificaremos cada um deles e suas respectivas obras, começando com Luiz d'Alincourt[181], Henrique de Beaurepaire-Rohan[182], Luiz Cruls[183], Orville A. Derby[184], Hercule Florence[185], Hercule Florence[186]. – Alfredo Taunay, Hermann von Ihering[187], Alfredo Lisboa[188], Alberto Loefgren[189], Couto de Magalhães[190], J. P. Favilla Nunes[191], Barbosa Rodrigues[192], Theodoro Sampaio[193], Alfredo Taunay[194] e, finalmente, F. Adolpho de Varnhagen[195].

---

[181] *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* e *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, 1890. Uma observação é importante expressar todas as citações foram reproduzidas conforme aparecem em *EUB*.

[182] *Considerações acerca dos melhoramentos em relação ás seccas do Norte do Brazil* e *Diccionario de vocabulos brazileiros*.

[183] *Commissão Exploradora do Planalto Central*, *Notas manuscriptas* e *O Clima do Rio de Janeiro*.

[184] *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio-de-Janeiro,* 1885; *Contribuição para o estudo da Geographia physica do valle do rio Grande; Geologia e Paleontologia de Matto-Grosso; A Geographia physica do Brazil; Meteoritos Brasileiros; Nota sobre a Geologia e Paleontologia do Matto-Grosso; Os Picos altos do Brazil; Revista da Sociedade de Geographia do Rio-de-Janeiro*,1889.

[185] *Esboço da viagem*... trad. por A. de Taunay, *Rev. do Instituto*, 1875.

[186] *Revista do Instituto Historico*, 1875.

[187] *As Arvores do Rio Grande do Sul* e *Rio Grande do Sul*.

[188] *Memoria do Projecto de melhoramento do porto do Recife* e *Notas manuscriptas*.

[189] *Contribuições para a botanica paulista* e *Dados climatologicos do anno de 1890*.

[190] *O Homem no Brasil*.

[191] *População, territorio e representação nacional do Brasil* e *Recenseamento do Estado do Rio de Janeiro*.

[192] *Relatorio sobre o rio Trombetas* e *Rio Tapajoz*.

[193] *Considerações geographicas e economicas sobre o valle do rio Paranapanema*.

[194] *Innocencia*, *A Nacionalização*, *Revista do Instituto Historico*, 1890 e *Scenas de viagem*.

A primeira tabela está organizada em ordem decrescente a partir do número total de citações; quando o número total de citações dos autores empatou, utilizamos como critério de desempate o número total de obras citadas e se ainda assim o empate persistisse sua classificação se deu por ordem alfabética dos sobrenomes dos autores.

Tabela 4. Número de citações das principais referências tropicais presentes em *EUB*.

Autor	Número Total de Citações	Número de Obras Citadas
Derby	9	8
Varnhagen	7	1
Taunay	6	4
Rodrigues	4	2
Cruls	3	3
Ihering	3	2
Loefgren	3	2
Sampaio	3	1
d'Alincourt	2	2
Beaurepaire-Rohan	2	2
Florence	2	2
Lisboa	2	2
Nunes	2	2
Magalhães	2	1

Dos 14 autores mais citados em *EUB*, 9 possuem suas obras usadas mais de uma vez, por exemplo: Varnhagen possui 7 citações de *Historia Geral do Brasil*. Por sua vez, 11 autores possuem 2 ou mais obras citadas, por exemplo: Derby possui 8 obras citadas em um número total de 9 citações, ou seja, a obra *Os Picos altos do Brazil* foi citada duas vezes e as outras 7 obras foram citadas somente uma única vez.

A segunda tabela está organizada em ordem decrescente a partir do número de obras citadas; quando o número de obras citadas dos autores empatou

[195] *Historia Geral do Brasil*.

utilizamos como critério de desempate, o número total de citações e se ainda assim o empate persistisse sua classificação se deu por ordem alfabética dos sobrenomes dos autores.

Tabela 5. Número de obras citadas entre as principais referências tropicais presentes em *EUB*.

Autor	Número de Obras Citadas	Número Total de Citações
Derby	8	9
Taunay	4	6
Cruls	3	3
Rodrigues	2	4
Ihering	2	3
Loefgren	2	3
d'Alincourt	2	2
Beaurepaire-Rohan	2	2
Florence	2	2
Lisboa	2	2
Nunes	2	2
Varnhagen	1	7
Sampaio	1	3
Magalhães	1	2

Conforme comunicado na seção *As sociedades geográficas com que dialoga Reclus* do Capítulo 1, realizamos uma comparação dos nomes dos sócios presentes nas sessões do IHGB e da SGRJ com as referências tropicais presentes em forma de nota de rodapé de *EUB* e constatamos que somente dois sócios das sociedades geográficas brasileiras com que o geógrafo francês dialogou tiveram seus trabalhos citados como leituras que contribuíram diretamente na elaboração da geografia do Brasil de Reclus.

E entre os sócios do IHGB identificamos somente Henrique Raffard com um trabalho publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro* citado por Reclus em uma nota de rodapé de *EUB*. Por sua vez, na SGRJ identificamos somente Guilherme Capanema, o Barão de Capanema com um texto publicado no

Jornal do Commercio citado por Reclus em uma referência na forma de nota de rodapé de *EUB*.

Contudo, é curioso que estes dois autores brasileiros Raffard e Capanema não aparecem entre os nomes dos autores com maior número de referências nas notas de rodapé de *EUB*. Entretanto, foram os autores brasileiros que encontramos com trabalhos citados na obra de Reclus aqui analisada que estabeleceram um contato direto com o geógrafo francês nas sociedades geográficas brasileiras visitadas em 1893.

Portanto, como identificamos de forma expressiva um conjunto de outros autores secundariamente citados pelo geógrafo francês e não contemplados na análise acima dos principais autores citados no Brasil de Reclus, acreditamos ser oportuna a apresentação desses autores que também contribuíram na produção de *EUB*.

Verificamos que estes outros autores escreveram trabalhos, principalmente, ligados a temas de geografia física. Outra constatação a que chegamos foi o significativo uso de fontes de periódicos de sociedades geográficas e instituições científicas brasileiras. Como são os exemplos de José de Carvalho Almeida[196], José da Costa Azevedo[197], João Branner[198], G. R. Blot[199], A. Alves Camara[200], Capanema[201], Gonçalves Dias[202], Couto de Magalhães, etc. – Braz da Costa Rubim, Severiano da Fonseca[203], Magalhães Gandavo[204], Ch. F. Hartt[205], J. B. de Lacerda[206] e R. Peixoto, Peter Lund[207], Raymundo José da Cunha Mattos[208], Luiz Martinho de Moraes[209], H. Morize[210], Albert Morsing[211], Muratori[212], Rio-Branco[213],

---

[196] *Relatorio da Commissão de estudo*.
[197] *Mappa do rio Amazonas*.
[198] *Geologia de Fernando de Noronha*.
[199] *Notas manuscriptas*.
[200] *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, 1889.
[201] *Jornal do Commercio*, Fevereiro de 1893.
[202] *Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza*.
[203] *Viagem ao redor do Brazil*.
[204] *Historia da provincia de Santa-Cruz*.
[205] *Relatorio dos trabalhos da Commissão Geologica na provincia de Pernambuco*.
[206] *Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas*.
[207] *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.
[208] *Chorographia historica da provincia de Goyaz*.
[209] *Commissão d'estudo das localidades para a nova capital*.
[210] *Esboço de uma climatologia do Brasil*.

Fr. Rodrigues do Prado[214], Antonio Martins de Azevedo Pimentel[215], R. Ewerton Quadros[216], Barbosa de Sá[217], W. Sievers[218], A. A. Ferreira da Silva[219], José Franklin da Silva[220], R. L. Tavares[221], Simão de Vasconcellos[222] e, por fim, Americo Werneck[223].

Com os resultados do exame bibliométrico das referências tropicais do Brasil de Reclus acima apresentadas, encontramos uma aproximação interessante com a avaliação de Yves Lacoste no estudo da *NGU*, em suas palavras:

> [...] Autant Reclus dans les tomes de sa *Nouvelle Géographie universelle* multiplie les références aux ouvrages et surtout aux articles de multiples auteurs (voyageurs, commerçants, militaires, marins, géographes) [...][224].

Uma tradução, várias dissensões

Conforme apresentamos, *EUB* de Reclus conta com a tradução e breves notas elaboradas por Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Essa obra foi publicada no Rio de Janeiro em 1900 pela Garnier, e se estrutura por sua vez em: Vista geral com 32 páginas; Amazonia, Estados do Amazonas e do Pará com 100 páginas; Vertente do Tocantins, Estado de Goyaz com 17 páginas; Costa equatorial, Estado do Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas com 38 páginas; Bacia do rio S. Francisco e vertente oriental dos planaltos, Estados de Minas Geraes, Bahia, Sergipe e Espirito Santo

---

211 *Estrada de Ferro de Baturité*.
212 *Paraguai*.
213 *Notas manuscriptas*.
214 *Revista do Instituto*, nº I, 1839.
215 *Subsidios para o estudo da Hygiene do Rio de Janeiro*.
216 *Revista do Instituto Historico*, tomo LV, 1892.
217 *Relação das povoações*.
218 *Venezuela*.
219 *Estudos de demographia sanitaria*.
220 *Revista do Instituto Historico*, 1882.
221 *O rio Tapajoz*.
222 *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*.
223 *Problemas Fluminenses*.
224 LACOSTE, Yves. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicité et une bienveillante géopolitique. **Hérodote**, n. 117, Paris : Éditions La Découverte, oct.- déc. 2005, p. 42.

com 54 páginas; Bacia do Parahyba, Estado do Rio de Janeiro e Districto Federal com 46 páginas; Vertente do Paraná e contravertente oceanica, Estados de São Paulo, Paraná e Santa Catharina com 67 páginas; Vertente do Uruguay e littoral adjacente, Estado de S. Pedro do Rio Grande do Sul com 23 páginas; Matto Grosso com 31 páginas; Estado material e social da população brasileira com 50 páginas e Governo e administração com 12 páginas.

Vale lembrar que *EUB* conta também com um *Appendice Territorio contestado franco-brasileiro* traduzido e anotado pelo Barão do Rio Branco que será estudado na próxima seção.

Por ora, apresentamos breves palavras das notas de Ramiz Galvão que afirmava que: traduzia uma *excelente obra de Élisée Reclus*. Entretanto, *não* se julgava *autorizado a modificá-la em pontos substanciais, ainda que nem sempre* concordasse *com a opinião do autor*. E que corrigiria *apenas alguns lapsos do texto, particularmente, no que respeita a nomes próprios e datas*; contudo, apontaria *por vezes em nota os equívocos em que o eminente geógrafo caiu*, *e* substituirá *por dados estatísticos recentes os que ocorrem no original francês que foi* publicado em 1894.

Escreveu ainda o tradutor: *As largas anotações e a grande ampliação do texto dariam ao livro dimensões que se não quis atingir*. E finalizou: *Ainda assim parece-nos que a obra prestará bons serviços e merece o favor do público brasileiro*.

Assim como na seção anterior, realizamos um exame bibliométrico das notas do tradutor e que estão apresentadas na tabela abaixo. Como podemos observar, segundo o tradutor, a correção de apenas alguns lapsos no texto totalizam 152 notas.

E essas notas não se endereçaram somente a nomes próprios e datas. De fato, são significativas os equívocos em que Reclus caiu segundo Ramiz Galvão. E, por fim, a substituição dos dados estatísticos foi uma constante na tradução, somente não ocorrendo no capítulo Vista Geral que centra-se no estudo da História do Brasil, em todos os demais capítulos de *EUB* ocorreu a substituição das estatísticas.

Tabela 6. Estatística das notas do tradutor em EUB.

Capítulos												
Temas	I.[225]	II.[226]	III.[227]	IV.[228]	V.[229]	VI.[230]	VII.[231]	VIII.[232]	IX.[233]	X.[234]	XI.[235]	**Total**
Cidades						14	1					15
Clima							1					1
Estatística		3	1	2	3	11	3	5	2	16	7	53
Etnografia		2										2
Geologia		1			1							2
Hidrografia		2										2
História	5	3		2	10	2	14	2	1	13	10	61
Medicina						3						3
Relevo					2	2	1					5
Vegetação	1	5						1	1			8

Como o universo das notas do tradutor é significativo não realizamos a análise individual desses pequenos textos, uma vez que esse trabalho vai além de nossos objetivos nesse trabalho e que demanda tempo e energia que não possuímos no momento.

Nesse sentido, nos contentamos em realizar um breve exame da notas de Ramiz Galvão, a partir de uma amostragem do que o próprio tradutor chamou de *apenas alguns lapsos do texto*.

[225] Vista Geral.
[226] Amazonia.
[227] Vertente do Tocantins.
[228] Costa Equatorial.
[229] Bacias do Rio S. Francisco e Vertente Oriental dos Planaltos.
[230] Bacia do Parahyba.
[231] Vertente do Paraná e Contravertente Oceanica.
[232] Vertente do Uruguay e Littoral Adjacente.
[233] Matto-Grosso.
[234] Estado Material e Social da Sociedade Brasileira.
[235] Governo e Administração.

Tabela 7. Total de páginas por capítulo e as notas do tradutor em *EUB*.

Capítulos	Total de Páginas	Notas do Tradutor
Vista Geral.	32	6
Amazonia.	100	16
Vertente do Tocantins.	17	1
Costa Equatorial.	38	4
Bacias do Rio S. Francisco e Vertente Oriental dos Planaltos.	54	16
Bacia do Parahyba.	46	32
Vertente do Paraná e Contravertente Oceanica.	67	20
Vertente do Uruguay e Littoral Adjacente.	23	8
Matto-Grosso.	31	4
Estado Material e Social da Sociedade Brasileira.	50	29
Governo e Administração.	12	17

Uma primeira consideração que se torna necessário expressar é a que diz respeito à classificação das notas do tradutor para a produção da tabela *Estatística das notas do tradutor em EUB.* Classificamos como História as notas de Ramiz Galvão que, no momento de sua elaboração, poderiam ser classificadas como Geografia. Essa classficação se deu no espírito da máxima de Reclus que inter-relacionava história e geografia, afirmando que "a Geografia não é outra coisa que a História no Espaço, assim como a História é a Geografia no Tempo".

Vamos apresentar um exemplo de como realizamos essa operação:

> [...]
> O Brasil meridional, ao contrario, atravessado pelo Uruguay, pelo Paraná e seus affluentes, não tem mais Indios entre seus habitantes, e até os Europeus de sangue puro, graças á rapidissima emigração, são ahi muito mais numerosos proporcionalmente do que em qualquer outra parte da Republica. Mas n'este Brasil meridional, o Estado do Rio Grande do Sul,

> tantas vezes assolado pelos partidos, constitue um todo geographico distincto, quasi uma ilha : o Uuruguay a Oeste e ao Norte dá-lhe limites definidos, e si o territorio das antigas Missões que a Republica Argentina disputava[1] ao Brasil tivesse sido tirado a este ultimo, o Rio Grande não ficariá preso aos outros Estados sinão por uma especie de pendunculo.[236]
> [...]
>
> [1] Como já atraz ficou dicto, a decisão d'esse pleito foi favoravel ao Brasil, e portanto não se realizou a hypotese de perdermos o territorio de Palmas, impropriamente chamado das Missões. *(N. do T.)*

O Laudo Arbitral na Questão de Palmas[237] foi publicado em 5 de fevereiro de 1895 pelo Presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, em virtude do Tratado de Arbitramento concluído em 7 de setembro de 1889 entre o Brasil e a Argentina. Ou seja, a nota do tradutor foi necessária na tradução porque a publicação do capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *NGU* ocorreu em 1894, um ano antes da publicação do laudo arbitral, e por essa razão, em *EUB* que foi publicada em 1900, Ramiz Galvão adequadamente atualizou as palavras de Reclus. E, destarte, para o tradutor provavelmente tratava-se de uma nota em termos de geografia, não obstante, a classificamos em nosso estudo elaborado em 2011 como história.

Por fim, acreditamos ser oportuno compartilhar a leitura de que pela quantidade de notas do tradutor inseridas em *EUB*, essa tradução possui várias divergências entre o autor Reclus e o tradutor Ramiz Galvão. Contudo, podemos qualificá-la como um debate assim como na questão a seguir do apêndice?

---

[236] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 31.

[237] Cf. GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 325-328.

Um apêndice para explicitar polêmicas: a controvérsia França / Brasil em torno da fronteira Guiana / Amapá

Iniciamos essa seção com uma análise panorâmica e quantitativa sobre o texto *Território contestado franco-brasileiro*. Originalmente este texto compõe a seção V do capítulo *Les Guyanes* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle*[238].

Entretanto, sua versão original *Territoire contesté franco-brésilien* foi traduzida e inserida como um *Appendice* junto à tradução do capítulo II. *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *NGU*. *Estados Unidos do Brasil*[239] representa a tradução do capítulo do tomo XIX da *NGU*. A tradução do francês para o português foi realizada por Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz.

No entanto *Território contestado franco-brasileiro* tem a *traducção e notas do Barão do Rio Branco* e representa um *Appendice* de *EUB*, contudo, este apêndice não consta nem mesmo na capa e no índice desta obra. Existe(m) explicação(ões) para isso? Este fato foi um acidente, proposital ou não?

Acreditamos que a publicação do *Appendice Território contestado franco-brasileiro* junto a *EUB* não deve ser considerada como uma mera coincidência ou mesmo um acidente – proposital ou não –, uma vez que, neste mesmo ano, o governo suíço apresentou o Laudo Arbitral na Questão do Amapá[240].

O contexto histórico e político da publicação das traduções era de disputa. O *Appendice* foi traduzido, porém, também recebeu vinte e duas notas de rodapé que foram elaboradas pelo Barão do Rio Branco. A versão original (em francês) do texto possui seis páginas com dois mapas que não foram inseridos na tradução; já a versão traduzida (em português) e anotada possui onze páginas. Portanto, a versão em português é maior que a versão em francês, e isso se deu porque as

---

[238] RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894.

[239] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

[240] GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 344.

anotações inseridas na tradução produziram uma outra dimensão ao texto original. Uma vez que nestas onze páginas, as palavras do autor – Élisée Reclus – possuem mais conteúdo somente em cinco páginas; já o tradutor e anotador – Rio Branco – por sua vez, possui mais palavras em seis páginas. Ou seja, no *Appendice* Rio Branco escreveu mais que Reclus. Tendo em vista este fato observado, levantamos a hipótese de que para Rio Branco estava em disputa neste processo, não somente o território contestado politicamente entre o Brasil e a França, acreditamos que soma-se a esta questão, uma disputa de ordem intelectual entre Reclus e Rio Branco no que se refere a quem apresentava a descrição e análise mais completa e aprofundada sobre o contestado.

O território contestado corresponde atualmente ao Estado do Amapá que foi primeiramente disputado por portugueses e franceses e posteriormente por brasileiros e franceses (REIS, 1976; BRITO, 2008).

Contudo, somente com o Tratado de Arbitramento de 10 de abril de 1897 que foi assinado em Berna entre o Governo dos Estados Unidos do Brasil e o Governo da República Francesa em que ambas as partes submeteram a fixação da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa a decisão do governo suíço, este contencioso caminhou para seus contornos decisivos e finais.

Nas seções anteriores pudermos verificar, que o conhecimento de Reclus no Brasil e na Europa era expressivo. Acreditamos que este prestígio pode ter motivado Rio Branco a produzir um debate junto à obra do *sabio geographo francez* que tratava do território contestado franco-brasileiro, e que se materializou nas notas que acompanham o *Appendice*. Acreditamos ainda que a tradução e notas de Rio Branco foram elaboradas mais ou menos no mesmo período do trabalho de tradução de Ramiz Galvão. Ou seja, há mais de um ano *a priori* da publicação do Laudo Arbitral na Questão do Amapá[241].

Como verificamos, desde a assinatura do Tratado de Berna em 1897, a fixação da fronteira entre a Guiana Francesa e o Brasil estava submetida à

[241] O Laudo Arbitral na Questão do Amapá foi publicado em 1° de dezembro de 1900. Cf. GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 344.

arbitragem e decisão do governo suíço. Acompanhamos ainda que, em 1899 Ramiz Galvão trabalhava na tradução de *EUB*.

Por outro lado, desde 1893 Rio Branco havia assumido "a chefia da delegação encarregada da defesa brasileira no contencioso de Palmas ou das Missões"[242], que estava submetido à arbitragem do governo dos Estados Unidos da América. Com a vitória brasileira na questão dos limites com a Argentina, a escolha mais natural para a defesa dos interesses brasileiros no contencioso do Amapá foi novamente de Rio Branco (RICUPERO, 2000). Portanto, pelo menos desde 1897 o *diplomata* Rio Branco estudava e preparava a defesa brasileira referente ao Tratado de Berna. Casualidade ou não, a publicação da tradução da obra de Reclus no Brasil neste mesmo período pode ter motivado o *diplomata* Rio Branco a também estabelecer um debate sobre o contencioso com o *sabio geographo francez* a partir da inserção da tradução de um apêndice em *EUB* seguido de anotações que teriam um objetivo distinto das notas de Ramiz Galvão.

Prosseguiremos a partir deste momento, no desenvolvimento de nosso trabalho com uma análise mais próxima e qualitativa do texto, com o objetivo de destacar a descrição e análise do debate Reclus-Rio Branco / Rio Branco-Reclus materializados no *Appendice* de *EUB*.

E para isso nos apropriaremos das próprias palavras do *sabio geographo francez* e das notas do *diplomata* Rio Branco presentes no texto. Somente não usaremos este recurso metodológico em duas notas de rodapé escritas pelo *diplomata* Rio Branco – em razão destas notas possuírem uma grande dimensão – nas demais notas as mesmas serão transcritas de modo integral.

Primeiramente, Reclus descreveu o tamanho e os limites do território em litígio entre a Guiana Francesa e o Brasil; por sua vez, Rio Branco inseriu em sua primeira nota de rodapé que o contencioso estava submetido à arbitragem internacional[243].

---

[242] RICUPERO, Rubens. **Rio Branco**: o Brasil no mundo. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000, p. 24.

[243] O Tractado de 10 de Abril de 1897, entre o Brazil e a França, submetteo ao arbitramento e decisão do Governo Suisso a questão de limites que está em litígio desde o século XVII. Segundo esse Tratado, o Brazil reclama os seguintes limites: – o thalweg do Oyapoc [...] e o parallelo de 2° 24' Norte, desde a margem esquerda do Oyapoc até á fronteira da Guyana Hollandeza. A França

A seguir, Reclus destacou a ocupação territorial efetuada por populações indígenas e "civilizadas", finalizou este tema com considerações ligadas à densidade demográfica[244].

No prosseguimento do texto Reclus apresentou informações centrais sobre o contestado, primeiro que este contencioso desdobrava-se desde o século XVII, e principalmente que o limite meridional do domínio francês era o grande rio Amazonas.

Este fato motivou Rio Branco escrever a mais extensa nota de rodapé no *Appendice*, uma vez que esta era a questão central do Tratado de Berna – esta será a primeira nota de rodapé que não transcrevemos integralmente – inicialmente Rio Branco concordou com o argumento de Reclus, contudo, afirmou que os franceses não podiam "dominar a margem septentrional do Amazonas porque nunca tiveram estabelecimento de espécie alguma."[245]

O brasileiro lembrou que os portugueses estabeleceram-se no Pará em 1616, e que começaram a desalojar os estrangeiros que haviam fundado fortes e feitorias no Amazonas e seus afluentes. Destacou que esses estrangeiros eram, sobretudo, ingleses e holandeses, no entanto, não havia franceses estabelecidos no Amazonas. E que o eventual aparecimento de navios franceses em fins do século XVI e início do século XVII com o objetivo de negociar com os nativos da região não constitui um título em favor da França. Porque antes de 1542 os navios portugueses já seguiam os rumos da viagem de Orellana ao Amazonas. Reafirmou que os portugueses do Pará tomaram fortes de holandeses, ingleses e irlandeses localizados na região do Amazonas em 1623, 1625, 1629, 1631, 1632 e 1647.

---

reclama o thalweg do Araguary [...]; depois, uma linha que partindo da nascente principal do braço principal do Araguary, segue para Oeste parallelamente ao Amazonas até á margem esquerda do rio Branco; finalmente, a margem esquerda do Rio Branco até ao ponto de encontro do parallelo que passa pelo ponto extremo dos montes de Acaray. Officialmente, portanto, o territorio contestado fica comprehendido entre essas linhas e as Guyanas Hollandeza e Ingleza. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 471.

[244] Já na segunda nota Rio Branco afirma que: O autor refere-se aqui ao territorio comprehendido entre o Oyapoc, ou Vicente Pincon, e o Araguary. Esse territorio contém hoje uns 10,000 habitantes, quasi todos Brasileiros. Cf. Ibidem, p. 472.

[245] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 472.

Enfatizou ainda a criação da Capitania do Cabo do Norte por parte das Coroas ibéricas como forma de enfrentar as guerras contra os holandeses e ingleses, e que os limites da capitania eram de 100 léguas pela margem esquerda do Amazonas, e de 35 a 40 léguas pela costa do mar, desde o Cabo do Norte até o rio de Vicente Pinson, sendo este o limite setentrional da capitania. Anunciou que antes da viagem de Christoval de Acuña e de Pedro Teixeira pelo Amazonas em 1639, os portugueses já possuíam estabelecimentos na Capitania do Cabo do Norte.

Por outro lado, os franceses somente ocuparam Caiena e as costas vizinhas expulsando os holandeses em 1664[246], contudo, a conquista e ocupação definitiva somente ocorreram em 1672. No entanto, desde 1604 a Coroa francesa realizou inúmeras concessões sobre papel, não seguidas de ocupação efetiva, portanto, essas ações incompletas não podiam invalidar os direitos das Coroas ibéricas que foram baseados no descobrimento e na ocupação; por fim, afirmou que poderia citar concessões das Coroas espanhola e portuguesa anteriores a 1604.

A reclamação do Amazonas como limite meridional da Guiana Francesa por parte do governo francês datava aproximadamente do final do século XVII. Não satisfeitos os franceses reclamaram também o Maranhão:

> [...] e isto quando os Portuguezes já tinham ao norte do Amazonas varios estabelecimentos, desde a sua foz até o rio Negro, [...] Essas infundadas reclamações deram logar ao tratado de Lisboa de 4 de Março de 1700, que neutralisou provisoriamente as *Terras do Cabo do Norte* situadas entre a margem esquerda do Amazonas, [...] e la *rivière d'Oyapoc dite de Vincent Pinson*, diz a traducção official franceza, *rio Ojapoc ou de Vicente Pinson*, diz o texto portuguez.[247]

---

[246] [...] O primeiro governador francez, Le Febvre de la Barre, na sua *Description de la France équinoxiale*, publicada em 1666, dizia: « La Guyane française, proprement France équinoxiale, qui contient quelques quatre-vingts lieues françoise de coste, *commence par le cap d'Orange*, qui est une pointe de terre basse qui se jette á la mer et dont on prend connaissance par trois petites montagnes que l'on voit par dessus et qui sont au delâ de la rivière *Yapoco*, qui se jette à la mer sous ce cap. L'on peut à la rivière Marony mettre les bornes de la Guyane française ». Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 473.

[247] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 473.

A posteriori do Tratado de Utrech, de 11 de abril de 1713, a Coroa francesa renunciou as suas pretensões às duas margens do Amazonas e às Terras do Cabo do Norte[248].

Por fim, Rio Branco concluiu a maior anotação do *Appendice* com as seguintes palavras: "estes textos mostram bem que o *rio de Vicente Pinson*, ou *Oyapoc*, *Ojapoc* ou *Japoc* de 1700 e 1713 é o único Oyapoc conhecido e que figurava nas cartas antes d'essas datas, isto é, o rio do Cabo de Orange[249]."

Voltemos às palavras de Reclus, que passou a descrever a localização do forte de Macapá, construído em 1688 pelos portugueses[250], sendo ocupado pelos franceses em 1697, e nesse mesmo ano, retomado pelos portugueses.

O *sabio geographo francez* criticou energicamente o Tratado de Utrecht, seus autores e apresentou uma questão:

> [...] O tratado de Utrecht, concluido em 1713, devia resolver definitivamente o litigio, mas complicou-o, fixando como fronteira das possessões respectivas dos dois paizes um rio que ninguem conhecia, e cuja foz nenhum navegante havia explorado. Qual é esse rio Yapok ou Vicente Pinzon, que os diplomatas de Utrecht, ignorantes das cousas da América, quizeram indicar nas suas chartas rudimentares?[251]

---

[248] [...] « entre o rio das Amazonas e o de *Japoc ou Vicente Pinsão* », diz o texto portuguez, « appelées du Cap du Nord et situées entre la rivière des Amazones et celle de *Japoc ou de Vincent Pinson* », diz o texto francez. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

[249] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

[250] Rio Branco anotou que: O forte de Cumaú ou Macapá foi tomado por M. de Ferrolles no dia 31 de Maio de 1697 e retomado pelos Portuguezes do Pará, sob o commando dos capitães Souza Fundão e Moniz de Mendonça, no dia 28 de Junho do mesmo anno. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

[251] Rio Branco provocado por esta questão escreveu uma nota em que parece indicar uma possível resposta dos diplomatas espanhóis, como também, as palavras de um diplomata brasileiro: O rio *Japoc* ou *Vicente Pinson* do Tratado de 1713 é o *Ojapoc*, *Oyapoc* ou *Vicente Pinson* do Tratado de 1700, o *Vicente Pinson* das Cartas de 1691 e 1707 do Padre Samuel Fritz, rio esse que é o mesmo *Yapoco* ou *Iapoco* de Moequet (1616), o mesmo *Yapoco* de d'Avity (1637), de De La Barre (1666), de De l'Isle (1703), de Corneille (1708) e outros Francezes, isto é, o rio que desembocca a Oéste do Cabo d'Orange. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

Reclus continuou o texto com duas possíveis respostas a pergunta dirigida aos diplomatas de Utrecht. Por um lado, os portugueses designavam Oiapoque[252], o rio cuja foz se abre entre a montanha d'Argent e o Cabo d'Orange; por outro lado, os franceses designavam o rio de Vicente Pinzon, como o Amazonas[253], e que na falta deste rio, seria preciso escolher como limite o mais considerável da região: o Araguari[254].

Para Reclus poder-se-ia encher bibliotecas com as memórias e documentos diplomáticos publicados sobre essa insolúvel questão. Diversas comissões se ocuparam de interpretar o sentido do trabalho de Utrecht ou de resolver o problema por uma decisão definitiva, porém as suas convenções foram sucessivamente abandonadas.

Estas palavras motivaram o *diplomata* Rio Branco escrever outra extensa nota de rodapé no *Appendice*, tratando da questão dos Tratados de Limites – esta será a segunda e última nota de rodapé que não transcrevemos integralmente –o brasileiro lembrou que os tratados celebrados desde 1797 até 1802 não interpretavam o de Utrecht, de 1713, fixavam limites diferentes, impostos pela França. O primeiro, assinado em Paris aos 10 de agosto de 1797, estabelecia o limite apontado por Portugal e outro limite por parte da França. Como resultado, esse tratado não foi ratificado. O segundo, assinado em Badajoz em 6 de junho de 1801, estabelecia o limite no Araguari, mas também não foi ratificado. O terceiro, assinado em Madrid em 29 de setembro de 1801, estabelecia o limite no Carapanatuba, perto de Macapá, contudo, por uma manobra francesa:

---

[252] Rio Branco anotou: Nunca houve n'essa região outro rio, além do Oyapoc junto ao Cabo d'Orange, a que tivesse sido applicado esse nome ou as variantes Ojapoc, Japoc, Yapoc, Yapoco, e outras. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

[253] Rio Branco enfaticamente anotou: O Amazonas está expressamente excluido no Tratado de Utrecht, e, comquanto descoberto em 1500 por Vicente Pinson, como a costa oriental da Guyana, nunca teve o nome do seu descobridor. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

[254] Rio Branco arrematou a questão sobre este rio com a nota: Não havia razão para que o Tratado de Utrecht chamasse « Japoc ou Vicente Pinson » o *Araguary*, que desde 1596 figurava em todas as chartas com o nome de Araguary (Arrowari, segundo a orthographia do inglez Keymis). Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474-475.

> [...] que « apezar da troca das ratificações, o artigo 4° d'esse Tratado ficava substituido pelos artigos 4° e 5° do Tratado de Badajoz », passando, portanto, o limite para o Araguary. Veio depois o Tratado de Amiens, de 25-27 de Março de 1802, o qual reproduzio os artigos do Tratado de Badajoz, de 6 de Junho de 1801. Mas Portugal não estava representado no Congresso de Amiens e nunca deo a sua accessão a esse Tratado. Tendo a França invadido Portugal em 1807, o Principe Regente publicou no Rio de Janeiro o seu Manifesto e declaração de Guerra de 1° de Maio de 1808, no qual ha este trecho: – « Sua Alteza Real declara nullos e de nenhum vigor todos os Tratados que o Imperador dos Francezes o compellio a concluir, e particularmente os de Badajoz e de Madrid de 1801, e o de Neutralidade de 1804... ».
> Em 1809, um corpo de tropas brasileiras do Pará e uma divisão naval portugueza, auxiliada por uma corveta ingleza, fizeram a conquista de toda a Guyana Franceza. Só depois da Paz Geral foi essa colonia restituida á França nos termos do artigo 107 do Acto final do Congresso de Vienna, de 9 de Junho de 1815, e nos da Convenção de Pariz de 28 de Agosto de 1817, isto é, o Principe Regente do Reino de Portugal e do Brazil restituio ao Rei da França « a Guyana Franceza até ao rio Oyapoc, cuja embocadura está situada entre o quarto e o quinto gráo de latitude septentrional, limite que Portugal sempre considerou ser o que havia sido fixado pelo Tratado de Utrecht. [...] Portugal ficou assim mantido na posse do territorio contestado, devendo o litigio ser depois resolvido amigavelmente [...].
> A linha extrema da pretensão franceza para Oéste ficou sendo aquelle meridiano de 322° a Leste da Ilha do Ferro, isto é, 58° a Oéste de Pariz[255].

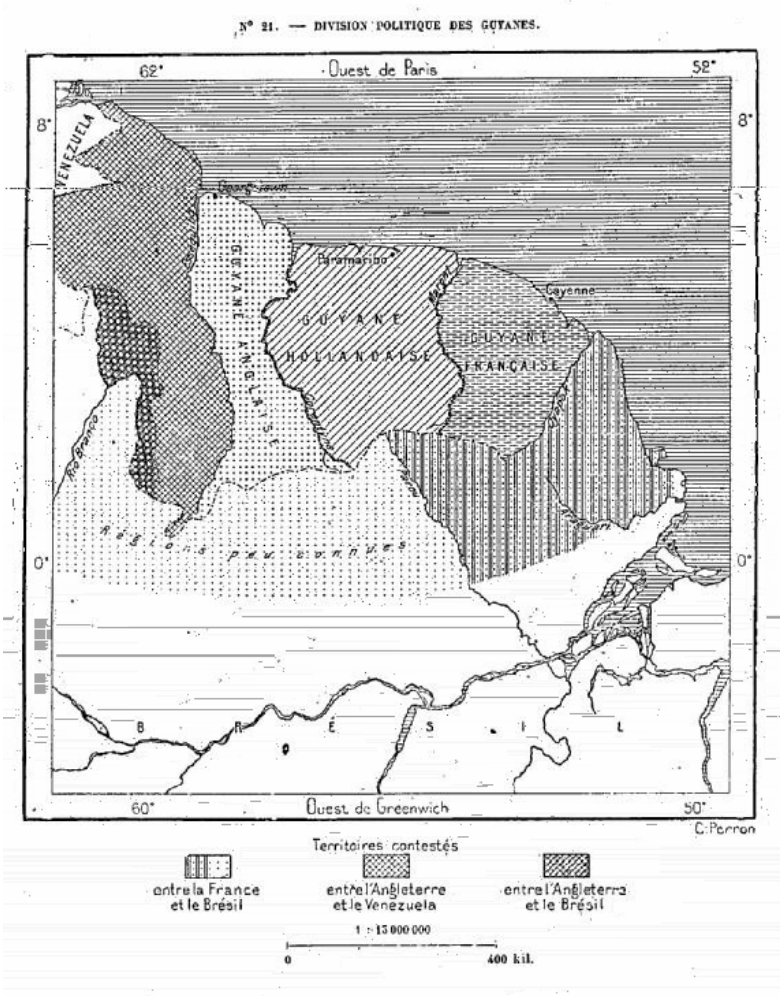
Depois da longa nota de Rio Branco tratando da questão dos Tratados. Reclus prosseguiu afirmando que o Brasil herdeiro de Portugal, formulou as mesmas reivindicações, pedindo também a fronteira do Oiapoque como limite; não obstante, ele propôs que se pusesse termo ao litígio tomando o Calçoene por limite[256].

---

[255] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 475-476.

[256] Rio Branco anotou que o Brasil: Propoz em 1856, como *transacção*, mas sustentando então, como sempre, que o limite de direito é o Oyapoc ou Vicente Pinson. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 476.

Mapa 9. Divisão Política das Guianas com o Brasil, a partir da *Nouvelle Geographie Universelle* (1894) de Élisée Reclus.



fonte: RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894, p. 89.

O *sabio geographo francez* prosseguiu com sábias palavras:

> Mas a historia não se decreta: ella se faz, ignorando os tratados e as convenções. Em 1836, os Francezes estabeleceram um posto militar no centro do territorio contestado, no lago do Amapá[257], e,

[257] Sobre este ponto Rio Branco anotou que: O Governo de Luiz Philippe violou assim o estipulado no Artigo 107 do Acto final do Congresso de Vienna (1815) e na Convenção de 1817. O pretexto allegado para essa occupação militar de parte do territorio contestado foi a guerra civil que lavrava no Pará, mas, pacificada a provincia, continuou a occupação, apezar das instantes reclamações do Governo Brasileiro. Só cedeo, ordenando a retirada do posto do Amapá, em 1840, depois que o Governo Britannico, reclamou em Pariz o cumprimento das estipulações de 1815 e 1817. Cf.

> quatro annos depois, os Brasileiros fundaram a colonia militar D. Pedro Segundo, na margem esquerda do Araguary[258]. Uma convenção decidio que as potencias rivaes evacuassem o territorio em litigio, e a França abandonou com effeito a sua posição no Amapá; mas o Brasil manteve a zona de territorio occupada[259], e mesmo, em 1860, fez acto de dominação politica no norte do Araguary, até ao Tartarugal[260]. [...]

Neste trecho do texto, nos aproximamos de um fato histórico e político curioso descrito por Reclus:

> [...] A região, outr'ora deserta, se foi povoando pouco a pouco; algumas aldeias se formaram, e os habitantes, na maior parte desertores e fugitivos brasileiros aos quaes a independencia deveria bastar, procuraram sahir d'esse estado de indivisão politica. Varias vezes elles pediram para que os annexassem á Guyana Franceza, principalmente em 1883, por occasião da visita do explorador Coudreau. Finalmente, em 1886, os residentes de Cunany, principal aldeia do contestado septentrional, decidiram proclamar a sua autonomia politica; era-lhes preciso, porém, um presidente francez, e Pariz divertiu-se com a historia de um honrado geographo de Vanves transformado subitamente em chefe de um Estado de nome até então desconhecido, e que se rodeou immediatammente de uma côrte, constituio ministerio e fundou uma ordem nacional, a *Estrella de Cunany*, com um pessoal de commendadores, grã-cruzes, officiaes e cavalheiros

---

RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 476.

[258] Segundo anotou Rio Branco: O Brasil tinha o direito de fundar postos militares em um territorio que continuou a ser possessão sua, em virtude das estipulações de 1815 e 1817, até decisão amigavel do litigio. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 476.

[259] Rio Branco reclamou que: A evacuação do posto francez do Amapá não foi precedido de convenção alguma. O Governo Francez, que desattendera ás reclamações do Brasil, attendeo incondicionalmente ás da Grã-Bretanha. Um anno depois da evacuação do Amapá pelos Francezes foi que Guizot declarou, em Despacho de 5 de Julho de 1841 á Legação Franceza no Rio de Janeiro, que « il doit être bien entendu que le *status quo* actuel, en ce qui concerne l'*inoccupation du poste de Mapa* » (Amapá) « sera strictement maintenu, jusqu'à ce qu'on soit parvernu à se concilier sur l'objet principal du litige ». O Governo Brasileiro, por uma nota de 18 de Dezembro de 1841, declarou-se prompto para encetar em Pariz negociações que puzessem termo ao litigio. É a essa troca de notas, que se deo o nome de accordo de 1841. Desde então ficou neutralisada a parte do territorio contestado comprehendida entre o posto evacuado e o Oyapoc, como disse muito bem o Sr. E. Levasseur n'este trecho do *Brésil da Grande Encyclopêdie*: – « ... e o accordo de 1841, sobre o *status quo*, declarou neutro o territorio entre o Amapá e o Oyapoc ». Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 476-477.

[260] Sobre esta região Rio Branco afirmou: O territorio entre o Tartarugal e o Araguary não foi neutralisado, nem em 1841, nem posteriormente. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 477.

> superior em numero ao dos habitantes da capital da republica. Esse governo durou pouco: alguns mezes depois o ministro destituia o presidente da nova communidade politica. O Estado independente de Cunany tinha desapparecido[261].

Sobre a República de Cunany, Rio Branco anotou as seguintes palavras, como também, apresentou outras que reforçavam seus argumentos:

> O preto Trajano e alguns outros, mas a quasi totalidade dos habitantes tem manifestado, sempre que se offerece occasião, os seus sentimentos brasileiros. O major E. Peroz, commandante das tropas na Guyana Franceza, disse o seguinte no seu Relatorio datado de Cayenna, em 27 de Maio de 1895: – « Les 8 ou 10 000 habitants fixés actuellement sur le Contesté sont Brésiliens de coeur et patriotes dans l'âme».[262]

Reclus prosseguiu o texto com novas críticas aos diplomatas que desejam decretar a história, porque:

> Quaesquer que sejam as convenções que os diplomatas concluam ou as decisões que os interessados tomem, a solução está imminente, porque a região, outr'ora solidão sem valor apreciavel, está hoje conhecida, graças ás explorações de Coudreau[263], e os seus recursos despertam a cubiça dos vizinhos do Norte e do Sul. A população[264], avaliada em 1 500 habitantes por ocasião da proclamação da ephemera independencia, elevava-se ao dobro seis annos depois, e o commercio annual já attinge um milhão e meio de francos. Os vapores costeiros que fazem o serviço de todo o litoral sul-americano, de escala em escala, são ainda

[261] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 477.

[262] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 477.

[263] Rio Branco contrapõem as palavras de Reclus afirmando que: Além de Coudreau, outros exploradores podem ser citados, e entre elles o capitão-tenente Costa Azevedo (depois almirante e Barão de Ladario), que de 1858 a 1861, em commissão do Governo Brasileiro, explorou todo o territorio comprehendido entre o Oyapoc e o Araguary, o engenheiro Gonçalves Tocantins, o professor Emilio Goeldi, e o capitão Felinto Alcino Braga Cavalcanti, que explorou o Alto Araguary, o seu affluente Mapary ou Amapary e os principaes tributarios d'esses dois rios. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 477-478.

[264] Nesta nota Rio Branco corrigiu Reclus: A população da parte do territorio contestado, comprehendida entre o Oyapoc e o Araguary, deve ser hoje (1897) de uns 10 000 habitantes. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 478.

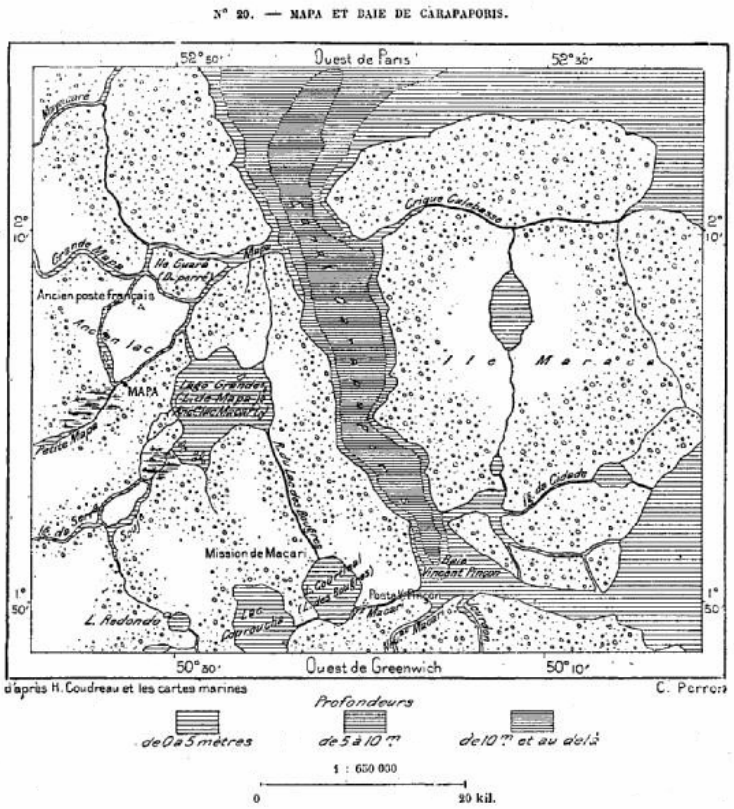
desconhecidos entre a foz do Oyapoc e a do Mapá[265]; todavia uma navegação activa é feita por uma especie de pequenas escunas que os indios denominam « tapuias ». Estas embarcações, de 5 a 10 tonneladas, são de construcção indigena; a este respeito os Guyanenses independentes são mais industriosos do que os habitantes da Guyana Franceza. As suas pequenas enseadas fluviaes, com barras de pouco fundo, só dão entrada franca a navios de pequeno calado, mas a natureza deo-lhes o melhor ancoradouro da costa entre o Orenoco e o Amazonas: a profunda bacia do Carapaporis que se abre a Léste da ilha de Maracá e que foi em época pouco remota a bocca do Araguary[266]. Este lugar de refugio, aberto nos perigosos mares em que estrondoa a pororoca, póde se tornar um dos ancoradouros mais frequentados do Atlantico.[267]

[265] Rio Branco anotou: Mapá nos documentos francezes, Amapá nos brasileiros. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 478.

[266] No início desta nota, Rio Branco deixou aflorar palavras críticas anotadas no texto do *sabio geographo francez*. Essas palavras também podem ser interpretadas como motivadoras das demais anotações presentes no *Appendice*. Anotou Rio Branco: Esta informação, acceita sem exame pelo douto E. Reclus, não é exacta. A foz do Araguary já estava situada no mesmo logar, ao Sul do Cabo Raso (antigo Cabo Corso), em 1596, quando o inglez Lawrence Keymis, pela primeira vez, tornou conhecido o nome indigena – *Arrowari*. – Isso se póde verificar, não só na relação de Keymis (*A Relation of the second voyage to Guiana*, Londres, 1596) e na de Robert Harcourt (*A Relation of a voyage to Guiana*, Londres, 1613), mas tambem, e muito melhor, no mappa manuscripto da Guiana, desenhado em Londres em 1608 por Gabriell Tatton á vista dos trabalhos de exploração que acabavam de trazer os companheiros de Robert Harcourt. N'esse mappa o rio « *Arowary* » desenbocca ao Sul de « *Point Perilous* » (Cabo Raso), ao Norte do qual ficam as grandes ilhas de « *Carapaporough* » (Carapaporis, ou Maracá, ou ilha do Cabo do Norte). Depois, do Sul para o Norte, estão as embocaduras dos rios « *Maicary* » (Mayacaré), « *Coshebery* » (Calçoene ou Carsewenne), « *Comawiny* » (Cunany), « *Cassiporough* » (Cassiporé ou Cachipour), o « *Cape Sicell* » (C. Cecyl ou Cabo d'Orange), e as embocaduras do « *Arracow* » (Arucauá) e do « *Wiapoco* » (Uayapoco ou Oyapoc). Cumpre notar que no mappa está assignalado o ponto do Baixo Araguary a que chegou a exploração realisada em 1608, subindo o rio, pelos capitães Michael Harcourt e Edward Harvey. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 478-479.

[267] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 478-479.

Mapa 10. Mapa (Amapá) e Baia do Carapaporis, a partir da *Nouvelle Geographie Universelle* (1894) de Élisée Reclus.



fonte: RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894, p. 87.

Reclus continuou o texto com uma descrição das práticas dos habitantes:

> Os Cunanienses não exploram as alluviões auriferas dos valles, mas as suas grandes savanas lhes permittem possuir vastos curraes, segundo Coudreau, conta-se uns 18 000 bois entre o Oyapoc e o Araguary: a criação de gado se estende mesmo fóra do continente, na ilha de Maracá, outr'ora completamente deserta. A pesca é muito proveitosa: os lagos são ricos em pirarucús, que, depois de seccos, são vendidos nos mercados de Cayena e do Pará. Os pescadores arpoam também o peixe boi, apanham as tartarugas, e matam os machoirans para extrahir-lhes a colla de

> peixe, e os habitantes dos mattos extraem a borracha e outras gommas preciosas.[268]

Continuou Reclus afirmando que a ocupação da:

> A população, cujos dois terços, approximadamente são de origem brasileira[269], fala geralmente o idioma portuguez; todavia o dialecto creoulo francez de Cayena, mesclado de termos indios é geralmente conhecido. Portuguezes, Martinicanos e creoulos francezes constituem o outro terço com os mestiços indigenas que outr'ora eram os unicos habitantes d'essa região. Estes ultimos são conhecidos sob o nome de Tapuyos, palavra que na « lingua geral » ou tupy do Brasil significa « estrangeiro » « inimigo », e que acabou por se applicar indistinctamente a todos os Indios sedentarios das margens do Amazonas, e até aos mestiços cuja côr da pelle é diferente da d'elles.[270]

Reclus prosseguiu com palavras sobre a ocupação territorial:

> A pressão politica faz-se sentir sobretudo do lado do Brasil, servindo a colonia militar de Pedro Segundo de ponto de apoio para a tomada de posse gradual do território; o proprio districto de Apurema, com suas grandes savanas e suas fazendas de gado que se extendem ao norte do Araguary, a róda do Lago Novo, tornou-se uma simples dependencia administrativa de Macapá. Os Brasileiros avançaram muito além, na direção do Amapá, onde fundaram a colonia Ferreira Gomes[271]. Pelo contrario, do lado da Guyana franceza, as terras em parte alagadas, que atravessam o Uaçá e o Cassiporé, contam-se entre as mais desertas do territorio contestado. Não obstante, o comercio de Cunany e de Amapá dirige-se mais para Cayenna do que para o Pará[272]: a razão está na maior proximidade do mercado de Cayenna e em que o seu accesso offerece menos perigos. Do outro lado abre-se o perigoso

---

[268] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 479.

[269] Rio Branco contrapõe Reclus: A população fixa é toda de origem brasileira. Só no Calçoene ha como população fluctuante e adventicia, composta não só de Brasileiros, como tambem de estrangeiros de differentes nacionalidades. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 479.

[270] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 479.

[271] Nesta nota Rio Branco contesta Reclus afirmando que: A colonia Ferreira Gomes foi fundada á margem direita do Araguary, fóra, portanto, do território contestado. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 480.

[272] Conforme Rio Branco: Era assim antigamente, mas não agora, desde alguns annos. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 480.

> golfo do « mar doce », com as suas ilhas, suas correntes, suas marés baixas e seus mascaréos.[273]

Prosseguiu Reclus com palavras sobre os agrupamentos humanos:

> As tres aldeias do norte, Arucaná, Curipy e Uaçá[274], na bacia do mesmo nome, são apenas pobres agrupamentos de palhoças, em torno das quaes erram os Indios Paricuras (Palicour) e Aruãs; Cassiporé apenas abriga em seus ranchos uma dezena de familias. Os dois burgos propriamente ditos estão no sul: Cunany, que deu o seu nome á republica independente e foi a sua capital[275], e Amapá, perto do qual os Franceses haviam construido o seu fortim em 1836, e que é o estabelecimento mais proximo do ancoradouro de Carapaporis. Algumas casas de madeira e de tijolo apparecem por cima das habitações cobertas de folhas de palmeira, mas cada uma das duas localidades tem a sua escola e o estado intellectual e moral da população em nada differe do que se observa nas regiões vizinhas [...]. Em 1890, um serviço de vapores foi estabelecido entre o Pará e a foz do Amapá, tendo por escala a ilha Bailique, na entrada do golpho amazonico.[276]

Por fim, Reclus escreveu:

> Todos esses pequenos centros de população se constituiram administrativamente em capitanias com um primeiro capitão, um segundo capitão e um sargento, prepostos que se consulta « quando elles têm algum valor pessoal » mas cujas ordens ficam sem effeito quando elles desagradam aos cidadãos. Póde-se dizer que n'essas minusculas communidades sómente a unanimidade tem força de lei. Os funccionarios são nomeados e demittidos por acclamação nas assembléas publicas.[277]

---

[273] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 479-480.

[274] Segundo anotou Rio Branco: O autor, como os Francezes, escreve assim esses tres nomes: Rocaoua, Couripi e Ouassa. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 480.

[275] Sobre este tema anotou Rio Branco: A « Republica de Cunany » imaginada em Pariz, e especialmente em Vanves, nunca chegou a ser conhecida em Cunany e no Territorio contestado. Os differentes nucleos de população, – Amapá, Cunany, Cassiporé, Uaçá, Curipy, Arucauá, – sempre tiveram os seus chefes ou governos particulares, de sorte que nunca houve n'essa região uma capital. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 480.

[276] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 480.

[277] RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 481.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado no início desse trabalho, nosso objetivo foi estudar a geografia do Brasil de Reclus, a partir do capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle* em cotejo com a sua tradução *Estados Unidos do Brasil*. De alguma forma, nosso objetivo se aproxima do estudo do que Ruy Moreira chamou de "matrizes clássicas originárias"[278], contudo, restrito a Reclus.

Nossa escolha em estudar o Brasil de Élisée Reclus, se deu por alguns motivos já apresentados, e acreditamos poder se somar um outro no espírito das palavras de Ítalo Calvino: "A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos"[279].

Nesse sentido, caminhou esse trabalho quando buscamos reconstituir o contexto da viagem de Reclus ao Brasil; no mapeando das instituições científicas que visitou e na anatomia das práticas de seus sócios nas sessões de recepção do geógrafo francês que indicavam que mesmo o país vivendo um novo regime político os partidários da Monarquia ainda conseguiam concessões da República; estudamos as breves *explorações instrutivas* do "geógrafo experimentador"[280] ao interior do Estado de São Paulo e no Rio de Janeiro; localizamos os agradecimentos aos brasileiros com quem trabalhou para escrever o capítulo do Brasil, e por fim, das sinceras e eurocentricas cartas tropicais de Reclus.

Continuamos com o mapeamento dos fundamentos científicos e filosóficos do geógrafo francês que possibilitou pequeno aprofundamento na interpretação da influência de uma escola nacional de geografia em outra, ou seja, vizualizar que Reclus inscreve-se como um "geógrafo ritteriano"[281]; efetuamo a compreensão

---

[278] MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**, v. 1: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 10.
[279] CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.16.
[280] ALAMBERT Jr., Francisco Cabral**. Civilização e Barbárie, História e Cultura**: representações culturais e projeções da "Guerra do Paraguai" nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 121.
[281] RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. **Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia**: cartografia de uma interseção. 2010. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 148.

que a *NGU* está alinhada ao espírito das enciclopédias geográficas universais que marcaram o século XIX por também ser resultado da sistematização do conhecimento das diferentes latitudes e longitudes da Terra; A partir dos sumários da *NGU* e de *EUB* realizamos uma breve descrição e análise da regionalização do Brasil compreendendo esse tema como síntese de outros dois: hidrografia e território, que constituem-se como alguns dos elementos centrais do método geográfico de Reclus; e, finalmente, estudamos a cartografia e a iconografia do Brasil de *EUB* produzidos por Charles Perron e outros colaboradores que tão bem representaram o "pensamento imagético da época"[282] elaborando "miniaturas da realidade"[283].

Com isso, chegamos ao Brasil de Reclus. Efetuamos um breve estudo do contexto de sua tradução e publicação, que pode ser entendido que se inicia com um fato anterior a sua viagem ao Brasil, ou seja, a publicação do *Le Brésil* em 1889 por Émile Levasseur e outros autores, nesse contexto está a assinatura do Tratado de Arbitramento de 10 de abril de 1897 entre Brasil e França acerca da fronteira Guiana / Amapá, passando pela eleição de Reclus como sócio correspondente estrangeiro[284] na "Casa de Machado de Assis" e a publicação do Laudo Arbitral na Questão do Amapá de 1900[285]; um detalhamento se fez com o exame bibliométrico das referências tropicais de Reclus que apontou que Orville A. Derby possue a maior quantidade de citações em *EUB* acerca de temas geográficos e que, por sua vez, Francisco Adolpho de Varnhagen teve a maior quantidade de citações em história no Brasil de Reclus. Contudo, outros 45 autores são referências de temas brasileiros em *EUB*; novamente com a ajuda da bibliometria nos autoriza afirmar que a interpretação de que uma tradução pode ser material para várias dissensões, mais espeficicamente 152 dissensões. E, por

---

[282] ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas" do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, jul.-dez. 2005, p. 21.

[283] ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas" do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, jul.-dez. 2005, p. 31.

[284] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Ata da sessão de 25 de outubro de 1898**. Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br>. Acesso em: 31 jul. 2009.

[285] GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 344.

fim, estudamos a publicação de um apêndice em uma obra com tantas divergências esse apêncide não poderia estar afastado desse universo, nesse sentido, entedemos que a controvésia entre Reclus-Rio Branco com o texto *Território contestado franco-brasileiro* acerca do estabelecimento da fronteira entre Guiana e o Amapá representa outra grande dissensão.

Várias questões podem emergir desse tema, desse estudo. No entanto, nesse momento, nos contentamos com uma: pode uma Geografia Universal ser elaborada a partir do modelo civilizacional francês?

Beatrice Giblin em seu artigo[286] expressa sua visão acerca do caso de Reclus com a Argélia como "um caso ambíguo"[287], por sua vez, Yves Lacoste desse mesmo modo, escreveu em uma nota de rodapé:

> [...] Quant à la position de Reclus à la l'egard de la colonisation en Algérie, elle était fort ambigüide, dans la mesure où pour lui il s'agissait de petits colons qui travaillaient dur de leurs mains et non pas de grands planteurs comme dans la plupart des autres colonies.[288]

Acreditamos que essas visões devem ser debatidas e superadas para atingirmos o mapeamento da diversidade da experiência humana sobre a Terra, para assim também entendermos seu significado intrínseco e suas diferentes modalidades ao mesmo tempo preocupando-se com uma dimensão mundial da geografia (BERDOULAY; VARGAS, 2003b).

---

[286] GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus et la colonisation. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 56-79.
[287] GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus et la colonisation. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 58.
[288] LACOSTE, Yves. Géographicité et géopolitique : Élisée Reclus. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.-sept.1981, p. 38.

REFERÊNCIAS

Fontes Básicas

Biblioteca Florestan Fernandes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo:
Seção de Obras Raras.

Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Fundação Biblioteca Nacional:
Seção de Obras Raras.
Seção de Periódicos.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Sociedade Brasileira de Geografia.

Academia Brasileira de Letras.

Centro de Documentação do Departamento de Comunicações e Documentação do Ministério das Relações Exteriores:
Seção do Arquivo Histórico.

Periódicos

Cidade do Rio, 1893.
Diário de Notícias, 1893.
O Fluminense, 1893.
Gazeta da Tarde, 1893.

Gazeta de Notícias, 1893.
Jornal do Commercio, 1893.
Jornal do Brasil, 1893.
O Paiz, 1893.
Reformador, 1893.

Bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Acta da sessão de 28 de janeiro de 1897**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br>. Acesso em: 31 jul. 2009.

_____. **Ata da sessão de 25 de outubro de 1898**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br>. Acesso em: 31 jul. 2009.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **Assembléia Geral de 21 de Outubro de 1838**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1838.

_____. **ATA DA 7ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 16 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

_____. **ATA DA 8ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 30 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

LEVASSEUR, Émile. **O Brasil** por E. Levasseur; com a colaboração de Barão do Rio Branco, Eduardo Prado, Visconde de Ourém, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart e Zaborowski; Apêndice por E. Glasson. Rio de Janeiro: Bom Texto e Letras & Expressões, 2000.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO. Directoria Geral de Estatistica. Estudos da Commissão da Carta Geographica do Brazil. **Republica dos Estados Unidos do Brazil**, 1889.

RECLUS, Élisée. Considerations générales. In : _____. **Nouvelle Géographie Universalle**. L'Europe Méridionale : Grèce, Turquie, Roumanie, Serbie, Italie, Espagne et Portugal. Paris : Hachette, Tome I; 1876, p. 1-8.

_____. **Nouvelle Géographie Universalle**. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX; 1894.

_____. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

_____. **Correspondance**, Tome III et dernier. Septembre 1889 - Juillet 1905. Paris : Alfred Costes, 1925.

RITTER, Carl. De la configuration des continents sur la surface du globe, et leurs fonctions dans l'histoire. **Revue germanique**, v. 8, n. 11, 1859, p. 241-267.

SILVA, Moacir M. F. Geografia dos Transportes no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Ano I, n. 2, p. 84-97, Abr. 1939.

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO, Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Ata da Sessão de Fundação da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro"**. Rio de Janeiro, t. 1, n. 1, 1885, p. 178.

_____. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Sessão extraordinaria da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro em honra ao sabio geographo francez"**. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

_____. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Marquez de Paranaguá, presidente da Sociedade"**. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

_____. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez"**. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

_____. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Barão Homem de Mello, orador nomeado para a recepção do illustre geographo"**. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

_____. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, **"Mr. Elysée Réclus: Conferencia pelo Sñr. Dr. Torquato Tapajós, em honra ao distincto geographo, sobre o valle do Amazonas"**. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

Livros, Artigos, Dissertações e Teses

AB'SABER, Aziz e CHRISTOFOLETTI, Antonio. Geociências. In: FERRI, Mário; MOTOYAMA, Shozo (org.). **História das Ciências no Brasil**. 3 v., São Paulo: EDU/EDUSP, 1979, p. 117-238.

ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. **Civilização e Barbárie, História e Cultura**: representações culturais e projeções da "Guerra do Paraguai" nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. In: SANTOS, Milton (org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1982, p. 181-201.

ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais; 49)

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas" do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 21-72, jul.-dez. 2005.

ASSIS, Jesus de Paula. Kuhn e as ciências sociais. **Estudos Avançados**. n. 19, vol. 7, set./dez., 1993, p. 133-164.

BASALLA, George. La Difusión de la Ciencia Occidental. **Cuadernos del Seminário**. vol. 3, n. 1/2, Ene-Dic, 1997.

BERDOULAY, Vincent. **La Formation de L'École Française de Géographie (1870-1914)**. Paris : Bibliothèque Nationale, 1981.

_____. A abordagem contextual. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 47-56, jul./dez. 2003a.

BERDOULAY, Vincent; VARGAS, Héctor Mendoza. Por una historia mundial de la geografía. In: _____. **Unidad y diversidad del pensamiento geográfico en el mundo**. Retos y perspectivas. México: UNAM; INEGI; UGI, 2003b, p. 9-17.

BOINO, Paul. O pensamento geográfico de Élisée Reclus. In: RECLUS, Élisée. **Da**

ação humana na geografia física; **Geografia comparada no espaço e no tempo**. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.

BRITO, Edson Machado de. **Do sentido aos significados do presídio de Clevelândia do Norte**: repressão, resistência e a disputa no debate da imprensa. São Paulo, 2008, 92 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofia en la geografia contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981.

_____. Historia de las ciencias e historia de las disciplinas científicas. Objetivos y bifurcaciones de un programa de investigación sobre historia de la geografia. **Geo Crítica**: Cuadernos Críticos de Geografia Humana. Ano XIV, n. 84, diciembre 1989.

_____. **Geografia contemporânea**: ciência e filosofia. Maringá: Eduem, 2010.

CARDOSO, Fernando Henrique. Dos governos militares a Prudente – Campos Sales. In: FAUSTO, Boris (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III O Brasil Republicano. 1° Volume Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

CARDOSO, Luciene P. Carris. A visita de Élisée Réclus à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. **Revista da Sociedade Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAUI, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo,

CODELLO, Francesco. Élisée Reclus: educação e natureza. In: CODELLO, Francesco. **"A boa educação"**: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neil. v. 1, São Paulo: Imaginário: Ícone, 2007, p. 187-229.

CREAGH, Ronald. Reclus, ou a grande narrativa da Terra. In: RECLUS, Élisée. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas**. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.

DANTES, Maria Amélia M. A implantação das ciências no Brasil. Um debate historiográfico. In: ALVES, José Jerônimo de Alencar (org.). **Múltiplas faces da história das ciências na Amazônia**. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2005a, p. 31-48.

_____. As ciências na história brasileira. **Ciência e Cultura**. v. 57, n. 1, Jan./Mar. 2005b, p. 26-29.

DUARTE, Regina Horta. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Élisée Reclus, **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, 2006, p. 11-24.

DUNBAR, Gary S. **Élisée Reclus**: Historian of nature. Hamden: Archon Books, 1978.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. 17ª edição, São Paulo: Perspectiva, 2002.

ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

FERRETTI, Federico. Élisée Reclus, le géographe qui n'aimait pas les cartes. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2007. Disponível em: <http://blog.mondediplo.net/2007-11-11-Elisee-Reclus-le-geographe-qui-n-aimait-pas-les>. Acesso em: 31 mar. 2010.

_____. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010. Disponível em: <http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>. Acesso em: 31 mar. 2010.

FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. **As ciências geológicas no Brasil**: uma história social e institucional, 1875-1934. São Paulo: HUCITEC, 1997.

FOUCAULT, Michel. Sobre a geografia. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 43ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (Estudos latino-americanos, v. 12)

GANGER, Stéphane. Guiana francesa, um território europeu e caribenho em via de "sul-americanização"?. **Confins**, Paris, São Paulo, n. 4, 2008. *Open access.* Disponível em: <http://confins.revues.org/5003>. Acesso em: 01 ago. 2011.

GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus : géographie, anarchisme. **Hérodote**, n. 2, Paris : François Maspero, avril-juin 1976, p. 30-49.

_____. Élisée Reclus, 1830-1905. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 6-12.

_____. Élisée Reclus et la colonisation. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 56-79.

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. São Paulo: FTD, 1990.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 156 (388), jul./set. 1995, p. 459-613.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto. (org.) **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

HOBSBAWM, Eric J. **A era do capital**, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **A era dos impérios**, 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KORINMAN, Michel. Carl Ritter (1779-1859). Un des premiers grands géographes universitaires. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 129-148.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LACOSTE, Yves. A Geografia In: CHÂTELET, François. (org.). **História da Filosofia, Idéias, Doutrinas (A Filosofia das Ciências Sociais)**. v. 7, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

_____. Géographicité et géopolitique : Élisée Reclus. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.-sept.1981, p. 14-55.

_____. **A Geografia - Isso Serve, em Primeiro Lugar, para Fazer a Guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

_____. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicité et une bienveillante géopolitique. **Hérodote**, n. 117, Paris : Éditions La Découverte, oct.-déc. 2005, p. 29-52.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000. (Biblioteca básica)

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil Descobre a Pesquisa Científica**: Os Museus e as Ciências Naturais no Século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997.

LOPES, Milton. Elisée Reclus e o Brasil. **GEOgraphia**. Niterói: UFF/EGG, v. 11, n. 21, 2009.

MACHADO, Lia Osório. Artificio Político en los origenes de la unidad territorial de Brésil. In: CAPEL, Horacio (org.). **Espacios Acotados. Geografia y dominación social**. Barcelona: Barcanova, 1989, p. 213-237.

_____. Origens do Pensamento Geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930) In: CASTRO, Iná Elias et alii. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995, p. 309-352.

MEYNIER, André. **Histoire de la Pensée Géographique en France (1872-1969)**. Paris : Presses Universitaires de France, 1969.

MIYAHIRO, Marcelo A. A viagem científica de Élisée Reclus ao Rio de Janeiro da Primeira República. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2009. Disponível em : <http://enhpgii.wordpress.com/trabalhos>. Acesso em : 01 ago. 2011.

MOLLIER, Jean-Yves. Les mutations de l'espace éditorial français du XXIIIe au XXe siècle. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 126-127, p. 29-38, mars 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico**: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel. São Paulo, 1983, 508 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983a.

_____. **Geografia**: Pequena História Crítica. São Paulo: HUCITEC, 1983b. (Série "Linha de Frente")

_____. **Ideologias Geográficas**: Espaço, Cultura e Política no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1988. (Série "Linha de Frente")

_____. Notas sobre a identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 166-176.

_____. História Social da Geografia no Brasil: elementos para uma agenda de pesquisa. Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, Rio Claro: FUNDUNESP, 1999, p. 17-23.

_____. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2004. (Geografia e Adjacências)

_____. **Geografia histórica do Brasil**: cinco ensaios, uma proposta e uma crítica. São Paulo: Annablume, 2009. (Geografia e Adjacências)

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos; 48)

_____. **O pensamento geográfico brasileiro**, v. 1: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MOSQUETE, Teresa Vicente. Geografia y educación. Eliseo Reclus y su labor geográfica en la Universidad Nueva de Bruselas. In: BERDOULAY, Vincent; VARGAS, Héctor Mendoza (ed.). **Unidad y diversidad del pensamiento geográfico en el mundo**. Retos y perspectivas. México: UNAM; INEGI; UGI, 2003, p. 249-270.

MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica**: ciência e nacionalidade no país D'os Sertões. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2007.

PELLETIER, Philippe. A cidade e a geografia urbana em Élisée Reclus e sua época. In: RECLUS, Élisée. **Renovação de uma cidade**; **Repartição dos homens**. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.

PEREIRA, José Veríssimo da Costa. A Geografia no Brasil. In: AZEVEDO, Fernando (org.). **As ciências no Brasil**. v. 1, São Paulo: Melhoramentos, 1955, p. 315-412.

PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. **Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**: origens, obsessões e conflitos (1883-1944). 2002. 186 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PETRONE, Pasquale. Geografia Humana. In: FERRI, Mário; MOTOYAMA, Shozo (org.). **História das Ciências no Brasil**. 3 v. São Paulo: EDU/EDUSP, 1979, p. 303-330.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 45ª reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1998.

RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara**: itinerario de una red. 2006. 75 f. Monografia (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006.

_____. **Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia**: cartografia de uma interseção. 2010. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

REIS, Arthur Cézar Ferreira. A ocupação portuguesa do vale amazônico. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo I A Época Colonial. 1° Volume Do Descobrimento à Expansão Territorial. São Paulo: Rio de Janeiro: DIFEL, 1976, p. 257-272.

_____. Os Tratados de Limites. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo I A Época Colonial. 1° Volume Do

Descobrimento à Expansão Territorial. São Paulo: Rio de Janeiro: DIFEL, 1976, p. 364-379.

RICUPERO, Rubens. **Rio Branco**: o Brasil no mundo. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000. (Série Identidade Brasileira)

SALDAÑA, Jose Juan. Marcos conceptuales de la historia de las ciencias en Latinoamérica. Positivismo y econominiscimo. In: SALDAÑA, Jose Juan. (Ed.) **El perfil de la ciencia en América**. Cuadernos de Quipu 1, 1986.

SANTOS, Milton. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1978. (Geografia: Teoria e Realidade)

_____. **Por uma Geografia Nova**: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1978. (Geografia: Teoria e Realidade)

_____. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 3ª edição, São Paulo: HUCITEC, 1999.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 3ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Pensamento Racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZMANN, Simon. **Um espaço para a ciência**: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Gutemberg de V.; RÜCKERT, Aldomar A. A fronteira Brasil-França. **Confins**, Paris, São Paulo, n. 7, 2009. *Open access.* Disponível em: < http://confins.revues.org/6040>. Acesso em: 01 ago. 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia** (Geografia e Ideologia). Petrópolis: Vozes, 1976.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeu**: um geógrafo do poder no Império do Brasil. 1997. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. As Outras Histórias ou da Necessidade Delas. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 137-145, 2000a.

_____. A ciência geográfica e a construção do Brasil. **Terra Livre**. São Paulo: AGB, n. 15, p. 9-20, 2000b.

_____. Geografia nos trópicos: história dos náufragos de uma jangada de pedras? **Terra Livre**, São Paulo: AGB, n. 17, p. 119-137, 2001.

_____. História da Pequena Crítica em Geografia no Brasil. In: MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: Pequena História Crítica. 19ª edição, São Paulo: Annablume, 2003, p. 11-15.

_____. **Planos para o Império**: os Planos de Viação do Segundo Reinado (1869-1889). 2004. 192 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

TATHAM. George. A Geografia no Século Dezenove. **Boletim Geográfico**. Ano XVII, n. 150, Maio-Junho de 1959, p. 198-226.

TORRES-GARCÍA, Joaquín. La escuela del sur. In: _____. **Universalismo constructivo**: contribución a la unificación del arte y la cultura de América. Buenos Aires: Editorial Poseidón, 1944, p. 213-219.